



Sebastiao Paulino @sebastiapolino @verdademz, #Nampula

fase provincial de jogos escolares decorre no proximo mes de Marco.



aldo xavier @aldoxavier42 @verdademz o que e que

esse guebas percebe de universidades se nem ele e academico



Hans Gruber @Irio @verdademz cidadão Irio

reporta voo TM 138 Maputo-Tete levantou voo e teve que voltar 5 minutos depois por motivos "operacionais"



Jucyline Mazuze @Jucyline RT: tass mal " @verdademz:

Desmobilizados de guerra ameaçam boicotar as eleições autárquicas #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/34571...>



yes i want my full n @ACACIOIs @verdademz: cidadão Acacio reporta: o

povo reclama falta de energia d kualidad em Murrupula norte #Mocambique



Isabel Laice @Isabell1904 @verdademz

Estamos sem emergia de novo no Bairro Triunfo. Todos os dias ha plo menos um corte. Quem paga os prejuizos com electrodomesticos?



Mario da costa @07mariodacosta @verdademz. o distrito de

massinga no centro de inhambane,a estrada nacional n1 esta sendo ameaçada com uma vaga de erosao, devido as chuvas



Nice @Stunna_Nice @verdademz: Ministério Público sul-africano

afirma que Pistorius cometeu crime premeditado <http://www.verdade.co.mz/newsflash/34567> "damn



Bazarcotwittar @bazarcotwittar @verdademz: Temos medo

do futuro Sr. Presidente. Os rumores de que seus rebentos abocanharam uma linha-férrea deixam-nos apreensivos.



António Francisco @aasfrancisco @verdademz - "não adianta

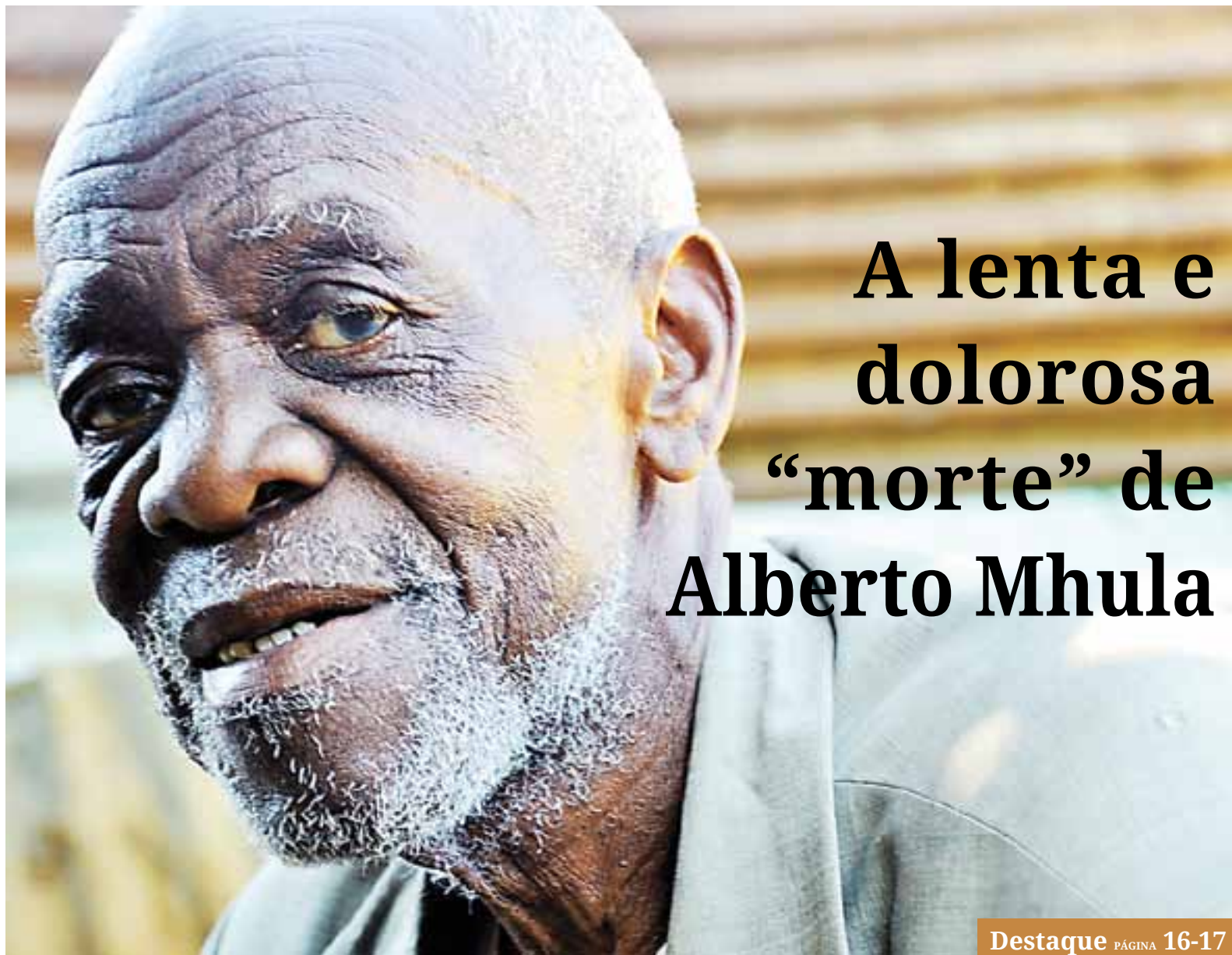
pedir a cabeça do PCA da EDM. O homem só peca por esperar que o demitam". Para seu azar não vai ter essa sorte.



Verdade Democracia @DemocraciaMZ Muito produtivo encontro com o voluntarissimo John Chekwa jornalista em Catandica #Manica distribuidor e colaborador d'@verdademz

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto

Siga verdademz



A lenta e dolorosa "morte" de Alberto Mhula

Destaque PÁGINA 16-17

www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

"NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS" - CARLOS CARDOSO

MURAL DO POVO - INUNDAÇÕES

Se os nossos governantes tivessem consciência, talvez refletissem mais sobre as 113 vítimas (por enquanto), em vez de pensarem só nos dólares.

MURAL DO POVO - LATRINAS DE SIMANGO/NHANCALE

Na minha tradição (Matswa) a primeira coisa que se faz antes de construir residência é a latrina. Não sei por que carga de

água os edis vizinhos se empenham em construir latrinas ou sanitários de luxo. Para mim o dinheiro gasto nos sanitários de luxo podia muito bem ser aplicado em receptáculos plásticos cintados às acácias (principais vítimas da urina). Com uma extensão colocar-se-ia a urina longe da acácia. Tudo isso porque não consultam o povo como fazia Samora Machel.

MURAL DO POVO - JORNALISMO INVESTIGATIVO

O matutino mais velho da praça publicou a imagem de um cidadão de idade avançada que violou três menores, nada mais. Não consultou psiquiatras para saber das causas. Queremos jornalismo investigativo.

MURAL DO POVO - GOVERNO Nós dizemos que este governo não vale. Quem não vale somos nós que os escolhemos ou nos abstivemos.

Quem provoca merda que agunte com o cheiro.

MURAL DO POVO - GOVERNO Vêm aí os ciclones, tornados, terremotos. Vamos em casa começar a fazer reservas de água em bidões plásticos, com sinal, para os localizarmos onde estiverem, como faz a cartrack. O governo há-de condicionar água em supertanques plásticos que mesmo no mar podem ser recuperados.

MURO DA VERDADE - Av. Mártires da Machava, 905

Autárquicas 2013: Candidatos do MDM conhecidos em Abril



Democracia PÁGINA 13



O fracasso de Quioto

Mundo PÁGINA 21

Um mulher que singrou no inacessível "mundo" dos homens



Plateia PÁGINA 22

Editorial

averdademz@gmail.com

Aves de rapina

Não pretendemos ser científicos e nem ter o dom da infalibilidade. Isto não é um tratado e muito menos um documento para os estudantes universitários carregaram debaixo do braço. É, isso sim, um desabafo. Este é o pior Governo da história de Moçambique independente. O Executivo de Guebuza colecciona incompetências como nenhum outro.

Este Governo criou a Revolução Verde e foi o que se viu: nem revolução, nem verde. Muito pelo contrário, vimos um ministro da Agricultura apontado com braço forte de uma esquema de venda ilegal de madeira. Era o que faltava para confirmar a nossa desgraça colectiva. O futuro apresenta-se cada vez mais sombrio neste reino de abutres.

Este Governo falou de combate à pobreza absoluta e hoje, pasme-se, há mais moçambicanos a viverem com menos de um dólar por dia do que quando Guebuza chegou ao poder. Vimos, também, uma ponte sobre o Zambeze ganhar o nome de Armando Emilio Guebuza. Não foi por falta de nomes melhores e que representassem, de facto, a unidade nacional, mas pela mesquinha colectiva de uma bando de idiotas que substitui a competência pela genuflexão. Ou seja, é mais fácil garantir um lugar no poleiro com a fotografia monumental do chefe do que com obra feita.

Vimos a chegada desenfreada de megaprojectos. Vimos o povo sem terra e os dirigentes mais rechonchudos. Vimos o mais alto magistrado da Nação prostituindo-se na mesa do presidente da Vale. Um autêntico insulto aos cidadãos de Cateme que estão de costas voltadas com aquela empresa e esperavam, por isso, uma postura dignificante do Chefe de Estado.

Vimos a desastrosa e vergonhosa recondução de Augusto Paulino à cadeia de procurador-geral da República. Augusto Paulino é um exímio coleccionador de declarações bombásticas, mas incapaz de esboçar qualquer tentativa de acção para mitigar o crime organizado. Recentemente disse que magistrados e advogados estão ao serviço do crime organizado. Antes revelou que a indústria imobiliária está a ser alimentada pela lavagem de dinheiro e por redes criminosas. Até aqui tudo bem. Paulino disse o que qualquer cidadão atento diria. Mas ele é o procurador-geral da República e o que se pede de uma figura com a sua responsabilidade não é um discurso emocionado, mas acções conducentes ao combate ao crime organizado.

Guebuza não devia ter reconduzido um charlatão. É isso que Augusto Paulino é. A responsabilidade que lhe assiste manda dizer que o homem não deve insinuar, mas agir. Não deve acusar, mas provar. É isso que se pretende de um procurador. Não podemos levar a sério quem reconduz um fala-barato. Isso é brincar com o povo e com a nossa segurança. Mas já estamos advertidos de que estamos entregues a nossa própria sorte. Até porque não foi só Augusto Paulino que Guebuza reconduziu para carimbar a nossa desgraça. Jorge Khalau continua a mandar na Polícia da República de Moçambique.

Não é preciso dizer que, com a onda de raptos e assaltos violentos que caracterizam o país, reconduzir Khalau é reconhecer e aprovar um atestado de insanidade sem espaço para discussão.

Mas não é só isso. Guebuza devia aconselhar – se é incapaz de o exonerar – Pacheco a colocar o seu lugar à disposição. A acusação segundo a qual o actual ministro da Agricultura está envolvido no tráfico de madeiras não é grave. É mais do que isso. A saída mais airosa para o ministro da Agricultura, neste caso, é a demissão.

A sua permanência no cargo só revela uma coisa: no reino da rapinagem a decência e a vergonha foram enterradas num caixão de madeira num cemitério chinês...



Boqueirão da Verdade

“Infelizmente estive na zona de Nicoadala onde a estrada esteve cortada. A reposição da via não demorou mais de uma hora. Foi muito estranho depois de ficar retido quatro dias e, de repente, e duma forma muito estranha, as máquinas começaram a operar (estiveram três dias paralisadas), em 5 minutos apareceram pedras e tudo. O mais estranho é que minutos depois chegou o ministro das Obras Públicas, acompanhado pela presidente da Assembleia da República, seguidos por jornalistas de quase todos os órgãos de comunicação social de Moçambique. O mais estranho de tudo: nenhum jornalista falou com os motoristas ou passageiros, muito estranho mesmo”, **Momade in**

“Que o sector da Educação beneficia do bolo grande em Moçambique em relação a muitos países não há dúvidas. Penso que falta uma planificação séria. Doar dinheiro à Educação para depois ser gasto em assessorias, ajudas de custo entre outros gastos evitáveis não nos levará a lado nenhum. Não nos podemos queixar de orçamento para a Educação”, **Eusébio A. P. Gwembe**

“(…) aí está o problema! Algo está errado, não se justifica, por exemplo, que uma escola em plena terceira cidade do país crianças estejam a sentar no chão, dentro da sala de aulas. Se forem as que ficam a estudar fora percebia-se. Não falo das que ficam no chão porque a sala está cheia, não. Falo de salas vazias de carteiras. Isso deve ser combatido e com urgência”, **Idem**

“Entre promover esta capacidade no MDM, na Renamo ou mesmo num jornal tão ideológico e histérico como o Canal de Moçambique, ou então jogar dinheiro fora alimentando organizações como o “Parlamento Juvenil”, acho preferível apostar nos partidos políticos (e em jornais), pois estes afirmam-se como tal e, em princípio, congregate a verdadeira diferença que precisa de ser respeitada no país”, **Elísio Macamo**

“A legitimidade de um partido não depende do número dos seus membros. Depende, isso sim, de se ter submetido a eleições e, nesse processo, ter sido escolhido por uma franja de eleitores. O MDM, independentemente do número de membros, tem legitimidade para falar em nome da franja de eleitores que nele votou. Mais ainda, tem mais legitimidade que, digamos, Salomão Muchanga, dirigente do PJ. Até diria mais, qualquer partido com presença nas assembleias provinciais/municipais tem legitimidade REAL para falar em nome do Povo”, **Gabriel Muthisse**

“Senão vejamos: o último elemento desta instituição (guarda da Polícia) tem como vencimento base 3.366,49 meticais e líquido a receber 3.102,86 meticais. Por sua vez, o rancho da família com três membros é de aproximadamente dois mil meticais, mais

4.200,00 meticais das despesas diárias na compra de mata-bicho e verduras ou carapau para jantar, já que está interdito de ter almoço, totalizando 6.200,00 meticais. (...) assim sendo, qual é a possibilidade de este membro sobreviver? Construir? Comprar manta e electrodomésticos”, **Carta dos agentes da PRM endereçada ao Primeiro-Ministro**

“Sabendo que esta instituição não possui sindicato para apresentar e discutir estas e outras questões, os membros em referência usam desta para informar a V.Excia que, caso não sejam satisfeitas as suas exigências, vão paralisar todas as suas actividades de patrulha e guarnição dos prisioneiros por tempo indeterminado, a partir do dia 1 de Abril do corrente ano”, **Idem**

“Não acredito que haverá greve. Aliás, não haverá. Trata-se de uma agitação levada a cabo por um grupo de indivíduos que está dentro e fora da corporação, que está a criar agitação para desmotivar as nossas actividades”, **Jorge Khalau**

“A Frelimo precisa de ter um líder que entenda que os mais de 20 milhões de moçambicanos não são militantes do partido Frelimo. Que o partido só tem três milhões e qualquer coisa de membros. Há mais de 19 milhões de cidadãos que não são do partido Frelimo. E estes mais de 19 milhões precisam de encontrar respostas para as suas necessidades e precisam de se sentir cidadãos de um País independente, em que os seus filhos derramaram sangue para libertá-lo”, **Jaime Macuane**

“O partido no poder, a Frelimo, é um partido maduro o suficiente para entender que os níveis de contestação popular a que se chegou mostra que a sua forma de fazer política é desajustada do actual contexto. As greves constantes, quer de populares, quer de classes profissionais, mostra que o Governo já não está a ser capaz de satisfazer as necessidades das pessoas”, **Idem**

“Portanto, tanto a Constituição da República como a Lei orgânica do Ministério Público, em nenhum momento permitem que um juiz ou um procurador possam exercer funções na Comissão Nacional de Eleições. Por conseguinte, salvo melhor opinião, não pode a Assembleia da República, contrariar a Constituição da República”, **Ismael Mussa**

“Deste modo, penso estar comprovadamente claro que a Assembleia da República ao aprovar a Lei da CNE, nos moldes actuais, incorreu numa clara violação da Constituição da República e das demais leis em vigor e consequentemente induziu em erro o Presidente da República que, no bom senso e visando assegurar eleições em tempo oportuno, promulgou e mandou publicar a referida lei”, **Idem**

O jornal do povo

“Leio o @Verdade porque divulga boas notícias. É educativo e traz críticas.

Gosto de ler assuntos sobre a vida quotidiana e, principalmente, por causa da maneira como os assuntos são tratados. O jornal tem uma boa

qualidade em termos de imagem e conteúdos. É muito abrangente, mas para nós, vendedores ambulantes, tem sido difícil ter acesso a ele. Que continue a crescer...”

Paulo Siteo



OBITUÁRIO:

Jerry Buss
1934 – 2013 • 79 anos



O proprietário dos Los Angeles Lakers, a segunda equipa com mais títulos na Liga Norte-americana de basquetebol (NBA), Jerry Buss, morreu no dia 18, vítima de cancro. Ele estava internado numa unidade hospitalar desde o último sábado, mas não resistiu às complicações da doença.

Buss já tinha entregue toda a gestão dos Lakers aos dois filhos, Jim e Jeanie Buss, embora tenha sido ele quem se encarregou das duas contratações mais sonantes no último defeso: a do base canadiano Steve Nash e a do poste Dwight Howard.

Mesmo num estado de saúde debilitado, foi também Jerry Buss que tomou conta do processo que demitiu o treinador Mike Brown e contratou Mike D'Antoni.

Buss era proprietário dos Lakers desde 1979, quando comprou as equipas de basquetebol e hóquei no gelo, Los Angeles Kings, ao empresário do ramo imobiliário Jack Kent Cooke. Sob a sua gestão, os Lakers conquistaram dez dos 16 títulos que contam no currículo.

Ele fez dos Lakers um dos maiores símbolos da cidade Los Angeles ao combinar grandes resultados desportivos com o brilho de Hollywood.

Os Lakers têm a folha de pagamento mais alta na NBA com 100 milhões de dólares e a revista Forbes avaliou-os recentemente em um bilião de dólares, deixando-os em segundo na NBA atrás apenas dos New York Knicks.

Gerald Buss nasceu no dia 27 de Janeiro de 1933 em Salt Lake City, no estado de Utah, e estudou ciências na Universidade de Wyoming. Em 1979, o lucro no sector imobiliário permitiu que ele e os seus sócios comprassem os Lakers.

Na época, a equipa apenas tinha vencido um único campeonato nas 25 temporadas anteriores.

Já na primeira temporada de Buss como proprietário, os Lakers levaram mais uma vez o título da NBA e outros quatro nos oito anos seguintes.

O jogador mais emblemático do Lakers no início da era Buss foi o lendário armador Magic Johnson, que foi a grande figura dos títulos de 1980, 1982, 1985, 1987 e 1988. Entre 2000 e 2002, a equipa conquistou o tri-campeonato, liderado por Shaquille O'Neal e Bryant Kobe. Também arrebatou o título em 2009 e 2010.

Durante os 33 anos como proprietário, os Lakers alcançaram os playoffs em 31 ocasiões. Buss foi eleito para o Hall da Fama do basquete em 2010.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

1. José Pacheco

Este é o mais perfeito dos Xiconhocas que possam existir. Tão conhecedor de corruptos, mas tão conhecedor de vândalos e oportunistas que ninguém, algum dia, podia desconfiar que todas estas qualidades convergem nele mesmo.

É o barão do contrabando da madeira. É o tal irmão dos chineses que quando fica “txonado” vai ter com os seus (irmãos), facilitando, como ministro, a exportação ilegal da madeira nacional. Segundo o seu “irmão”, Liu Chaoying, este Xiconhoca visitou-o três vezes durante a Décima Xiconhoquice de Pemba, para obviamente levar o dinheiro de refresco pelos 800 contentores de madeira exportados para a China.

Ainda bem que a Procuradoria-Geral da República vai investigá-lo, apesar de se saber que para os tribunais é um pobre inocente, ainda que irmão de chineses.

2. Tomás Mandlate

E mais este. Quando levou um vai-te embora por manifesta incompetência na condução dos negócios que brincam à cebra-cega no Ministério da Agricultura, obviamente por não agradar o Chefe, nós pensávamos que se ia retractar.

Mas parece que nos enganámos, até porque uma vez estragado, para sempre estragado. Afinal este Xico, o Nhoca, é o PCA das exportações ilegais da madeira nacional para a China, com direito a salário mensal e comparticipação nas companhias, para além de servir de ponte “clandestina” na ligação com os outros Xiconhocas do Governo?!

3. Camilo Antão

Para além de mamar, um dos gostos dos Xiconhocas é sair pela porta pequena, para nunca serem recordados como homens úteis. E fazem-no com prazer, como se a mesquinhez fosse tudo.

Com 33 anos a presidir a Federação Moçambicana de Voleibol, com uma gestão danosa sobretudo nos últimos anos, este Xiconhoca teve a falta de vergonha de se recandidatar, como se fosse a solução para a modalidade neste país, que em três décadas não teve sede nem campo. E como brinde, trouxe-nos as provas da corrupção, segundo o relatório de contas, ora chumbado, referente aos anos fiscais de 2010, 2011 e 2012.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

1. As munições da incompetência:

Duzentas e cinquenta e nove munições de uma metralhadora do tipo AKM e de uma arma de defesa antiaérea foram encontradas, no último fim-de-semana, na lixeira de Hulene, na capital moçambicana.

Os artefactos estavam em duas correntes de metralhadora, uma com 190 munições e uma outra, de arma de defesa antiaérea, com 69 unidades.

Segundo a Rádio Moçambique, os engenhos foram achados por jovens colectores de lixo que frequentam aquele espaço. Desconhece-se, porém, a sua proveniência mas presume-se que tenham ido parar à lixeira trazidos por camiões de diversas instituições públicas, particularmente ligados à área de Defesa e Segurança, que diariamente escalam o local para depositar resíduos sólidos.

O porta-voz da Polícia Municipal de Maputo, Joshua Lai, cuja equipa se encontrava em jornadas de fiscalização rotineira, confirmou a descoberta dos projecteis militares e disse que seriam encaminhados ao Comando-Geral da Polícia da Re-

pública de Moçambique (PRM) para a sua avaliação.

A fonte acrescentou que, numa primeira apreciação, podia-se concluir que os engenhos militares estavam activos, mas só os especialistas poderiam dizer algo definitivo sobre a matéria.

“Um pouco de fogo pode ser fatal porque é um material perigoso. Isso pode provocar mortes imediatamente. Num passado recente, foi achada uma arma no mesmo local”, afirmou.

Refira-se que não é a primeira vez que se encontra material bélico naquela lixeira, classificado como não sendo reciclável em lixeiras comuns. Felizmente não aconteceu o pior, mas é importante lembrar que foi por Xiconhoquices deste jaez que muitos moçambicanos perderam familiares.

2. Na terra de Nhocas quem tem um olho é rei:

O Gabinete Central de Combate à Corrupção (GCCC) e a Inspeção-Geral das Finanças confirmam que receberam denúncias sobre um suposto desfalque de pelo menos dois milhões de meticais dos

cofres do Ministério da Educação (MINED) moçambicana arquitectado por alguns funcionários daquela instituição do Estado. Isso é o que foi tornado público. Outras fontes dão conta de que a Xiconhoquice foi muito para além daquela gorjeta.

As duas instituições estão a investigar o caso para apurar os factos que possam levar à responsabilização dos que estiverem envolvidos na delapidação do erário.

Segundo o jornal Notícias, a Direcção do MINED está a colaborar para o esclarecimento da situação. Entretanto, o porta-voz daquela instituição, Eurico Banze, negou falar ao matutino sobre o alegado desfalque, mas confirmou que três funcionários foram suspensos em conexão com o caso e que se instauraram processos disciplinares contra eles. Há igualmente uma eventual necessidade de instrução de procedimentos criminais.

“Ainda não podemos falar de montantes envolvidos na falcatura, mas posso garantir-vos que são significativos. Só para ilustrar, há casos de funcionários cujos salários não iam para além dos 25 mil meticais, mas que a coberto desta fraude

chegavam a auferir mensalmente até 87 mil meticais”, disse Eurico Banze.

De acordo com Banze, ainda não é possível, por enquanto, indicar o período durante o qual a fraude decorreu. Sublinhou que o MINED aguarda pela conclusão dos processos de investigação para tomar o pulso de todos os contornos do desfalque.

3. ANE:

As Xiconhoquices da Administração Nacional de Estradas são várias. Começam na falta de planificação e terminam na paupérrima cultura de trabalho. A estrada nacional ficou cortada num trecho pequeno, mas os briosos homens da ANE levaram quatro dias a restabelecer o tráfego. É obra.

Os trabalhos de asfaltagem da estrada que liga as províncias de Nampula e Niasa, concretamente no distrito de Cuamba, estão atrasadas devido a lacunas na planificação de empreitadas por parte da Administração Nacional de Estradas (ANE), não obstante a chuva que cai intensamente no país, desde Dezembro último, ter agravado a situação.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



A dor de perder prematuramente os pais

No distrito de Murrupula, província de Nampula, Norte de Moçambique, o @Verdade encontrou duas crianças órfãs de pais. São petizes cujos princípios fundamentais estabelecidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, em particular a Declaração dos Direitos da Criança, não se observem totalmente nas suas vidas: não têm direito ao amor e à compreensão dos progenitores (biológicos). Embora os avós cuidem delas, o vazio causado pela ausência do afecto paterno e materno condiciona a sua felicidade, sobretudo quando as necessidades quotidianas obrigam a que façam trabalhos pesados e percorram longas distâncias à busca de lenha com a qual preparam os alimentos com muito sacrifício.

Texto & Foto: Sérgio Fernando

Laura Nalipe e Terciano Nalipe, de 8 e 4 anos de idade, respectivamente, são crianças cujos nomes não constam de nenhum cadastro oficial porque não foram registadas. Eles sabem o que é desamparo, dor da saudade e ficar dias sem comer.

O primeiro a “abandoná-los”, por imposição da morte, foi o seu pai, em 2005. Nessa altura, Terciano ainda não havia nascido porque é fruto de uma outra relação. A sua irmã Laura lembra que aprendeu a saltar à corda com o seu falecido progenitor.

A menina recorda ainda que quando os seus pais morreram ela e a irmã tiveram muita dificuldade em ingressar no Sistema Nacional de Educação (SNE).

A avó, Mariamo Ussene, de 49 anos de idade, disse-nos ter testemunhado esse momento. Segundo as suas palavras, matricular a neta mais velha na Escola Primária Completa de Mutomote, localizada no bairro de Namutequeliua, periferia da cidade de Nampula, foi complicado porque não tinha sequer uma Cédula Pessoal nem outro documento.

Ela usou o cartão de vacinação do Hospital Rural do Distrito de Murrupula, onde viviam com a mãe antes de esta perder a vida, em 2012, vítima de uma diarreia aguda, enquanto tratava do registo de Laura e de Terciano, estando hoje ainda a cuidar daquele processo.

Apesar da fome, Laura tem sonhos

Quando a mãe das crianças morreu, elas permaneceram



no distrito de Murrupula, onde vivam desamparadas. A avó materna foi buscá-las a fim de passar a cuidar delas na cidade de Nampula.

Entretanto, não tem sido fácil garantir a sua alimentação e satisfazer outras necessidades básicas devido ao elevado custo de vida. Todas as manhãs as petizas queixam-se de fome, mormente nos dias em que ficam sem o que comer.

O marido da Mariamo Ussene é funcionário do Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água (FIPAG) mas o seu salário não cobre as despesas da casa nem assegura pelo menos duas refeições durante o dia.

Laura Nalipe disse ao @Verdade que a sua avó faz um grande esforço para que

elas não durmam sem comer algo, mas nem sempre isso tem sido possível.

Ela frequenta uma escola que fica a aproximadamente cinco quilómetros da sua casa. Entra de manhã e vai a pé todos os dias. O seu maior desejo é ter a oportunidade de prosseguir os estudos de modo a ter um futuro melhor.

Uma vida de sacrifícios e uma infância sem carinho

Num outro desenvolvimento, Laura confessou que a vida que leva em casa da sua avó é até certo ponto dura. Os trabalhos de casa são executados por ela e sem o apoio de ninguém.

Todos os dias a rotina é a mesma: acordar cedo, fazer as limpezas, lavar a loiça e pilar a mandioca com a qual se produz a comida para o almoço. Às vezes, quando houver dinheiro, compra-se farinha de milho.

Felizmente, contou a menina, no quintal da casa há água canalizada.

Logo pela manhã enche os reservatórios, o que lhe poupa das distâncias que as outras mulheres e crianças da sua idade percorrem para irem acarretar o precioso líquido. Ela só faz isso em casos de crise no bairro.

Apesar dessa “mordomia”, ela não escapa do machado porque deve rachar lenha com a qual confeccionam os alimentos.

Utilizam também carvão vegetal, mas quando este esgota não tem sido fácil comprá-lo devido ao custo deste tipo de combustível.

Enquanto isso, a lenha que usam é trazida de algures distante de casa. “Não tenho tempo para brincar com as amigas.

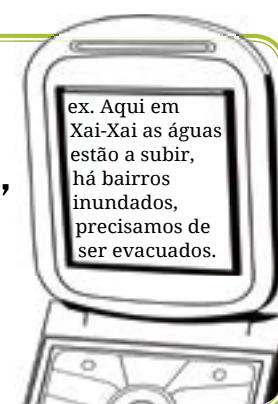
A minha infância está a passar e tornei-me adulta e responsável muito cedo, diferentemente das outras crianças”, desabafou a pequena Laura.

Todavia, afirmou que não tem muitos motivos para reclamar porque os mimos dos avós não podem ser comparados com os que os pais dão aos filhos.

Onde quer que esteja seja um **Reporte por uma mensagem de SMS para 821111**



Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!



Jovem é discriminado pela família por alegada prática de superstição

Faustino Alexandre, de 23 anos de idade, natural do distrito de Muecate, província de Nampula, está a ser discriminado pela família alegadamente porque recorre à superstição para matar os seus parentes. Ele é técnico de medicina geral no Hospital Psiquiátrico de Nampula e as acusações que pesam sobre si surgem na sequência do seu sucesso profissional. Segundo afirma, com o seu salário mensal consegue melhorar, paulatinamente, a vida, mas também enfrenta dificuldades...

Texto & Foto: Sérgio Fernando

O jovem disse ao @Verdade que quando concluiu o nível médio do ensino geral frequentou o Instituto de Ciências de Saúde de Nampula, tendo, depois da graduação, passado a fazer parte da equipa do Hospital Central de Nampula, trabalho que muitas pessoas da sua idade, na família a que pertence, não exercem, apesar de terem tentado ingressar na saúde.

Passado algum tempo, a trabalhar na maior unidade sanitária da região Norte do país, a vida de Faustino Alexandre começou a prosperar. Num curto espaço de tempo comprou um terreno e construiu uma casa com base em material precário. É nesta modesta habitação onde reside com a sua família composta por três pessoas: ele, a esposa e o único filho do casal.

De acordo com o jovem, o facto de ter as mais elementares condições financeiras para satisfazer as suas necessidades do dia-a-dia incomoda algumas pessoas da parentela, por isso, é considerado um praticante de magia negra com a finalidade de enriquecer ilicitamente. “Se tenho dinheiro para comprar bens pessoais como televisão, rádio, cadeiras, dentre outros, sou alvo de murmúrios no seio da família”, comentou o rapaz.

De seguida disse que está indignado com essa atitude, embora reconheça que a mesma acontece porque os



seus parentes são pobres e “não se conformam quando algum membro, sobretudo jovem, esteja a progredir na vida”. Faustino Alexandre, carinhosamente tratado por “Tcholava”, afirmou que a família o discrimina porque o excluiu das actividades e cerimónias colectivas. “Sou acusado de estar a matar alguns parentes através da feitiçaria para subir na vida. Tudo isso porque depois de terminar os estudos não sofri muito para ter emprego como os outros.” O nosso entrevistado explicou ainda que o seu sucesso académico e profissional deu-se graças ao apoio prestado pelo irmão, que custeou os estudos até que um dia decidiu inscrevê-lo no Instituto de Ciências de Saúde de Nampula, onde frequentou o curso de medicina geral durante 18 meses.

O vencimento não chega para cobrir as despesas da casa devido ao elevado custo de vida no país. Por isso, a nossa fonte, para além de trabalhar na Saúde, dedica-se ao negócio de diversos produtos. Com os rendimentos que obtém consegue resolver satisfazer algumas necessidades.

Ele nega ser culpado do insucesso dos outros

O nosso interlocutor disse que algumas pessoas não se esforçam por ter uma formação académica e profissional. Na sua família há jovens que tiveram oportunidades iguais às dele, mas foram infelizes porque aquando dos exames de admissão não obtiveram resultados satisfatórios. Ficaram desempregados e, ao invés de persistirem e lutarem pela vida, decidiram casar precocemente. Alguns estão no sector informal e suportam as suas famílias com o que ganham.

Alexandre referiu-se, como exemplo, a dois jovens, também de 23 anos de idade

como ele, com quem frequentou o ensino geral, nível médio, mas que, por falta de oportunidade para prosseguir os seus estudos, decidiram apostar no comércio informal.

Um vende produtos alimentares de primeira necessidade, na sua maioria, trazidos pelo comboio que faz o transporte de passageiros de Nampula a Cuamba e vice-versa. O outro dedica-se à venda de pedras para a construção de casas. Neste momento, ambos estão casados e têm dois filhos.

Os dois irmãos sucedidos da família

Faustino Alexandre e o seu irmão mais velho, Jacinto Sabonete, são os sucedidos da família. Este último é director do Instituto de Ciências de Saúde de Carapira, no distrito de Monapo, em Nampula.

Também está a ser vítima de humilhações por alegada prática de magia negra. Ele já custeou os estudos de quatro jovens, que depois de terminarem a 7ª classe não tinham nenhuma opção no tocante ao trabalho.

Entretanto, com a excepção de “Tcholava”, todos fracassaram. Aliás, também foram inscritos no Instituto de Ciências de Saúde de Nampula, mas reprovaram, em parte por falta de esforço.

Quando as acusações sobre a alegada prática de feitiçaria para, supostamente, obter sucesso profissional e financeiro ganharam corpo, Sabonete decidiu afastar-se da família e cuidar mais de si. Considera que não recebe nenhum apoio moral, mas sim acusações sem fundamento. A última pessoa que ajudou antes de tomar esta medida foi Faustino Alexandre, quando este ainda estudava.

Contrabando e corte ilegal da madeira lesam Moçambique em milhões de dólares

A Agência de Investigação Ambiental (Environmental Investigation Agency - EIA) publicou um novo relatório intitulado “Conexões de Primeira Classe: Contrabando, Corte Ilegal de Madeira e Corrupção em Moçambique”, no qual retrata as disparidades entre as importações e as exportações efectuadas entre o nosso país e a China.

Texto: Redacção

A EIA aponta que metade da madeira que entra na China é ilegal. O corte ilícito desta matéria-prima, o contrabando e a corrupção em Moçambique fazem o Estado perder anualmente milhões de dólares em impostos e recursos que seriam aplicados em outras áreas de desenvolvimento.

Segundo o estudo, em 2012, a China importou, de Moçambique, 323.000 metros cúbicos de

madeira e, em contrapartida, o nosso país exportou 41.543 metros cúbicos. Entretanto, o contrabando é espantoso uma vez que a disparidade é de 42% do total das importações e 72% do global de exportações.

No período em alusão, o Governo de moçambicano exportou para a China e resto do mundo 260.385 metros cúbicos de madeira em toro e

serrada, contra 450.000 metros cúbicos que aquele país importou do nosso país. A diferença da quantidade expedida e importada é de 189 615 metros cúbicos, constituída quase inteiramente por madeira contrabandeada fora de Moçambique e, provavelmente, composta por espécies de “primeira classe”, cuja exportação em toro é proibida.

A perda financeira deste comércio ilegal é significativa, refere o relatório, que indica igualmente que, no ano passado, o país perdeu cerca de 29 milhões de dólares em impostos por causa do contrabando, corte ilegal de madeira e da corrupção.

As importações das companhias chinesas de Moçambique excederam massivamente não só

as exportações licenciadas, mas também transcendem o licenciamento florestal em 154.030 metros cúbicos, o que fez com que a percentagem de corte ilegal no país fosse de 48%.

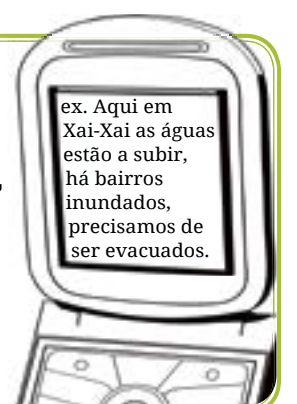
A EIA refere no seu documento que entre 2007 e 2012 a China contrabandeou 804.622 metros cúbicos de madeira em toro provenientes de Moçambique. Este negócio está a contribuir directamente para o corte ilegal dessa matéria-prima no país.

Caso este comércio continue a crescer, as importações chinesas poderão exceder o Corte Anual Admissível (CAA) de Moçambique em 2013. Nenhuma destas estatísticas inclui exportações para outros mercados ou o consumo nacional.

VOCÊ pode ajudar!
esteja seja um
Reporte através
de um e-mail para **averdademz@gmail.com**



Denuncie quando vir
problemas na sua rua,
bairro ou cidade!



Ex-director da Escola da ADEMO em Nampula perturba o trabalho da nova direcção

A Escola Comunitária da Associação dos Deficientes de Moçambique (ADEMO), na cidade de Nampula, vive momentos de tensão desde os princípios do ano em curso, devido aos actos de vandalismo protagonizados pelo ex-director daquela instituição de ensino, Daniel Saile, demitido do cargo em Outubro do ano passado, em consequência de uma gestão danosa caracterizada por desvio do dinheiro destinado ao pagamento de 13 meses de salários a 25 funcionários e roubo de diversos bens para benefício pessoal.

Texto & Foto: Júlio Paulino



tiveram presentes os representantes da Direcção Provincial da Mulher e Acção Social, o inspector chefe da Educação, dentre outros quadros. Ficamos indignados quando boicota os trabalhos da nova direcção”, acrescentou o nosso interlocutor.

Calisto Ângelo, director daquela escola comunitária, confirmou, depois de muita insistência, supostamente por medo do agressor, que o ambiente instalado na sua instituição é preocupante. Caso a situação prevaleça nos próximos dois meses, vai colocar o seu cargo a disposição.

Segundo as suas palavras, Saile começou a perturbar o seu trabalho em Novembro passado quando os funcionários estavam a preparar o processo de matrículas. Todavia, não teve sucesso e passou a agir contra pessoas indefesas.

“Tentou, por várias vezes, tirar-me à força do meu gabinete e sempre houve a intervenção dos colegas.

Confesso que temos vindo a trabalhar com imensas dificuldades. O director pedagógico do 2º ciclo não vem há duas semanas.”

Rafique Ossufo, um dos membros da Associação dos Deficientes de Moçambique explicou ao nosso jornal que a destituição de Daniel Saile, do cargo de director, é irreversível.

A agremiação só poderá pronunciar-se sobre os desmandos que comete depois do desfecho do processo-crime aberto contra ele.

“Criámos uma comissão de trabalho, constituída por quatro pessoas, para acompanhar os trabalhos da colectividade. E achamos melhor transferir a sede da associação das instalações da escola para um outro lugar independente para que os problemas sejam resolvidos de forma transparente”, disse Ossufo, para quem o ex-director não é digno de dirigir a ADEMO.

Esta instituição colecta mensalmente cerca de 200 mil meticais das mensalidades dos alunos. Este valor serve para pagar salários, luz, manutenção de infra-estruturas, dentre outras despesas. Perto de 1200 estudantes, da 8ª à 12ª classe, estão inscritos e são assistidos por 50 professores.

bro de direcção, pelo que as aulas estão a decorrer sem sobressaltos.

A nossa Reportagem soube que o visado teria espancado dois deficientes físicos, um dos quais com gravidade que foi evacuado de emergência para o Hospital Central de Nampula, onde teve de ser submetido a uma cirurgia na cabeça. Refere-se que a atitude de Saile é uma retaliação à sua demissão alegadamente por estar inconformado, uma vez que ocupava o cargo de director desde 1998, ano em que a instituição foi fundada.

As vítimas, que incluem deficientes físicos, queixaram-se à Polícia, havendo já um processo-crime a correr contra Daniel Saile. “Tivemos conhecimento de que foi notificado por três vezes, mas não se fez presente ao Tribunal. Contudo, nenhuma medida foi tomada contra ele.

A direcção marcou uma audiência com a procuradora chefe provincial para que pudéssemos encontrar uma saída pacífica, mas a magistrada disse que o assunto não era da sua alçada.

Pedimos a protecção dos agentes da 1ª esquadra mas cobraram muito dinheiro. Fomos aconselhados a resolver o assunto internamente”, disse-nos uma fonte da ADEMO.

“O ex-director participou na assembleia-geral ordinária que resultou na sua demissão, mas não se insurgiu na altura, nem quando o novo gestor foi empossado. Para além dele, es-



Exerça o seu dever de
Reporte por uma
mensagem via Blackberry pin 288687CB



Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!



Câmbio informal: uma ilegalidade que floresce impunemente

Os mercados Central e Benfica, a Praça dos Combatentes, o Terminal Rodoviário Interprovincial da Junta e a Baixa são alguns centros onde se pratica o câmbio informal na capital moçambicana, uma actividade que, para além de proibida e ser insegura para os cidadãos que a ela recorrem para comprar ou vender moeda estrangeira, sobretudo o rand, impõe uma concorrência desenfreada aos bancos comerciais. O Banco Central, que por obrigação devia pôr freio à ilicitude que tende a florescer, mantém-se indiferente enquanto a Polícia tira dividendos disso.

Texto: Coutinho Macanandze

O número 1 do artigo 6 da Lei Cambial e do respectivo Regulamento refere, nas alíneas a) e b), que as operações cambiais estão sujeitas a registo junto do Banco de Moçambique, “em relação às operações por si autorizadas”, e junto das instituições de crédito e sociedades financeiras, “em relação às operações por estas realizadas que carecem de autorização”.

O capítulo III, sobre o comércio de câmbios, no seu artigo 8, diz, nas alíneas a), b), e c), que “só podem exercer o comércio de câmbio: os bancos comerciais, as casas de câmbio e outras entidades ou instituições devidamente autorizadas pelo Banco de Moçambique”.

Entretanto, entre o que acima se diz e a realidade no terreno há uma distância.

A compra e venda de moeda estrangeira, sobretudo o rand, nos mercados formal e informal é um negócio não regulamentado que movimenta elevadas somas de dinheiro.

Segundo os praticantes, trata-se de uma actividade que envolve um credor, que cede uma certa quantia mediante a garantia de receber uma parte dos lucros do mutuário no fim do dia ou de uma semana, sendo que os critérios dependem do entendimento a que as partes chegarem.

Na baixa da capital moçambicana, concretamente na esquina entre as avenidas Albert Lithuli e Fernão de Magalhães, encontramos Noradino Muchanga.

Aquele é um lugar estratégico para si uma vez que há ali um terminal de transportes de passageiros que fazem o trajecto Maputo, Suazilândia, África do Sul e vice-versa. Ele disse-nos que vive da troca de rands há 10 anos. Construiu a sua casa graças a este negócio.

Diariamente, ele leva em mão elevadas quantias de dinheiro à caça de clientes. Confessou que sabe da ilegalidade do seu ganha-pão, mas não tem outra alternativa para sobreviver.

Consegue vender entre 30 e 50 mil rands, o que, nas suas contas, significa quatro a cinco mil rands de lucros mensalmente.

Félix Fenias exerce a mesma actividade. Para além de rands compra e vende euros, dólares e libras. Segundo ele, o movimento varia consoante os dias, há vezes em que transacciona acima de 50 mil rands e milhares de outras moedas estrangeiras por dia.

A procura da libra é bastante irregular. Este negociante é um dos que trabalham com dinheiro emprestado para posteriormente repartir, no final da jornada laboral, os lucros por igual com quem lhe concede o valor. Segundo as suas palavras, os cidadãos nacionais e estrangeiros que recorrem ao mercado informal à procura, por exemplo, da moeda sul-africana, fazem-no porque o preço das transacções é relativamente inferior em comparação com o das casas de câmbios.

Félix Fenias disse que todas as sextas-feiras os cambistas desembolsam, cada um, 50 meticais para subornar a Polícia de Protecção, de modo que não se intrometa no negócio. “Não há razões para nos perturbar porque dividimos os lucros com ela”.

Faltam meios humanos e materiais para se impor a lei

O jurista José Caldeira explicou ao @Verdade que o registo cambial compreende todo o processo de recolha de informação sobre esta operação, nomeadamente a identificação dos sujeitos, a natureza da operação, o montante, a finalidade e a legitimidade.

Entretanto, estes procedimentos não são observados porque a impunidade dos cambistas persiste e vai continuar assim devido à não aplicação da Lei Cambial e do respectivo Regulamento, que proíbem essa prática.

O Banco Central, segundo o nosso interlocutor, ainda se ressentia da ausência de meios humanos e materiais para tornar esse dispositivo legal operacional e inspecionar eficazmente a actividade cambial no país.

A forma como a situação se encontra no terreno revela uma impunidade, um desafio e, acima de tudo, um desrespeito ao que está previsto no número 1 do Artigo 6 da Lei Cambial e no próprio Regulamento.

Para José Caldeira, está-se perante uma inoperância da inspecção bancária nacional pelo Banco de Moçambique. O agravante é que se verifica uma concorrência desleal entre os cambistas informais, casas de câmbio e os bancos.

Esta actividade de rua representa uma fuga ao fisco uma vez que não houve licenciamento para o seu exercício e nem se pagam as taxas fiscais e financeiras, o que acaba por lesar, financeiramente, a banca nacional.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque depois da “brincadeira” não levo cinco minutos para me vir?

Queridos, verifiquei que temos recebido várias perguntas referentes à abstinência involuntária, ou voluntária, e se isso causa problemas à saúde! Humm...o que acham? Eu, sinceramente, acho que não, porque, apesar de o sexo fazer parte das nossas vidas, a abstinência dessa prática não é prejudicial. É importante para conceber filhos, unir os apaixonados, trazer talvez algum equilíbrio hormonal. Mas, por favor, não se sintam obrigados a fazer sexo a não ser que tenham a oportunidade de amar de forma a não colocarem em risco a vossa saúde sexual e reprodutiva. Se tiverem outras dúvidas sobre este assunto, não hesitem

enviem-me uma mensagem através de um sms para 821115
E-mail: averdademz@gmail.com

Tina, o que devo fazer para me proteger das doenças de transmissão sexual?

Olá, amigo ou amiga. A tua pergunta é tão directa que nem dá para ficar a divagar em palavras....blablabla! Mas vale a pena explicar às pessoas que não sabem o que são doenças de transmissão sexual. De há uns tempos para cá, elas passaram a chamar-se INFECÇÕES DE TRANSMISSÃO SEXUAL, porque realmente elas podem ser apenas infecções controláveis, e a pessoa nem sempre fica acamada, e raramente vai baixar ao hospital. Elas são infecções que se transmitem através de relações sexuais não protegidas. São variadas, têm vários sintomas e aspectos. Algumas delas podemos senti-las imediatamente, e outras desenvolvem-se sem nenhuma dor, cheiro ou mudança física...e só mais tarde é que descobrimos. Às vezes numa fase muito avançada. Agora, como evitá-las? Protegendo os nossos órgãos sexuais e usando o preservativo durante o acto sexual. Existem em Moçambique preservativos femininos e masculinos, e nas zonas urbanas são muito fáceis de ser encontrados - há nas farmácias, nas clínicas, nos hospitais e centros de saúde, e até nos estabelecimentos comerciais. Nas zonas rurais ou periurbanas, pode ser um pouco difícil mas não impossível; pode-se encontrar em alguns estabelecimentos comerciais, nas Unidades Sanitárias (Centros de Saúde, Postos de Saúde), e nas unidades de Aconselhamento e Testagem de Saúde. Continua a cuidar da tua saúde, informando-te!

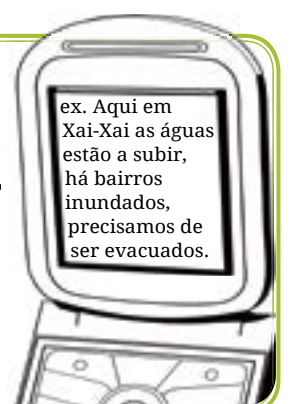
Bom dia dona Tina. Tenho problemas sérios no acto sexual; depois de um bom tempo com a senhora a brincarmos, já no acto sexual não levo cinco minutos. Porquê?

Querido, estás mesmo aflito, não é? Fui ler um pouco e conversei com alguns homens e o que posso dizer-te é que não deves entrar em pânico. O que acontece é que, principalmente no início da nossa vida sexual, a ansiedade de mostrarmos que somos capazes de satisfazer o nosso parceiro pode influenciar o nosso acto sexual de forma negativa. Muitos homens, pela ansiedade de mostrar à parceira que são bons no acto, ficam nervosos e isso faz com que eles percam o controlo da ejaculação, e sai tudo! No teu caso até é diferente; o que eu percebo é que vocês arranjam tempo para se acariciarem, para brincarem, fantasiarem antes da penetração. Isso, meu querido, é o sonho de todas as mulheres: ter um parceiro que se importa com as carícias e a estimulação antes da penetração. A estimulação sexual por si só é prazerosa, o que faz com que o orgasmo seja acelerado, percebe? Então, isso não significa que tu és um fraco. O que tu podes fazer é, talvez, desenvolver a capacidade mental (está tudo nos pensamentos) de controlar a ejaculação para que não se liberte enquanto tu ainda queres desfrutar do momento. Mas, nisto tudo, não te esqueças de usar o preservativo se não queres engravidar ou apanhar infecções de transmissão sexual. Boa saúde para ti.

Onde quer que esteja seja um
Reporte através
de um twit para @verdademz



Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!



Sociedade

Idosa paralítica suplica pela morte para se livrar do sofrimento e da rejeição

Cassuela Nhoré é uma idosa que não sabe que idade tem, mas aparenta ser octogenária. Segundo ela, ficou paralítica devido à velhice mas também por questões ligadas à tradição. Sobre este assunto, não entrou em detalhes. Vive no bairro de Murrapaniua, na Unidade Comunal 8 de Março, arredores da cidade de Nampula, junto da sua filha e do seu genro. Disse-nos que está a enfrentar momentos difíceis porque as pessoas com quem mora rejeitam-na desde que há 10 anos começou a ter problemas de locomoção. Acusam-na de feitiçaria e não lhe dão comida, por isso, implora pela morte para “descansar de vez”.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Ela afirmou que tem oito filhos mas apenas um é que cuida dela e lhe dá atenção. Os outros nem sequer querem saber da sua saúde, ou se passa fome ou não. Para além da paralisia, a sua maior preocupação é a rejeição pela família porque esta acha que ela dá trabalho.

A idosa contou ao @Verdade que a última vez que tomou banho foi em Junho do ano passado graças ao apoio de uma das suas netas, uma vez que sozinha não já consegue andar. Não veste roupa limpa desde que ficou paralítica. Alguns parentes seus encontram-se na cidade e província de Maputo, outros na vila-sede nos distritos de Ribáuè e Malema, em Nampula. Contudo, estando perto dela ou não, às vezes, tal não faz diferença porque continua a passar dificuldades.



“Em 2012 tomei banho apenas três vezes: uma em Fevereiro, a segunda em Março e a terceira em Junho quando a minha neta me visitou”.

Cassuela Nhoré disse que está também desesperada porque para se alimentar e vestir é um problema sério. A única filha que cuida dela sobrevive graças à venda de badjias (um alimento confeccionado com base no feijão nhemba), na via pública na cidade da região mais populosa de Moçambique.

Às vezes, a filha dá-lhe comida, mas, para não morrer à fome, recorre a folhas de espinafre ou de batata-doce que colhe no rio Napipine, a uma distância de aproximadamente 500 metros da sua casa. Leva entre duas e três horas para fazer o percurso porque se arrasta para lá chegar.

Nhoré afirma que precisa igualmente de cuidados médicos porque a sua saúde está debilitada mas não tem condições para ir ao hospital. Gostaria de ter amparo, porém, a família despreza-a, acusando-a de feitiçaria e de matar os seus parentes. Na sua opinião, estas são desculpas sem fundamento para não lhe darem a atenção que merece e porque a sua presença é tida como um fardo. “Na minha vida nunca tive inveja de quem quer que seja. Por

isso, ser acusada de feitiçaria sem ter feito mal a ninguém entristece-me. Se praticasse a bruxaria não seria contra os meus filhos nem familiares.

A agir dessa forma estaria a arruinar a minha própria vida. Não ando, por isso não faço nada, talvez seja por isso que me acusam”, disse a idosa.

Entretanto, no dia em que o @Verdade se dirigiu à casa de Cassuela, uma das suas netas estava lá a lavar a roupa e a cuidar da higiene pessoal da idosa. A sua satisfação foi grande depois de meses sem banhar.

A nossa interlocutora disse que só tem três capulanas e uma blusa. A última vez que teve um cobertor foi antes de se separar do marido que, passado algum tempo, morreu, vítima de doença prolongada.

Cassuela Nhoré queixou-se igualmente da falta de respeito por parte do seu genro. Na sua casa milho, amendoim, feijões, dentre outros produtos, mas o esposo da sua filha destrói tudo, supostamente porque suja o pátio.

“A casa é minha e a filha que tenho e o seu marido, apesar de viverem comigo, violentam-me sempre. Se dependesse dele (genro) estaria morta porque ele acha que sou um incómodo por ser uma pessoa deficiente”

“Quero morrer e sumir desta vida porque acho que já não tenho nenhum compromisso com a natureza, nem com a minha família. Os meus irmãos não me dão atenção”, lamentou para de seguida agradecer às netas que a têm apoiado.

Projecto de escolas resistentes às calamidades naturais é uma “falácia”

O Ministério da Educação (MINED) lançou, em Novembro do ano passado, em Maputo, um projecto chamado Escolas Seguras em Moçambique, alegadamente para se construir estabelecimentos de ensino resistentes às calamidades naturais, tais como ciclones e cheias. Volvidos mais de 90 dias, o @Verdade procurou saber daquela entidade em que estágio se encontra o plano, uma vez que se refere que a chuva que cai intensamente no país destruiu 1.124 salas de aulas de aulas. Segundo a explicação dada, na prática não haverá nenhuma instalação desenhada com características para resistir à força da natureza. Dar-se-á continuidade aos trabalhos anteriores, mas com alguma melhoria na inspecção das obras e identificação de solos para o efeito.

Texto: Coutinho Macanandze

Eurico Banze, porta-voz do MINED, disse à nossa Reportagem que a construção de escolas resistentes aos vendavais, enxurradas e outras intempéries está em curso. O que vai acontecer com o programa Escolas Seguras em Moçambique é uma continuação das acções anteriores de expansão da rede escolar, em coordenação com o Instituto Nacional de Gestão de Calamidades e o Ministério das Obras Públicas e Habitação, para a definição exacta do tipo de material a ser usado na edificação de infra-estruturas em cada região propensa a inundações, por exemplo, obedecer a vários critérios, dentre eles o solo e o clima.

Segundo o nosso interlocutor, as escolas resistentes às tempestades e à chuva só serão construídas quando a fiscalização, a penali-

zação dos empreiteiros desonestos e os parâmetros de monitoria da qualidade das obras forem sérios. Assim, poder-se-á reduzir os gastos anuais devido à demolição de milhares de salas de aulas. Acrescentou que, infelizmente, o país ainda tem muitas escolas feitas com base em material precário, por isso desabam com frequência durante o período chuvoso.

Banze reconheceu que antes de se implantar uma infra-estrutura numa localidade ou distrito é preciso estudar primeiro a qualidade dos solos, a intensidade do vento e outros factores naturais no sentido de garantir obras com uma qualidade aceitável. Na sua opinião, as acções de monitoria e fiscalização devem envolver as comunidades beneficiárias, os professores e toda a equipa da Educação.

Para a concretização do projecto Escolas Seguras em Moçambique, na sua primeira fase, já em andamento, e com o término previsto para Junho deste ano, o Banco Mundial disponibilizou 150 mil dólares. Espera-se que até essa data tenham sido mapeadas as particularidades geográficas e naturais de cada região, bem como definidas as regras para a construção de escolas adaptadas aos desastres naturais.

Refira-se que para além do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades, Ministério das Obras Públicas e Habitação, o plano tem a assistência técnica da Faculdade de Arquitectura e Planeamento da Universidade Eduardo Mondlane e o apoio das Nações Unidas para Assentamentos Humanos.

VOCÊ pode ajudar!
esteja seja um
Reporte através
de um e-mail para **averdademz@gmail.com**



Denuncie quando vir
problemas na sua rua,
bairro ou cidade!



Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Bom dia, Jornal @Verdade. Sou munícipe afecto a um empreiteiro que executa obras do Conselho Municipal da Vila de Massinga e gostaria, através do vosso meio de comunicação, apresentar uma irregularidade que ocorre no processo de adjudicação de empreitadas pela edilidade.

Parece que há falta de transparência e credibilidade nos concursos públicos lançados pela autarquia local ou alguma coisa não vai bem. Todas as obras realizadas na urbe são ganhas pelo mesmo empreiteiro, o que faz com que os outros construtores optem por abandonar o serviço ou passar a exercer as suas actividades noutras províncias no sentido de evitar problemas salariais com os trabalhadores.

A minha empresa cansou-se de gastar rios de dinheiro concorrendo a empreitadas em que, antes de os resultados serem divulgados, já há um vencedor. É a mesma empresa de construção de edifícios, pontes e estradas que sempre faz as obras do município, porque o proprietário é amigo do presidente.

O agravante é que o indivíduo que sempre ganha as obras de reabilitação de estradas e edifícios municipais, por exemplo, não é licenciado para este tipo de trabalhos. Presta serviços ilegalmente uma vez que não tem requisitos exigidos para o efeito. Aliás, é um simples mineiro que é escolhido para usurpar o dinheiro da edilidade com o presidente.

Ainda em relação a este problema, o crítico é saber que a pessoa que dirige a construtora que constantemente ganha os concursos públicos não tem conhecimentos sólidos sobre a actividade que exerce, facto que provoca insatisfação nos empreiteiros licenciados, que cumprem com todas as obrigações fiscais e não vêm nenhuma recompensa nos seus investimentos. Alguns estão a decretar falência.

Portanto, gostaria de saber, da edilidade, quando é que o processo de adjudicação de obras municipais será justo, transparente, abrangente e não vai funcionar com base em amizade.

Resposta

Sobre este assunto, o @Verdade contactou, telefonicamente, o edil do município da Vila da Massinga, Clemente Boca. Este afirmou, primeiro, que a inquietação do munícipe em relação à falta de transparência na adjudicação das obras não tem fundamento. Não constitui verdade que apenas um empreiteiro é que ganha todos os concursos realizados pela autarquia.

De seguida, o nosso interlocutor explicou que há várias obras de construção de edifícios e estradas que estão a ser executadas no município por empreiteiros oriundos de Vilankulo, da Maxixe e de Maputo, o que demonstra, nas suas palavras, que não há exclusividade e afinidades nesse processo.

Clemente Boca disse ainda que qualquer obra da autarquia está sujeita a concurso público e à sua publicação

nos órgãos de comunicação, para garantir que os empreiteiros concorram em igualdade de circunstâncias.

O que acontece, segundo o presidente da Vila da Massinga, é que, normalmente, os empreiteiros que ganham os concursos são os que apresentam uma proposta financeira baixa, em detrimento daqueles que apresentam um valor exorbitante, cujo cabimento orçamental ultrapassa as capacidades do município.

Acrescentou também que a edilidade não é a entidade que divulga os resultados dos concursos públicos, uma vez que não faz parte da selecção das propostas submetidas e do respectivo empreiteiro vencedor. Por isso, as acusações acima referidas são descabidas e sem qualquer fundamento.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; por Email – averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.



Mamparra of the week

GUSTAVO MAVIE

Luís Nhachote
laverdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O Mamparra desta semana é, de novo, o director da Agência de Informação de Moçambique (AIM), Gustavo Mavie, o qual, de acordo com a edição da última quarta-feira, do Canal de Moçambique – nos últimos anos – se especializou em meter as mãos pelos pés. Ou devia ser pelas patas? Quando está em causa a mamparrice pode ser mesmo pelas patas. Já que é moda criar patos e lambar as partes íntimas de quem os cria. Este Mamparra acaba de ver provado, pelas instituições de direito, o seu inenarrável e inesgotável amor pelo dinheiro público. Os factos documentais do Tribunal Administrativo (que audita as contas do Estado) indicam que Mavie, o Gustavo, tem um apetite voraz por dinheiros públicos. Parece que a condição sine qua non para a ascensão social e manutenção de um lugar na grande mesa do poder neste país é, para além de defender o indefensável, copiar as “macacadas” do fausto, da opulência, para que seja apontado como um “analista político”. Isso já sabíamos. O que ignorávamos é que tal comportamento vil e rasteiro fosse usado para se sentar por cima da lei. Foi isso que Mavie julgou possível com a sua mamparrada. Felizmente, para desgraça de outros mamparras de semelhante estirpe, não foi isso que Tribunal Administrativo concluiu.

De acordo com a publicação, os factos apurados pelo Tribunal Administrativo imputados a Gustavo Mavie, mamparras, são de fazer bradar os céus. Já aqui tínhamos referido que a honra, a dignidade e a reputação de pessoas individuais e colectivas são um país desconhecido para este zeloso e prestativo número um da agência estatal de informação, a AIM. Antes de servir o interesse público, Mavie serve o poder. E serve-se dele...desde há muito. O que terá motivado Gustavo Mavie a cometer tamanha mamparrada? Mavie, o Gustavo, já tinha saído em campanha de raspagem de imagem aquando da greve da classe médica, cujos e-mails (correios electrónicos) rolaram o país adentro, e extra-muros. Afinal aquela forma pornográfica de se prostrar ao poder tinha em vista amordaçar a liberdade judicial? Contudo, desta vez não foi assim e o insuspeito Tribunal Administrativo desmascarou a mamparrada, no seu trabalho de saber a quantas andam os dinheiros do Estado, e como são usados. A ausência de bom senso e a sua inexorável campanha contra os que erguem o punho em oposição aos desmandos foi escancarado na praça para consumo da opinião pública. Que bom. Este mamparra sabe muito bem que um trabalho “mal” elaborado, distorcido ou irresponsável sobre uma determinada actividade, empresa ou organismo pode ter efeitos desastrosos. E é isso que queria oferecer ao Estado. Uma gestão danosa e que beneficia a si e os seus sequazes.

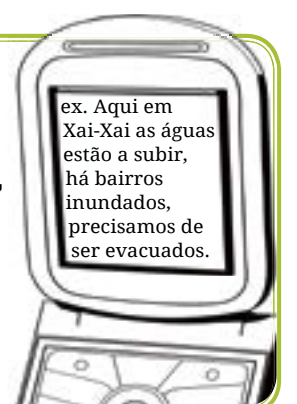
Mamparras, mamparras e mamparras.

PS: Recentemente, um escriba do famigerado jornal Canal de Moçambique outorgou-lhe o título de PhD em Culambismo.

Exerça o seu dever de
Reporte por uma
mensagem via Blackberry pin 288687CB



Denuncie quando vir problemas na sua rua, bairro ou cidade!



Cidadania

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Última hora: A residência de Hermínio dos Santos, Presidente do Fórum de Desmobilizados de Guerra, foi invadida, nas primeiras horas, por três homens armados que o levaram algemado sem apresentar nenhum mandato de busca apreensão e captura. Os filhos do líder dos desmobilizados de guerra, visivelmente apreensivos, contactaram o @Verdade para dar conta do sucedido. A família teme pela vida de Hermínio dos Santos e até ao momento o seu paradeiro continua desconhecido.



13/2 às 9:39 • Gosto • 2



Jose Luis Sousa
Quem são tais homens? 13/2 às 9:35



Vera Veronica
opah, que chato 13/2 às 9:35



Osvaldo Chivambo
Haaaaaaa. Mocambique eh axim mexmuh. Tenho muita penah. Xpero k nao lhe akontexah nadah. 13/2 às 9:35 • Gosto • 2



André Balate Ixo dve ser d um partido deces falsos k andam por ai. 13/2 às 9:36 • Gosto • 1



Aderito Spice
Matsimbe Epah!!! the saga continues 13/2 às 9:36



Augusto Joao
Seneta isto é moz. O ambicioso é criminoso ao mesmo tempo 13/2 às 9:37 • Gosto • 1



Vieira Delisângelo
Ate quando?????? 13/2 às 9:37



Original Skill
N'flow estão a vandalizar este Sr... coitado...nem parece um pais democrático esse... vergonhoso isso... 13/2 às 9:37 • Gosto • 2



Jojo Bie Espero k n tenha um destino inserto 13/2 às 9:38



Calton da Costa
eram fardados? kem sao estes homens??? algo algum k nao esta bem nesta informacao... a muita ambiguidade 13/2 às 9:38 • Gosto • 2



Argelino Albert
Zuande isso eh inveja.. Que Deus esteja na diatera dele 13/2 às 9:38 • Gosto • 1



Juliozito Da Sandra
Scrapinha acho eu que foi a frenamo que o levou querem li calar a boka 13/2 às 9:39 • Gosto • 1



Helio Macitela É triste e lamentável, isso. agradecemos a actualização da informação pela verdade. 13/2 às 9:39



Euclides Cumbe
obra do governo

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO REPORTA: Proponho a transferência da taxa de lixo do Municipio para a comissão dos moradores de cada bairro. Pagaremos a mesma taxa mas faremos a gestão



Enosse Lovy
Gujamo Ya pk o muncpio n ta ajudar em nada só sao fundx k entram atoa ja xega paH. Domingo às 12:29



Gaide Casanova
Boa sugestão! Isto é também p sanar e desmantelar certas quadrilhas no seio do c. municipal. Domingo às 12:30



Jeremias Nhamue
Cm mta razao Cidadao, pagamentos tal taxa e somos obrigados a conviver cm lixo nos quintais e a consequencia dixo sao moscas k por sua vez nos trazem doenÇas. Boa Ideia Domingo às 12:32



Speed McMacajo
Junior Boa ideia. mais nada eh facil como parece. Domingo às 12:32



Rodrigues
Guambe Belíssima propoxta pork axo q traria resultados incomparáveis cm a realidade atual! Axo que os Municipios são prevaricadores nexxe dever para com os municípes. Boa proposta! Domingo às 12:36



Zuleca Capatia
Acredito que sim, nos tempos de Samora não me lembro de pagar taxa nenhuma, mas tinhamos a cidade limpa e organizada.. Domingo às 12:38



Piter Cláudio
Macumbe assim deixavam de ser os politicos a desviarem e passava a ser o proprio povo a roubar do povo.. hummmm ta bom como está, pelo menos não cruzamos com quem usufrui do nosso dinheiro Domingo às 12:39 • Gosto • 1



Jose Dai Jose Boa ideia pena. pq boas ideias nunca sao acolhidas Domingo às 12:51



Narciso A.
Machava Swa yantswa! Do que sermos "cumplices" da riqueza ou (de enriquecimento Estrondoso) dos Dirigentes Municipais que nada fazem, sem não enriquecerem impiedosamente em detrimento do nosso prejuizo! Muito Mau isso, NAO Disse!!! Domingo às 13:17



Patricio Abreu Q seja provada a lei pk nós cansados ja estamos d pagamento atoa

força! Domingo às 13:33



Carlos E Sofia
Rocha Concordo plenamente, assim quem quer ver o seu bairro limpo e sem lixo terá a oportunidade de contribuir para isso e já nao poderá culpar terceiros se isso nao acontecer. A responsabilidade social é de cada um.. Domingo às 13:38



Carmen Carimo de acordo cm a sugestao. varias vezes fui obrigada a carregar o lixo no meu carro pr o deposito perke o conselho municipal nao recolhe o mesmo. k sentido faz pagar a dita taxa? temos k reivindicar. Domingo às 13:4



Fialho Omar A ideia e optima, mas sera dificil o conselho municipal aderir. pois existem varias barigas que crescem e cresceram gracias ao nosso suor Domingo às 14:09



Johnson Jose
Manhique tanto faz, existe pessoas com gondorro nas maos! Domingo às 14:10



Mussakson Mavie
Bravo! O povo no poder instiga-se com actitudes do genero. Esta notável uma efectiva anuência à nobre proposta. Contudo, urge uma difusao implacavel da mesma para que de facto se materialize o desejo. Domingo às 14:44



Tomas Pedro
Carvalho Simango n vai gostar pk ai n terá a sua machamba preferida Domingo às 14:59



Ana Puga Boa ideia! Como no tempo da guerra! Domingo às 15:00



Estefania Dengo
Concordo Domingo às 15:09



Melody-wj Cema
Soleil Concordo. Domingo às 17:03



Augusto Cumba
David P-choll Vamos deminuir o campim para acabar com o cabritismo. Domingo às 18:16



Hellen Taynara Ya Domingo às 20:16



Inoque Francisco
A ideia é geneal Ontem às 6:58



Helio Macitela
Acho melhor isso Ontem às 7:36

f **goste de nós no**
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

CIDADÃO Momade REPORTA:

Infelizmente estive na zona de Nicoadala onde a estrada esteve cortada. A reposição da via não demorou mais de 1 hora. Foi muito estranho depois de ficar retido 4 dias e de repente e duma forma muito estranha as máquinas começaram a operar (estiveram 3 dias paralisadas) em 5 minutos apareceram pedras e tudo. O mais estranho é que minutos depois chegou o ministro das Obras públicas, acompanhado pela Presidente da Assembleia da Republica seguidos por jornalistas de quase todos os órgãos de comunicação social de Moçambique. O mais estranho de tudo: nenhum Jornalista falou com os motoristas ou passageiro, muito estranho mesmo.



Albertina
Macaringue Bem bem vc keria uke??? Domingo às 8:33



Joaquim Joao
Correia tudo estranho Domingo às 8:33



Casinmimo
Muxanga 4 dias p 1 dia? humm Domingo às 8:33



Olidio Chaúque
Esses governants fazem e dsfazem a qualquer moment k kiserem. Domingo às 8:34



Benjamim Jose Era para abrir as alas, pra k os filhos dos deuses passem. Domingo às 8:34



Jeremias Nhamue
Ai vem o combate e esta é hora de enganar os distraídos. Domingo às 8:36



Paulo Verónica
Mgd 4 dias td off e quase alguns min td on Domingo às 8:36



Johnson Jose
Manhique mas vao tropeçar. Domingo às 8:37



Acacio Tempora
Tempora voces gosto Disso nao é????????? Privar os donos da estrada o povo que Ja pagou à bastante tempo com os impostos para eles aranjarem tudo isso mas eles é que aparecem a à à à à à... Domingo às 8:42 • Gosto • 1



Arcenio Pinto
Velho O comentario que estou a fazer nao é porque tou contra teu pensamento. Vomos pensar um pouco: se calhar eles estavam a organizar material pra a reconstrucao... E depois de tudo vieram pra resolvel em uma hora. Quanto a jornalistas... Eram da TVM. Nao é por mal. Domingo às 8:43



Talique Amuda
Ossol Ossol apartir deste ano vamos ver muitas coisas do genero. pois a campanha eletoral xta a comecar.. Domingo às 8:44



Nelito José Aurélio
Luís Neste ano haverá eleições e Proximo ano Também Domingo às 8:50



Pedro Macamo se hover eleições. Domingo às 8:52



Azevedo Pacheco
Muca'uro arcenio a condição que estas a supor pode ser verdade, mais tu, eu, todos que conhecem o pais do deixa andar sabe a verdadeira historia, se calhar tbem estao a preparar material para as vitimas das recentes enxorradas Domingo às 8:54 • Gosto • 2



Azevedo Pacheco
Muca'uro e depois o que o presidente da assenbleia faz no terreno? Domingo às 8:55 • Gosto • 2



Gabrielantonio
Gaby Mano Arcenio jornalista da TVM na entrevista os motorista? ou por outro lado so vieram para mostra a pr da AR. Domingo às 8:56 • Gosto • 1



Azevedo Pacheco
Muca'uro o que e bom pra nos e agente termos acesso, manutenção dos bem publicos por parte de quem trabalha pra nos e não nos fazer pedir favor por algo que deve ser prioridade Domingo às 9:06 • Gosto • 3



Arcenio Pinto
Velho Azevedo, eu nunca estive a favor de malquices que o governo faz, eu sei que eles estao a fazer tudo lento no principio e terminam em uma hora pra dizerem que estao a trabalhar bem. Meus irmaos, esse pais quem manda é o povo. Nao custa nada votar num outro partido pra ver... Nos decidimos nas proximas eleicoes. No caso dos jornalistas, os da TVM omitem muita informacao importante porque sao do mesmo grupo com os governos. nem da vontade de ver a tvn ultimamente! Domingo às 9:06 • Gosto • 7



Hamilton Cossa
Nxo pais cheio de mistérios. Domingo às 9:13

Cidadania

Selo d'@Verdade

Opinião de Manuel Luís Gonçalves sobre artigo “Desportivo de Maputo: Mais (que) um grupo que caiu na desgraça”

Opinião de Manuel Luís Gonçalves sobre artigo “Desportivo de Maputo: Mais (que) um grupo que caiu na desgraça”

Senhor Director d'@Verdade
Exmo senhor

Li com a atenção que um documento medíocre o permite - o artigo que ocupa toda a página 23 de 16 de Novembro de 2012 intitulado- “Desportivo de Maputo: Mais (que) um grupo que caiu na desgraça”.

Da primeira leitura torna-se-nos difícil deduzir sobre a vossa inserção no mundo desportivo:

- Será a vossa redacção constituída por avestruzes de cabeça mergulhada na areia? Como nada viram... tudo muito bem!...

- Ou estarão vinculados à “Sistema Ilimitada”, a quem submetem os textos, recebidos e a expedir, para efeitos de censura?

O destino dado às cartas que vos remeti sem sequer acusarem a sua recepção, autoriza-nos a insinuar o vosso papel de defesa do sistema

- Ou tratar-se-á, apenas, de uma medida de austeridade que “desaguiou” na contratação de ignorância?

Vejamos:

1. O Ecletismo do GDM

Pretenderia a redacção proceder à análise de quem?

. do GDM – Grupo Desportivo de Maputo?

. ou do DMFC – Desportivo de Maputo Futebol Clube?

Porque a redacção não sabe que o GDM é o mais eclético clube do País, que pratica 7 modalidades em cujas competições oficiais participa- em femininos e masculinos, em seniores, juniores, iniciados e escolas, envolvendo, em média anual, 600 atletas... dizia... porque a redacção não sabe... sem este pressuposto, a elaboração da análise não tem sentido... vale nada!... Futebolmaníacos!...

2. Estatura do GDM

De facto o glorioso GDM é um clube histórico, constituído em 1991, ao plasmar no seu estatuto, o anti-racismo... um clube que se descolonizou antes do País.

Apesar da sua grandeza, as autoridades desportivas - governamentais, federativas e “ligativas” não se aproximaram do GDM, para auscultar a sua direcção, reter as respectivas ilações e deixar um par de orientações.

Ao “fazer tábua rasa” do papel das referidas autoridades, a redacção pariu um artigo de má-fé...

Lamentavelmente, a direcção do GDM não aderiu à minha proposta de encerrar o departamento de Futebol sénior... não quiseram submeter o GDM ao mesmo processo de volatilização do Alto-Maé, Central, Malhangalene, Atlético... clubes históricos... sem que mais ninguém quisesse saber os “porquês”...

Quem se seguirá?... o 1º de Maio?

3. O Estado do Futebol

A elaboração de uma análise sem invocar os antecedentes e sem descrever o contexto serve apenas para induzir os leitores em erro.

Ou terá sido este o objectivo ora encomendado?

Que ilações a reter:

- Sobre a classificação do País no “ranking” da FIFA?
- Sobre a queda vertiginosa da presença de público nos campos
- Sobre a violência constatada em campo após o surgimento de um determinado grupo?
- Sobre a produção de atletas virtuosos, sendo que o Dominguez, já no fim da carreira, foi o último?

Onde se escondeu o dr. Carlos José, após denúncia divulgada no “Facebook” e reproduzida no “Desafio”?

Onde pára o Kampango depois de anunciar uma conferência de imprensa alusiva ao Marraquexe? Onde estão arquivadas as gravações dos atletas do Kamaxaquene e do Púngue, mandatados para subornar atletas adversários?

Que medidas sobre a atitude de alguns atletas denunciados pelo seleccionador?

Porque o presidente da FMF não aceitou o convite do “café” da manhã?

...

Leia o resto do texto em @Verdade Online

<http://www.verdade.co.mz>

Guebuza devia ir embora...

Apesar das estradas esburacadas e da falta de transporte, o país cresceu. Contudo, não sabemos se o fez rumo à prosperidade ou ao caos.

Há mais infra-estruturas e mais zonas electrificadas. As notícias dão conta, com uma regularidade inusitada, de mais zonas rurais com acesso a energia. Isso é realmente desenvolvimento. É, portanto, evidente que há mais dinheiro no país.

No entanto, os últimos acontecimentos revelaram o quão frágil é o nosso desenvolvimento. Uma explosão numa subestação de energia deixou a cidade de Maputo às escuras. A subida do caudal dos rios, antes, deixou milhares de desalojados em todo o país e um rasto de degradação digno de um país desestruturado. Em tão pouco tempo o discurso segundo o qual caminhamos rumo a qualquer coisa foi torpedeado, estilhaçado e ridicularizado diante da impotência de quem de direito e sofrimento de cidadãos nacionais.

Um país à mercê de calamidades naturais evitáveis não pode arvorar, em lugar algum, chavões como auto-estima e desenvolvimento. Isso é trair os cidadãos. A quem devemos responsabilizar pelo sucedido? A quem devemos questionar pelas viaturas sumptuosas dos gestores da coisa pública? Pelas mortes de crianças recém-nascidas no Hospital Central da Cidade de Maputo por causa do apagão? Informação, essa, que ninguém revelou. Ninguém pediu desculpas às famílias enlutadas e ninguém será responsabilizado.

Estamos mais do que acostumados a essa forma de governação que desconhece responsabilidades e que recusa qualquer matrimónio com a incompetência. É tudo culpa do outro. Antes foi da água. Agora é da explosão. A situação de Maputo serviu para mostrar a forma vergonhosa como vive o resto do país. É assim que vocês governam? É assim que tratam aos que vivem no país real? Afinal como é que ganham eleições atrás de eleições com tamanha incompetência?

Não adianta, neste caso, pedir a cabeça do presidente do Conselho de Administração da Electricidade de Moçambique. O homem, na verdade, só peca por esperar que o demitam. Se tivesse um pinga de dignidade e bom senso, colocava o lugar à disposição. No entanto, em última análise, é Armando Guebuza quem deve responder pelo actual estado de coisas.

O último apagão que se abateu sobre capital do país é uma oportunidade para falar de outros atropelos à nossa dignidade protagonizadas pelo senhor e o seu Governo. O saudoso Carlos Cardoso disse que o senhor não seria um bom dirigente para a Nação. Para a nossa desgraça, Cardoso estava certo. Aliás, mais do que certo.

Depois de o senhor ser eleito, um dos primeiros sinais de que algo iria correr pior do que antes foi a promiscuidade entre o Estado e as empresas ligadas ao senhor e os seus amigos. Na ocasião, o Presidente, para além de afirmar, sem convicção, de que ia combater um tal “deixa-andar” fez-nos crer de que se tratava de um Mes-

sias. Analisada a sua forma de operar, o seu combate revelou-se vazio, porquanto, bem se vê, o “deixa-andar” é uma espécie de força onnipotente.

Portanto, se o “deixa-andar” é a moda hoje, está mais do que explícita – das duas uma – a sua incapacidade de lidar com ele ou a manifestação pornográfica de um esquema maquiavélico congeminado nos esgotos da sacanice para o manter e institucionalizar. O senhor rodeou-se de pessoas servis e incapazes de o questionar.

Nesse processo, houve tanta má-fé que induziu os próprios moçambicanos a pagarem chavões absurdos, numa clara atitude de arruinar a imagem de quem nos tinha liderado. Com este gesto, ficava consumada a entrada de uma nova quadrilha nas nossas vidas, escudada numa pálida tocha da unidade.

Depois disso a nossa desgraça colectiva foi cozinhada com mestria. Veio a Star Times, a Movitel, as empresas que fornecem material à Electricidade de Moçambique; a TATA que fornece carros obsoletos às empresas públicas de transporte de passageiros. Foi, portanto, com o senhor que a nossa desgraça ganhou contornos de calamidade. Com a sua governação os moçambicanos viraram escravos e a fome ficou mais densa, mais presente e pujante. O “lambobotismo” foi elevado à categoria de atestado de integridade.

O que aconteceu em Maputo é culpa sua, senhor Presidente. As empresas que fornecem material têm ligações aos seus ne-

gócios. O senhor enriquece com os lucros desse fornecimento. As empresas que reabilitam as vias de acesso também são suas.

Sim, o carvão não cria desenvolvimento imediato, mas a Star Times dará lucro garantido com a conversão do sistema analógico para o digital. A TATA idem. E muitas outras, senhor Presidente.

Por isso, estranhámos quando o senhor, à vista do furor da sua quadrilha, que pagueia não se sabe o quê, deixa o país sem energia e vem apresentar aquelas desculpas estapafúrdias de que a pobreza está nas nossas cabeças. Devia, isso sim, dar-nos conta de que não tinha qualquer ideia para o país. Apesar de já ser visível esta falta de ideias, poderia, em nome da auto-estima, que constitui o estandarte dos nossos dias, demitir-se.

O povo agradeceria...

PS: Temos medo do futuro senhor Presidente. Os rumores segundo os quais os seus rebentos abocanharam uma linha férrea para escoar carvão, entregue sem concurso público, deixam-nos apreensivos e com saudades do passado. Quando ouvimos, também, que os seus filhos e amigos vão ganhar o concurso internacional de exploração de blocos de gás e petróleo, no nosso país, o nosso medo fica ainda maior. Gostaríamos de estar errados e que, no futuro, tudo se revelasse um mero boato.

Por Rui Teófilo Mungói

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si [facebook.com/JornalVerdade](https://www.facebook.com/JornalVerdade)



É preciso romper com a dependência

A Associação Bloco 4 (AB4) vive de meios próprios e não tem interesse nos fundos de combate à pobreza urbana. Tirso Siteo, coordenador da AB4, não quer ver cortadas as “pernas” da sua associação “quando a fonte do financiamento secar”. Até porque, defende, só assim é que pode garantir a pureza dos seus ideias.

Não olha com bons olhos as iniciativas de desenvolvimento local como sendo fundo de combate à pobreza urbana. Acredita que é um mecanismo de controlo ideológico. “É um forma de controlar os passos” e acções dos beneficiários.

Texto & Foto: Rui Lamarques

(Jornal @Verdade) – Em que contexto surgiu a ideia para criar uma associação no distrito municipal número 4?

(Tirso Siteo) – A ideia surge quando um grupo de jovens começou a trabalhar com música. Em 2010 decidimos realizar eventos direccionados para a cultura Hip Hop e nesses mesmos espaços desenvolvíamos uma série de debates temáticos com os ‘manos’ da comunidade no sentido de auscultar a sua visão sobre o Rap. Ainda em 2010 alguém disse-nos que devíamos criar uma associação. Foi assim que a mesma surgiu com o apoio de jovens do bairro. O Niosta fazia parte, mas à medida que o tempo foi passando ele desligou-se da associação.

(@V) – O que faz concretamente a associação?

(TS) – Nós realizamos actividades culturais ligadas à música. Criamos uma espécie de intercâmbio entre artistas do distrito municipal KaMavota que antes tinha a denominação distrito municipal número 4”, daí é que surgiu a ideia. Nós realizamos eventos culturais e agenciamos, como quem diz, os novos artistas. Fazemos pesquisas em relação às culturas juvenis de rua.

(@V) – Quantas pesquisas foram desenvolvidas pela associação?

(TS) – Temos uma pesquisa publicada e que serviu de fonte para um trabalho de final de curso de licenciatura intitulada “Comunidades Hip Hop na Cidade de Maputo”. Trabalhamos com o “Bloco Quatro” e o movimento “Irmandade” do bairro central. Na verdade são duas pesquisas, uma feita por uma cidadã finlandesa que é nossa parceira. A importância dessa primeira é o facto de ser um olhar de fora. A segunda, feita por mim, é um olhar de dentro.

A maior parte da camada juvenil identifica-se com o Hip Hop. Ou seja, essa é a sua forma de expressão por excelência. Nós pegamos estes pontos de expressão e interpretamos.

(@V) – Existe uma comunidade Hip Hop?

(TS) – Existe.

(@V) – Quais são as características identitárias dessa comunidade?

(TS) – Estas comunidades caracterizam-se, por um lado,



pelos seus momentos de sociabilidade, nos quais os integrantes reúnem-se e discutem questões relativas à cultura Hip Hop e, por outro, pelo de pertença e entrega à causa dos mais fracos. Sabemos que a maior parte desses indivíduos exercem o Hip Hop como uma forma lazer, da mesma forma que alguém possa ter talento para o futebol e não viver disso.

Há também a limitação geográfica do conceito comunidade. Por exemplo, no Bloco 4 só faz parte da comunidade quem reside dentro dos limites do Distrito Municipal KhaMavota. Por outro lado, a Irmandade define-se de outra forma. Ou seja, basta partilhar dos ideias para fazer parte. Não há, portanto, uma fronteira geográfica. Na verdade, a ideia da comunidade é basicamente uma referência identitária na qual se agrega, algumas vezes, a questão de espaço.

(@V) – Falou da forma como o Hip Hop é encarado pelos seus fazedores. Colocou de um lado os que olham para esta expressão cultural como um momento de lazer e outros que a encaram como um negócio. Como é que isto acontece?

(TS) – A diferença está no estilo de vida que as pessoas adoptam e nos objectivos que procuram alcançar. Alguns estão na comunidade porque fazer música é uma forma de reencontrar amigos e pessoas que partilham os mesmos ideias. Essas pessoas, normalmente, têm outras fontes de rendimento e, nos momentos de lazer, podem voltar a ser o que gostam de ser. Portanto, o fim desses encontros é sempre o lazer.

Por outro lado, estão os que olham para o Hip Hop não só como uma forma de lazer, mas como um meio de ganhar algo. Quando alguém produz “uma instrumental” e depois cobra por isso já está a ganhar dinheiro com o seu trabalho dentro da comunidade. Essa forma de rentabilizar o esforço faz com que surjam, dentro da comunidade, estas relações comerciais.

Estas são as duas formas de estar que encontrei na comunidade. No entanto, deparamo-nos com algumas limitações para aprofundar melhor a sua natureza, isto porque as pessoas, por vezes, são incapazes de definir de que lado estão.

(@V) – O Hip Hop gera dinheiro?

(TS) – A questão de gerar dinheiro é relativa. Nas comunidades onde trabalhamos podemos afirmar que o Hip Hop não gera dinheiro, mas isso numa perspectiva de indústria musical. No entanto, há quem ganhe dinheiro com “as instrumentais”, eventos e estúdios de música. E mesmo esses têm de tirar dinheiro do bolso porque o que ganham não cobre todas as neces-

sidades.

Missão

(@V) – Qual é a missão da Associação Bloco 4?

(TS) – Uma das nossas ideias é mudar o conceito de marginalização dos próprios indivíduos que fazem Hip Hop. Quando me refiro à marginalização falo dos outros, tendo em conta a questão de origem da própria cultura e dos estereótipos que são criados em volta dela. A nossa missão, portanto, é mudar essa forma como as pessoas olham para o Hip Hop. Outra missão passa por dar oportunidade aos novos integrantes da comunidade de se expressarem melhor. Nós construímos um estúdio de gravação e eles registam as suas obras lá. Futuramente teremos uma oficina de aprendizagem e produção de vídeos. A ideia é que as pessoas que saíam formadas dessas oficinas tenham ferramentas para ganhar o seu próprio dinheiro. Até porque, regra geral, trata-se de indivíduos que não sabem fazer outra coisa que não seja música.

(@V) – Os estereótipos em volta do Hip Hop giram em torno da qualificação da mensagem veiculada que, para muitos, é violenta, machista e intolerante.

(TS) – Olhando para a mensagem veiculada na comunidade Hip Hop maputense há um pouco de tudo. Os estereótipos derivam do facto de as pessoas desconhecem o Rap e até de o confundirem com outras coisas. Os mc’s falam muito das suas vivências, os seus anseios e aquilo que ouvem. Há um ponto interessante, os mc’s não são agentes passivos de informação. Olham para a realidade de uma forma crítica e procuram mudar o meio circundante. Observamos isto na “Irmandade”, através dos espectáculos benéficos eles recolheram material escolar, vestuário e produtos alimentares não perecíveis, os quais foram doados aos mais necessitados.

(@V) – A associação desenvolve algum trabalho nessa perspectiva?

(TS) – Sim. Neste momento estamos a trabalhar com o orfanato Centro Criança Feliz. Nós apoiamos o centro com aquilo que conseguimos amealhar com as actividades culturais que realizamos. Esse é o nosso contributo. Ou seja, todas as AS doações que recebemos são canalizadas para esse espaço.

continua Pag. 14 →

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si twitter.com/@verdademz



Democracia

Desmobilizados de guerra ameaçam boicotar eleições

Os desmobilizados de guerra ameaçam boicotar as eleições autárquicas deste ano caso o Governo não satisfaça as suas exigências, tais como a fixação de uma pensão mensal de 20 mil meticais, contra os actuais 600 meticais, e a revisão do actual Estatuto dos Combatentes, alegadamente por não ser abrangente, entre outras.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Segundo o presidente do Fórum dos Desmobilizados de Guerra, Hermínio dos Santos, que falava horas depois de ter sido restituído à liberdade sob termo de identidade e residência na passada sexta-feira pelo Tribunal Judicial do Distrito Municipal KaMpfumo, nem ele nem os seus pares irão ceder às intimidações de que têm sido vítimas por parte do Governo. O que eles querem são “os nossos 20 mil mensais”.

Num outro desenvolvimento, Santos revelou que o grupo por ele liderado está a preparar uma manifestação que deverá ter lugar no dia em que o Presidente da República, Armando Guebuza, se reunir com o Governo.

“Não vou abandonar a causa dos desmobilizados”

Em relação à sua detenção, o presidente do FDGM diz-se inocente e que as acusações que pesam sobre si não têm fundamento. “Estes actos são para me intimidar, mas eu não vou abandonar a liderança dos desmobilizados”, reafirmou Santos, para quem o Governo está contra o povo.

Refira-se que Hermínio o líder dos insurrectos tinha sido detido na manhã do dia 13, acusado de ser o mandante de um grupo de desmobilizados que agredira, no dia anterior, um agente da Polícia da República de Moçambique no Circuito de Manutenção António Repinga, em Maputo, onde eles se encontravam concentrados para pressionar o Governo a resolver os seus problemas.

A detenção ocorreu na sua residência, no bairro de Infulene, município da Matola. Segundo a família, ele foi detido por volta das seis horas por um grupo de oito agentes da polícia à paisana. Eles cercaram a sua casa e



surpreenderam-no enquanto dormia. Nenhum mandado de prisão foi apresentado.

Pesa ainda sobre ele a acusação de ter dado ordens para o seu grupo arrancar uma arma a um agente supostamente do Serviço de Informação e Segurança do Estado (SISE), na circunstância trajado à paisana e que se tinha feito passar por um desmobilizado. Santos confirma ter havido agressão ao referido indivíduo e a arma foi posteriormente entregue à Polícia.

Hermínio dos Santos viria a ser restituído à liberdade sob termo de identidade e residência na manhã da passada sexta-feira pelo Tribunal Judicial do Distrito Municipal KaMpfumo, embora a não tenha sido fundamentada a sua detenção, muito menos a sua soltura.

Frelimo em “campanha eleitoral”

O secretário-geral do Partido Frelimo, Filipe Paúnde, diz que o seu partido já se encontra em campanha eleitoral desde as últimas eleições autárquicas de 2008, com o objectivo de vencer os pleitos que se avizinham, com destaque para as municipais de Novembro próximo, e as gerais do próximo ano.

Texto: Nelson Miguel • Foto: Miguel Manguze

A informação foi dada a conhecer numa conferência de Imprensa no último sábado no âmbito da visita de cinco dias que o secretário-geral da Frelimo, Filipe Paúnde, efectuou aos municípios de Nacala-Porto, Ilha de Moçambique e cidade de Nampula, onde apontou a organização das suas bases como desafios do seu partido.

“Os que ainda não começaram a culpa é deles, pois nós já arrancámos com as nossas actividades rumo às eleições de Novembro e às gerais do próximo ano”, disse, quando questionado sobre quais as estratégias a serem levadas a cabo para vencer os próximos pleitos eleitorais.

Paúnde referiu que a maior missão do seu partido é aproximar cada vez mais as populações e o empenho que o Governo tem vindo a demonstrar faz com que haja uma maior confiança no partido Frelimo. “O trabalho do nosso partido é forte na mobilização, e toda a população continua a confiar no partido Frelimo e nos seus dirigentes”.

Paúnde afirmou que o seu partido tem vindo a trabalhar junto dos governos municipais, no desenvolvimento das actividades sociais como o melhoramento de estradas, abastecimento de água potável, energia eléctrica e promoção de projectos de desenvolvimento comunitário.

Candidatos ainda não foram identificados

No que diz respeito aos candidatos às eleições autárquicas de Novembro próximo, Paúnde afirmou que os mesmos ainda não foram identificados. “Julgamos prematuro fazer a eleição dos candidatos às próximas eleições, e, para



além disso, eles serão eleitos nos seus respectivos comités distritais e provinciais, daí que não considero oportuno serem indicados agora. Vai chegar o momento”, e acrescenta: “desde as últimas eleições o partido Frelimo tem vindo a trabalhar com os seus quadros junto à população para que sejam eleitos cidadãos que não irão defraudar as suas expectativas”.

Mesmo sem avançar datas, Filipe Paúnde fez saber que todas as províncias estão a trabalhar no sentido de serem eleitos os candidatos que poderão concorrer às eleições internas para se apurar quem poderá concorrer nos próximos pleitos.

Transferida a gestão dos centros de saúde de Maputo para o município

O Conselho Municipal e a Direcção de Saúde da Cidade de Maputo assinaram no dia 15 deste mês um memorando de procedimentos de execução e materialização da transferência de funções e de competências de 26 centros de saúde e três morgues para a autarquia, à luz do Decreto 30/2006.

Texto: Redacção

Na ocasião, a directora de Saúde da Cidade de Maputo, Páscoa Whate, disse que o acto responde ao processo de descentralização das instituições que prestam serviços primários e básicos nas autarquias, como forma de aliviar o trabalho da Direcção de Saúde na urbe.

A gestão municipal das referidas unidades sanitárias entra em vigor a partir de hoje, dia 21, e espera-se que a medida melhore a expansão dos centros de saúde para que mais pessoas tenham acesso aos cuidados médicos e flexibilize os serviços prestados.

Entretanto, Whate reconheceu que embora haja condições técnicas e logísticas para a edibilidade trabalhar, o sector ainda se ressentia da insuficiência de infra-estruturas.

Por seu turno, a vereadora para a área da Saúde e Acção Social do Conselho Municipal de Maputo, Nurbai Calú, referiu que os cuidados primários são pertinentes para a preservação da saúde dos munícipes. Por isso, a tarefa que lhe cabe vai obrigar a que haja mais responsabilidade e empenho com vista a dar-se continuidade ao trabalho deixado pela Direcção de Saúde.

Nurbai Calú explicou que a transferência de funções e competências de 26 centros de saúde e três morgues e respectiva gestão dos cuidados primários para a edibilidade inclui também os recursos humanos, materiais e financeiros.

Ela apontou que o processo ficará completo com a transferência de cinco centros de saúde ainda em falta e dos centros de exames médicos.

Luís Boavida reconduzido ao cargo de secretário-geral do MDM

O Conselho Nacional do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), que esteve reunido no distrito de Gurúè, na província da Zambézia, nos dias 15 e 16, reconduziu Luís Boavida ao cargo de secretário-geral. No encontro, foi também aprovada a nova composição da Comissão Política, proposta pelo presidente, Daviz Simango, e definido o mês de Abril como limite para o anúncio dos candidatos às eleições autárquicas de Novembro próximo.

Texto: Redacção

Assim, mantêm-se na Comissão Política Lutero Simango, Alcinda da Conceição, Albano Carige, Abdul Rahim e Maria Moreno, enquanto Carlos Bernardo deixa o órgão e passa a desempenhar o cargo de director-adjunto da escola do partido, e José Lobo, Domingos Charles, Pedro Rodrigues e Armando Cuna irão assessorar Daviz Simango.

Compõem ainda o órgão Moisés Ofinar, Joaquim Nota, Verónica Valoi e Clara Antunes, sendo esta a primeira vez que estas figuras são indicadas para a Comissão Política.

Em relação às eleições autárquicas de Novembro, o presidente do MDM garantiu que algumas províncias já estão muito adiantadas no que diz à escolha dos candidatos. “Estamos à espera que a Comissão Política, órgão competente para deliberar sobre a matéria, se reúna em Abril próximo, para publicamente apresentar os candidatos”.

Democracia



(@V) – Qual é a visão da AB4 em relação à situação política, económica e social?

(TS) – Nós temos um ambiente favorável para criar esses pequenos movimentos associativos, mas essas associação são dependentes. Quem vive numa relação de dependência fica sem pernas para andar quando a fonte de financiamento seca. Mas isso é o mesmo que se vive no país. O nosso sistema de governação também é dependente de doadores. Sempre que as doações reduzem ficamos de pernas para o ar. Até parece que não existem outras soluções, o que não é verdade. Nós podemos trabalhar sem financiamento. Nós estamos a trabalhar com meios próprios. Temos algumas parcerias que criamos ao longo do trabalho, mas isso não é financiamento. Acho que assim é mais fácil andar e não perder de vista os ideais que nos norteiam. Estamos dependentes, mas não de uma forma hierárquica do estilo chefe/empregado. É preciso começarmos a romper com essa questão de dependência hierárquica e procurarmos formas de andar sozinhos.

Erros da governação

(@V) – O que está errado com o nosso tipo de governação?

(TS) – Várias coisas, mas posso avançar um exemplo. As políticas traçadas para a cultura são um caos. Repare que temos um Instituto Superior de Comunicação e Arte. Nós acreditávamos que a existência dessa instituição estivesse virada para os artistas que nós temos. Há homens com obras e que precisam de um conhecimento adicional. Não no sentido de lhes ensinar o que é arte, mas sistematizando a arte que eles são e fazem. Esses indivíduos, muitas vezes, sabem fazer música mas não são capazes de comercializá-la. Porque não dotá-los de ferramentas de marketing?

Quantos artistas trabalham com o Ministério da Cultura? Quantos são chamados para ajudar a traçar políticas de acção? Acontece tudo com os artistas à margem. As pessoas não podem ser chamadas para serem exibidas aos doadores.

(@V) – Qual é o contributo a AB4 para mudar a mentalidade actual?

(TS) – Realizamos alguns workshops e procuramos trazer as experiências de outros pontos do mundo. Temos

“

Estas são as duas formas de estar que encontrei na comunidade. No entanto, deparamo-nos com algumas limitações para aprofundar melhor a sua natureza, isto porque as pessoas, por vezes, são incapazes de definir de que lado estão.”

mas ao seu conteúdo e contributo para o despertar de consciências. Ou seja, a qualidade do discurso. Será que o discurso é repetitivo? Será que há necessidade de quebrar a continuidade para entrar na descontinuidade?

(@V) – Qual é o futuro do Rap?

(TS) – Não sou futurista.

“

A questão de gerar dinheiro é relativa. Nas comunidades onde trabalhamos podemos afirmar que o Hip Hop não gera dinheiro, mas isso numa perspectiva de indústria musical. No entanto, há quem ganhe dinheiro com “as instrumentais”, eventos e estúdios de música. E mesmo esses têm de tirar dinheiro do bolso porque o que ganham não cobre todas as necessidades”

(@V) – Qual é o presente?

(TS) – É aquilo que estamos a ver: menos qualidade e maior quantidade. É preciso cultivar hoje para poder-

mos colher amanhã. No entanto, não se tem cultivado com muito rigor.

Subúrbio vs cidade

(@V) – Existe um debate dentro da comunidade Hip Hop entre o subúrbio e a cidade em torno dos representantes reais do estilo. Qual é a motivação?

(TS) – Durante a pesquisa, o que registámos é que temos uma cultura Hip Hop que começa na cidade e gradualmente atinge o subúrbio. Se começa na cidade quem faz os programas radiofónicos? Quem faz os programas televisivos? Obviamente que são os indivíduos que residem na cidade. Se estes indivíduos criam uma espécie de elite levantam fronteiras contra os que residem no subúrbio. Essa delimitação e vedação de acessos aos espaços de divulgação geram essa discriminação. Um jovem do subúrbio só poderia ter acesso ao Hip Hop Time se tivesse um amigo no centro da urbe. Tinha de ser amigo de um Azagaia para ser ouvido. O pior é que não podia dizer que venho de um bairro periférico. Só depois de firmar o meu nome no movimento é que podia revelar as minhas origens.

Outro aspecto tem a ver com o facto de uns dizerem que o Hip Hop de verdade está em lugares específicos. Uns dizem que reside na Matola, outros no Bloco4, Malhangalene, etc. É bom pensar desse modo até certo ponto. Isso ajuda-nos a olhar para a questão da diversidade. Há muitas comunidades e ou bairros que tentam afirmar o seu Eu num determinado espaço. Se o tentam fazer é porque temos diversidade. O que se pretende, na verdade, é a diversidade. Podemos encontrar indivíduos que pensam desse forma em todos os espaços da província e cidade de Maputo.

(@V) – A natureza do Hip Hop, de certa forma, é procurar combater as elites estabelecidas. Essa “guerra” entre a chapa de zinco e o betão armado não está assente nisso?

(TS) – A natureza é essa, mas há algo que podemos tomar em conta. Parte desses indivíduos que inicialmente combatiam essa elite criaram canais alternativos e já não dependem dela. Têm programas radiofónicos próprios em rádios comunitárias. Há, neste momento, um movimento inverso. A tal elite é que vai atrás dos indivíduos que estão no subúrbio. Isso porque os suburbanos, querendo ou não, têm maior expressão e reconhecimento nas massas do que os indivíduos que estão na cidade. Na cidade é tudo a mesma coisa. No subúrbio até pode haver homogeneidade, mas há muita diversidade.

Rap consciente

(@V) – O que é isso de Rap consciente e até que ponto os “rappers” são, de facto, conscientes?

(TS) – Essa é uma questão pertinente. É preciso saber o que é isso de Rap consciente. Eu precisaria de ser psicólogo para dizer que são conscientes ou não. Por isso prefiro olhar mais para aquilo que são os seus actos, questões de representação e práticas. Até que ponto estão fora daquilo que é o padrão estipulado pelo olhar dos outros. Há pessoas que escrevem e guardam as letras das músicas nas gavetas. Isso por causa das limitações impostas pelo facto de estarem ligados ao funcionalismo público. Mas estes indivíduos quando estão no meio dos fazedores de Hip Hop libertam-se. Não deixaram de ser conscientes, mas vivem numa sociedade que julga e mede a liberdade de expressão com uma régua.

(@V) – O Rap é uma ameaça ao poder?

(TS) – Tudo o que é um movimento novo ou desconhecido é uma ameaça. Tudo o que está fora do controlo do poder é uma ameaça muito clara. Ou seja, tudo aquilo que escapa ao sistema de censura é uma ameaça. Portanto, nessa perspectiva, o Rap é uma ameaça e pode constituir um movimento de mudança desde que ao discurso seja aliada a prática.

Comunicado

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si www.verdade.co.mz



Democracia

Edil de Ribáuè ameaçado de morte por se recusar a abandonar o poder

O presidente do Conselho Municipal da vila de Ribáuè, na província de Nampula, Constantino António, está a ser alvo de frequentes ameaças de morte pelos seus "camaradas" a nível do comité distrital do partido Frelimo naquele distrito, por se recusar a abandonar as funções de edil que ocupa desde 2008. As mesmas pessoas que estão a exigir que ele abandone do cargo já o forçaram a demitir-se alegadamente devido a má gestão dos destinos do município.

Texto & Foto: Nelson Miguel

Em entrevista ao @Verdade, o presidente do município da vila de Ribáuè confirmou que está a sofrer ameaças de morte por parte de alguns membros do partido Frelimo a nível de distrito, apontando os nomes de Abílio Leveja, secretário do comité de verificação do partido dos camaradas como sendo um dos mentores.

De acordo com o edil, no dia 29 de Novembro do ano pas-



sado (2012), recebeu na sua própria residência, sita no bairro de Napipine, cidade de Nampula, dois cidadãos, nomeadamente Abílio Leveja e outro, conhecido por Nthoro, que se distanciaram do plano de assassinato que alegadamente está a ser orquestrado pelos membros do partido Frelimo.

Segundo declarações de Abílio Leveja e Nthoro ao edil de Ribáuè, uma das figuras envolvidas é o primeiro secretário do partido Frelimo, Silvério Canate, com quem não tem boas relações. "Eles não esconderam, disseram que é o camarada primeiro secretário do partido que está à frente disto. Com ele, não tenho boas relações. Ele faz isso em conluio com o senhor Bernardo Alide", disse.

Constantino António conta que, num dos dias em que estava ausente da sua residência na cidade de Nampula, a sua família foi surpreendida por um grupo de oito criminosos, que se introduziram no interior da sua casa à sua procura. Os

malfeitores molestaram a família, retiraram todos os electrodomésticos e prometeram regressar para pôr termo à sua vida.

Diz ainda que os criminosos se fizeram à sua residência numa altura em que se encontrava no município da Ilha de Moçambique, numa reunião de balanço dos municípios da província de Nampula. "No dia em que terminou a reunião, decidi ficar mais uma noite na cidade da Ilha de Moçambique, e penso que os criminosos pensavam que eu já estivesse em casa", comentou para depois acrescentar que a intenção dos criminosos não era levar os seus bens, mas sim matá-lo.

O nosso entrevistado disse, num outro desenvolvimento, que aqueles indivíduos levavam consigo instrumentos contundentes, como catanas, machados, foices, facas, lanças e paus afiados.

A tentativa de assassinato do edil de Ribáuè é um assunto que passou pela 3ª Esquadra da Polícia da República de Moçambique (PRM) na cidade de Nampula, tendo sido indicada uma brigada da Polícia de Investigação Criminal (PIC) para seguir o caso, que tem Silvério Canate e Bernardo Alide como principais suspeitos, sendo que, neste momento, o processo se encontra na Procuradoria-Geral da República a nível da província de Nampula.

Voz da Sociedade Civil

Com enormes reservas, insuficientes vias de escoamento e sem estratégia

Moçambique tenta entrar na lista dos maiores produtores de carvão e gás

Prevê-se que nos próximos anos Moçambique entre na lista dos dez maiores produtores de carvão e dos vinte maiores produtores de gás natural no mundo. Com 2,7 mil milhões de dólares investidos nos sectores mineiro e de hidrocarbonetos em 2011, o país vive um autêntico frenesim em torno dos recursos minerais.

Depois que em vários anos do período pós-guerra, a discussão política e económica se centrou na dependência da ajuda externa, de há cerca de cinco anos para cá, o boom dos recursos minerais vai assumindo lugar de topo nos debates económico e político.

Estará Moçambique a passar da dependência da ajuda externa à dependência de recursos minerais? Talvez sim, se o gás do Rovuma for explorado dentro ou acima das previsões, e se questões ligadas às infra-estruturas e logística no geral forem resolvidas dentro dos prazos. Talvez não, se o país não conseguir exportar o carvão de Tete por insuficiência de vias-férrreas (um cenário que embora menos desejável, figura como o mais provável), de recursos humanos qualificados e, sobretudo, se em vez de alavancar a economia nacional, a abundância de recursos minerais resultar em conflitos sociopolíticos, como acontece em muitos países.

As questões centrais do debate continuam a girar em torno dos benefícios dos recursos minerais para a economia nacional, no geral, e para as zonas onde eles são explorados, em particular; o secretismo em volta das negociações e dos contratos assinados entre o Governo e as empresas extractivas; a falta de quadros qualificados nos diferentes ministérios que lidam com a exploração, comercialização e exportação de recursos minerais; a descoordenação entre os diferentes ministérios e a falta da capacidade do Governo de monitorizar, de forma independente, as empresas, as quantidades e qualidades dos minérios explorados e exportados.

A partir de 2008 começaram a ganhar fama as enormes reservas de carvão em Moatize, até que dois anos mais tarde, em 2010, começou a ser público que, para além de Moatize, há igualmente enormes reservas de carvão noutros distritos de Tete: Changara, Cahora-Bassa, incluindo as bacias carboníferas de Cabo-Delgado, Niassa e Manica.

Na área de hidrocarbonetos, depois dos campos de gás de Pande e Temane, cuja exploração começou em 2004, com as intensas pesquisas feitas na Bacia do Rovuma, em 2010

começou a ser consensual que há muito mais gás em Cabo-Delgado do que em Inhambane. Ao mesmo tempo, foi-se sabendo que, afinal, as quantidades de petróleo ali descobertas não são comercializáveis.

Hidrocarbonetos

As reservas de gás estão estimadas em 100 triliões de pés cúbicos (tcf, na sigla em inglês) com um valor aproximado de 350 mil milhões de dólares, dos quais Moçambique pode arrecadar pouco mais de 20 mil milhões de dólares durante a vida dos campos de gás.

Essas reservas colocam Moçambique na destacável classificação de 3º país com maiores reservas de gás em África (a seguir à Argélia e à Nigéria). Moçambique poderá entrar para a lista dos 20 maiores produtores mundiais de gás natural, atrás do Cazaquistão (105 milhões de ton/ano) e à frente da Polónia (77 milhões de ton/ano) e a Colômbia (74 milhões ton/ano), e sair da lista dos dez maiores produtores – tudo isto considerando inalterados os actuais volumes de produção. As descobertas de gás na Bacia do Rovuma em Cabo-Delgado pela companhia americana Anadarko são estimadas entre 15 e 30 triliões de pés cúbicos, e

as da italiana ENI situam-se na ordem dos 70 triliões de pés cúbicos. Prevê-se que a exploração do gás do Rovuma comece em 2018 e possa durar cerca de trinta anos.

Apesar das primeiras descobertas de gás natural em Moçambique datarem da década de 1960 (o gás de Búzi em Sofala foi descoberto em 1962; o de Pande e Temane em Inhambane em 1961 e 1967, respectivamente), somente a partir de 2004 essa indústria ganhou importância com o arranque da exploração do gás de Pande e Temane pela companhia petroquímica sul-africana Sasol. Dados recentes do Instituto Nacional de Petróleos (INP) indicam que as reservas de Pande e Temane possuem reservas estimadas em 2,7 e 1,0 triliões de pés cúbicos, respectivamente.

Segundo cálculos do INP, entre 2006 e 2011, as multinacionais envolvidas na pesquisa de hidrocarbonetos no país investiram cerca de 1,1 bilião de dólares, 53% dos quais foram para a Bacia do Rovuma e 25% para os campos de Pande e Temane.

**Centro de Integridade Pública (CIP)
Parlamentares Europeus para a África
(AWEPA)**

Cidadão informado vale por dois tenha sempre
@Verdade perto de si facebook.com/JornalVerdade



Comunicado

Alberto Mhula: “Eu existo, mas estou a passar fome!”

Contornar o seu nome, em qualquer discussão sobre a Marrabenta ou acerca do festival, seria um contra-senso. Como aconteceu, na primeira noite de Fevereiro, no concerto decorrido no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, o músico agiu contra as limitações do próprio corpo – apresentou-se no palco – a fim de reiterar um facto: “Eu, Alberto Mhula, existo”.

Texto: Redacção • Foto: M. Manguze/I. Albino/Espólio de Alberto Mhula



O sentido que, de há uns tempos para cá, a Imprensa moçambicana tem criado, a par da cumplicidade de certos músicos, gerou um mal-estar entre os cantores de gerações diferentes: na música ligeira moçambicana, há velhas glórias e a nova geração.

Na verdade esta segmentação, em si, não representa nenhum imbróglia. Mas as repercussões, em termos de visibilidade artística, sobretudo na Imprensa audiovisual que daí resultam carregam consigo algumas fraquezas.

Acerca disso, em certa ocasião – em entrevista publicada no jornal Canal de Moçambique de 28 de Julho de 2010 – Alberto Mhula afirmou: “Estou muito admirado e revoltado quando dizem que não somos de nada. Os novos é que são artistas porque cantam em português. Porque é que não nos dão espaço e oportunidade para cantar as nossas músicas tradicionais, nas nossas línguas?”. (Sic).

Na época não faltaram argumentos ao artista que canta há mais de 60 anos. “Participámos em todo o processo que conduziu à emergência do Governo da Frelimo. Muita gente morreu. Sofremos muito”. No entanto, “A nossa vida está a correr mal”.

Ainda que adore a arte de cantar – o que, na verdade, fez durante a maior parte da sua vida – Mhula está debilitado. Que razões, então, podem fundamentar a sua insistência em realizar concertos de

tro da urbe. A sua saída do palco não foi fácil, como aconteceu com a sua actuação. Foram necessários dois homens (da produção) para apoiarem-no enquanto abandonava o palco: o Manjacaziano não consegue andar, devidamente, desde que sofreu um acidente de viação em 2011.

“Depois de pendurado, existo mas estou a passar fome”

Mais de dois anos depois de em Outubro de 2010 ter sofrido o acidente que lhe limita a circulação, Mhula participou no Festival Marrabenta de 2013, para enfatizar que “eu, Alberto Mhula, existo”. No entanto, conforme assinalara em Abril de 2011, altura que afirmara que estava pendurado, numa matéria publicada pelo jornal @Verdade, no dia 14, nada convence os seus admiradores e fãs de que, nos dias actuais, o artista se encontra em melhores condições.

Talvez, afirmar que “Estou pendurado e não sei se vou viver mais anos” – como o fez há dois anos – seja menos consolador. Por isso, ainda que a sua situação não seja melhor, Mhula reitera: “eu existo, mas estou a passar fome”.

Há mérito na insistência

Quando o assunto é Marrabenta, Mhula – o fundador do Conjunto Manjacaziano – é uma pedra angular. O seu nome não pode ser apartado do referido género musical, muito menos do Festival Marrabenta. Por meio da sua música, entre outros temas com impacto na construção social dos cidadãos, o cantor interpreta a moçambicanidade, entendido também como um conjunto de rituais e práticas tradicionais do povo.

a actuação de Neyma Alfredo, Dilon Djindji, Cheny Wa Gune, Sam Manguane, entre outros, incluindo o próprio Manjacaziano, criou condições para que o público distinguísse, em função da sua percepção e experiência, o que diferencia a Marrabenta de outros géneros musicais.

Não temos arquivo

No âmbito desta matéria, fez-se uma incursão pelas principais instituições culturais deste país – com destaque para o Ministério da Cultura, o Arquivo Histórico, a Associação dos Músicos Moçambicanos – em que se constatou que não há nenhum arquivo fotográfico que retrate o percurso artístico de Alberto Mhula.

É que, ao que tudo indica, o país não possui arquivo de um dos cantores mais representativos da Marrabenta,



música, no estado doentio em que se encontra? Quando canta, como se viu no último show, a sua voz treme. O microfone torna-se um peso na sua mão.

No dia um de Fevereiro, Mhula deslocou-se do Bairro “Unidade 7”, no subúrbio da capital, para o cen-

Sabe-se, porém, que no primeiro dia do Festival Marrabenta, Alberto Fabião Mhula insistiu na ideia de actuar, mesmo consciente das suas limitações físicas. A verdade é que, em parte – há quem assim pensa – no contexto da discussão sobre a Marrabenta que se instala de forma contínua na sociedade moçambicana (com alguns cidadãos a defenderem que ela deve ser preservada, já que constitui um património, enquanto outros afirmam que se pode miscigenar com outros géneros musicais)

a música que é para os moçambicanos um património cultural. Alberto Mhula acompanhou e participou no processo da evolução do género. Por isso mesmo, ele pode afirmar que “nós cria-

Destaque

mos a Madjika e a Dzukuta, de onde emerge a Marrabenta”.

Uma carreira internacional

A par de personalidades como Dilon Djindji, Xidiminguana, Ernesto Chimanganine, António Marco e Alberto Mutcheka, com os quais fez o percurso produtivo da Marrabenta, Alberto Mhula congratula-se com a carreira que possui e não lhe faltam argumentos: “graças à música conheci países da Europa como a França, a Alemanha, Portugal, Suíça, entre outros. Foi um percurso em que aprendi muito. Não sou conhecido como malfeitor. Isso dá-me dignidade. Além do mais, apesar de ter trabalhado como pintor e cozinheiro ao longo dos anos, é com o

dinheiro da música que construí a minha casa. Actualmente, vejo muita gente, principalmente os jovens, que passa mal devido aos problemas de habitação”.

As dificuldades que o acompanham, sobretudo as económico-financeiras, limitando as possibilidades de produzir novos trabalhos discográficos, são, para Alberto Mhula um mal presente. Diz ele que nos dias que correm, “os jovens têm padrinhos que lhes financiam para gravar as músicas, e nós não temos”. É em resultado disso que a sua vida se torna difícil já que – com uma saúde frágil – nem pode trabalhar como pintor.

Mhula não tem assistência social. O doente, na sua casa, disse-nos que, devido ao seu fraco poder económico-financeiro, passa fome.



Quem é Alberto Mhula?

Nascido a 01 de Dezembro de 1934, no distrito de Manjacaze, localidade de Chaguala, Alberto Mhula concluiu a 3ª classe na Escola da Imaculada Conceição de Mavengane. A par de outros companheiros da música, participou no processo da criação da União Moçambicana da Cultura Musical e Teatral, em 1950.

Alberto Fabião Mhula é fundador do Conjunto Manjacaziano, banda que toma esse nome em homenagem à sua terra natal, o distrito de Manjacaze. A sua relação com a música, com destaque para a sua afeição em relação à guitarra, começa em 1943, mas só em 1950 altura é que gravou as suas primeiras músicas, nas Produções 1001, na Rádio Moçambique.

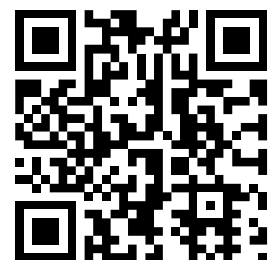
Durante a sua carreira, registou vários temas músicas nas editoras Orion e J&B Recording – já desaparecidas – incluindo a Vidisco Moçambique. Em 2010 foi laureado na categoria de Prémio Carreira pelo programa Ngoma Moçambique produzido pela Rádio Moçambique.



Tens um smartphone?

Entra em www.i-nigma.mobi baixa o aplicativo, instala-o e abre o programa.

Aponta a câmara do teu telemóvel para esta imagem



...e descobre a informação por detrás do código!

Estrela do atletismo sul-africano acusada de matar a namorada

O atleta sul-africano Oscar Pistorius, primeiro paralímpico a participar nos Jogos Olímpicos, conhecido por Blade Runner, foi detido na passada quinta-feira (14), acusado de matar a namorada.

Texto: Redacção/Agências • Foto: AP/Getty Images



O procurador disse, no tribunal de Pretória, na África do Sul, que Pistorius disparou quatro balas, tendo a namorada sido atingida por três, através da porta da casa de banho da casa do atleta, onde foi morta, na madrugada de quinta-feira passada. “A vítima foi alvejada três vezes quando estava na casa de banho e a porta da casa de banho foi forçada, pensamos que estava fechada à chave”

“Pôs as próteses, caminhou sete metros e disparou”, acrescentou o procurador, citado pela AFP. “Preparou-se. Armou-se. Ele queria matar”, argumentou, segundo as citações divulgadas pelo jornal sul-africano Times. “São estes factos frios que fazem deste um assassinio premeditado.”

“O acusado disse à irmã que pensou que era um ladrão. Porque haveria um ladrão de se fechar na casa de banho?”, questionou, segundo a agência. Pistorius, disse ainda, “não deu a sua versão dos factos” e “só havia duas pessoas na casa, naquela noite”.

O advogado de Pistorius, Barry Roux, contestou a acusação de crime premeditado dizendo que “não foi um assassinio” evocando outros casos em que “maridos dispararam sobre a esposa por acidente pensando tratar-se de um intruso”. “Não há qualquer elemento que indique a menor premeditação. Tudo o que sabemos é que estava fechada na casa de banho. Foi morta na casa de banho (...) ele pensou que era um intruso”, disse, segundo a AFP. Roux lamentou, no entanto, “a morte prematura e infeliz de Reeva Steenkamp.

O assassinio premeditado é punível com prisão perpétua, na África do Sul.

O atleta voltou a chorar em tribunal, como já o fizera na sexta-feira passada, quando compareceu pela primeira vez perante um juiz e foi formalmente acusado de homicídio.

No exterior, manifestantes mobilizadas pela Liga das Mulheres do ANC (Congresso Nacional Africano) pediram a condenação de Pistorius. “Fiança não, para Pistorius”, “Apodrece na cadeia”, diziam alguns cartazes.

Conhecido por “Blade Runner”, devido às próteses de carbono com que corre, Pistorius, de 26 anos, é atleta de 400 metros e campeão paralímpico. Foi o primeiro atleta duplamente amputado a correr nos Jogos Olímpicos, em Londres, no ano passado. O crime causou estupefacção.

O funeral de Reeva Steenkamp foi realizado na manhã desta terça-feira (19), numa cerimónia privada, no crematório de Victoria Park, em Port Elizabeth.

Testemunha do caso Pistorius ouviu gritos de mulher no intervalo dos disparos

Um investigador da polícia disse nesta quarta-feira (20) ao tribunal de Pretória que uma testemunha ouviu gritos de mulher entre os disparos de Oscar Pistorius que mataram a namorada, Reeva Steenkamp. O intervalo entre o primeiro tiro e os seguintes foi de 17 minutos, segundo outro testemunho.

Logo no início da sessão judicial, o procurador Gerrie Nel declarou que uma testemunha ouviu “gritaria” entre as 2 e as 3 horas da manhã de quinta-feira passada, pouco antes de Reeva Steenkamp ter sido assassinada, o que o contraria a versão dos factos apresentada pelo atleta sul-africano e a tese de acidente exposta pela defesa. Pistorius disse, na terça-feira, que estavam completamente enamorados.

Mais tarde, um investigador da polícia declarou que uma testemunha ouviu tiros, seguidos de gritos de mulher “e depois novos disparos”. “Temos o testemunho de uma pessoa que disse que depois de ter ouvido tiros, foi à varanda e viu a luz acesa (na casa de Pistorius), em seguida ouviu uma mulher gritar duas ou três vezes, e novos disparos”, declarou, segundo a AFP, Hilton Botha, que chefia a equipa de investigação policial. Segundo a Reuters, o investigador disse também, citando outra testemunha, que o intervalo entre o primeiro disparo e os seguintes foi de 17 minutos.

A Imprensa sul-africana tinha já escrito, a partir de informações prestadas por investigadores, que o casal se envolveu em disputas violentas nas horas que antecederam a morte da modelo. A indicação de que houve uma discussão contraria também a informação prestada por Pistorius, de que esteve a dormir até pouco antes dos disparos que vitimaram a namorada.

Hilton Botha descreveu, na quarta-feira, ao tribunal o cenário que encontrou no local, às 4h15 da madrugada de dia 14. Reeva Steenkamp já tinha sido declarada morta pelos socorristas. “Acredito que ele sabia que ela estava na casa de banho”, disse.

Assassinio premeditado

Num texto lido na terça-feira pelo seu advogado, Pistorius deu a sua versão. Afirmou ter disparado através da porta da casa de banho por pensar que estava um ladrão no interior e que mais tarde forçou a porta com um taco de críquete para socorrer a namorada.

Na terça-feira, o procurador responsável pelo caso acusou Pistorius de assassinio premeditado. “Pôs as próteses, caminhou sete metros e disparou”, disse, citado pela AFP. “Preparou-se. Armou-se. Ele queria matar”, argumentou, segundo os relatos da Imprensa local. “São estes factos frios que fazem deste um assassinio premeditado.”

Nesta quarta-feira Gerrie Nel disse que não há dados que sustentem a versão de que Pistorius confundiu a namorada com um ladrão. Segundo a AFP, o juiz do

caso, Desmond Nair, deu a entender que é sensível aos argumentos do procurador, o que tornaria a libertação provisória um cenário pouco provável.

As declarações do procurador e do investigador policial, que procuraram desmontar a tese de morte accidental, dificultam a tarefa da defesa de Pistorius, que tenta convencer o tribunal de que o atleta matou a namorada por acidente e não de modo intencional e premeditado.

Barry Roux, o advogado do atleta, alegou que a autópsia não revelou a existência de outro tipo de violência



para além dos disparos, facto confirmado pela polícia. Procurou também encontrar contradições nas declarações do investigador policial, procurando desacreditá-las.

O detective chefe entrou em contradição em declarações sobre a sequência de acontecimentos que antecederam a morte. O depoimento de Botha incluiu referências a telefonemas que Pistorius teria ou não feito, após a tragédia, à segurança do complexo de residências onde vive e aos serviços de emergência, a testemunhos de vizinhos e a substâncias encontradas no seu quarto.

Posse ilegal de arma e seringas no quarto

Hilton Botha disse que Pistorius será acusado pela posse ilegal de munições de calibre .38 encontradas na sua casa. O tribunal foi igualmente informado pelo investigador de que foi encontrada testosterona, produto proibido a desportistas, e seringas no quarto do atleta paralímpico, o que cria suspeitas de doping de um desportista que, até há dias, era idolatrado no país. O advogado de defesa disse que se trata de um “remédio à base de plantas” e que Pistorius tem o direito de o utilizar.

Um porta-voz do Comité Paralímpico Internacional, Craig Spence, disse à AFP que o atleta foi submetido a dois testes anti-doping durante os Jogos Olímpicos de Londres, no ano passado, e que ambos deram resultados negativos.

A Imprensa local, citando fontes da investigação, tinha avançado que foram encontradas caixas suspeitas e seringas em sua casa. O jornal sul-africano Times avançou que, independentemente da evolução do processo judicial pela morte da namorada, Pistorius pode ser proibido de participar em competições, se se confirmar que tomou esteróides anabolizantes. Estes podem, nota a AFP, provocar crises de violência descontrolada

O que para já está em causa é a decisão sobre a libertação, ou não, do suspeito, sob caução. Os trabalhos desta fase “prévia” foram suspensos às 15 horas locais e prosseguem quinta-feira. Nessa altura, a defesa apresentará argumentos a favor da libertação condicional.

O crime vai também ter, naturalmente, efeitos a nível dos contratos publicitários. A Nike e a cosmética Thierry Mugler informaram que não têm planos para futuras campanhas publicitárias com o atleta. E o fabricante de óculos de sol Oakley anunciou a suspensão do contrato “com efeito imediato”.

Mundo

Mali: Cristãos e muçulmanos “vítimas dos terroristas”

Na entrada da igreja evangélica de Mopti, no centro de Mali, soldados postaram-se ao lado de cada porta, enquanto o pastor Luc Sagara saudava os fiéis que chegavam para a oração dominical.

Texto: Marc-Andre Boisvert/ Envolverde-IPS • Foto: Reuters

A presença dos soldados foi uma dura lembrança de que, há menos de três semanas, o povoado estava ocupado por extremistas islâmicos que queriam impor a sharia nesta nação do ocidente africano. “Agora sentimo-nos seguros. Com a intervenção da França, esperamos que eles não nos ataquem mais”, disse Sagara à IPS.

A França iniciou, em 11 de Janeiro, a sua intervenção militar no Mali, a pedido do presidente interino do país, Dioncounda Traoré, depois de extremistas terem avançado sobre a localidade de Konna, 60 quilómetros a nordeste de Mopti, enquanto os islâmicos ocupavam povoado após povoado, tentando capturar a capital Bamaco, impondo a sharia, e os cristãos e muçulmanos moderados eram perseguidos.

Desde Abril de 2012, o norte do Mali foi hostilizado por uma coligação de grupos armados integrados pela Al Qaeda no Magreb Islâmico, o Movimento pela Unidade, a Jihad na África Ocidental, e a organização islâmica Ansar Dine, com raízes entre os tuaregues do sudeste do país. Os rebeldes destruíram santuários e igrejas e impuseram a sharia à força, realizando flagelos em público, execuções e amputações.

A organização internacional Human Rights Watch disse que os rebeldes também realizaram saques, bem como o recru-



tamento de crianças-soldados, e violaram mulheres e meninas. Segundo o escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, o recente conflito causou o deslocamento de 250 mil pessoas. Mopti foi um dos povoados em que os habitantes do norte buscaram refúgio, até ser também ocupado.

Muitos integrantes da minoria cristã, que constitui 5% dos 15,8 milhões de habitantes do país, fugiram de Mopti, e os que ficaram viveram intranquilos durante a ocupação. Um imã do lugar, Abdoulaye Maiga, contou à IPS que ninguém estava a salvo dos extremistas, independente de sua filiação religiosa.

“Todos somos vítimas destes terroristas. Todos somos malianos e todos fugimos juntos”, disse Maiga. Alguns dos seus familiares haviam tomado o voo que partia de Gao, a maior cidade do norte do Mali. “Quando a minha família chegou aqui, trouxe consigo uma família cristã, e emprestamos-lhes algumas das nossas roupas tradicionais, para que os terroristas a deixassem viajar sem problemas”, contou.

Em Diabaly, outra localidade central libertada, o pastor Daniel Konaté preparou-se para o seu primeiro serviço cristão desde que os islâmicos foram vencidos. A grafite numa parede da igreja dizendo “Alá é o único” e as balas espalhadas pelo chão eram uma lembrança da ocupação islâmica.

“Converteram a minha igreja numa base militar”, afirmou Konaté à IPS. Durante a ocupação, ele e a sua família fugiram para uma aldeia que fica a 20 quilómetros, voltando somente depois de as forças de Mali e da França repelirem com sucesso os islâmicos em Mopti, no dia 21 de Janeiro. Contudo, Konaté ainda se interroga como os extremistas souberam que este simples edifício era uma igreja, pois nada indicava que se tratava de um templo.

“Pensamos que algumas pessoas podem ter dito que isto é uma igreja”, comentou Konaté, enquanto 30 fiéis se reuniam no serviço religioso que começava com o cântico “Não é Deus quem nos trai. São os homens que traem Deus”. Desde que habitantes do lugar reconheceram entre as forças islâmicas dois ex-soldados de alta patente do exército de Mali que

costumavam servir em Diabaly, os membros da comunidade acreditam que os combatentes islâmicos contaram com apoio local. Moradores que antes conviviam pacificamente agora suspeitam um do outro.

Durante a ocupação do povoado, a pequena casa de quatro dormitórios de Pascal Touré, nos arredores de Diabaly, escondeu 27 refugiados cristãos, que tinham medo de serem perseguidos pelos ocupantes islâmicos. “Parece óbvio que alguns moradores do lugar informaram onde os cristãos estavam. Entre os moradores, todos se conhecem”, explicou à IPS.

Mas Touré, um cristão que também ensina catecismo, está convencido de que procurar vingança não é a solução. Os refugiados foram-se da sua casa e voltaram para os seus lares em Diabaly, “mas a vida no povoado não será a mesma para os cristãos”.

Entretanto, alguns aqui ainda se lembram de um passado de paz, acreditando com optimismo que a vida voltará a ser como antes do conflito. O muçulmano Bakary Traoré, professor aposentado, é um deles. “Os cristãos foram tomados por alvo. Mas toda Diabaly foi vítima. Os islâmicos não tiveram tempo de impor a sharia, mas se o tivessem feito todos sofreriam. Não tiveram êxito, e agora todos podemos viver em harmonia, como antes, como um só povo”, enfatizou.

Produtores africanos sozinhos contra os vírus agrícolas

O sustento de milhões de pessoas estará em risco se não forem dados aos produtores africanos de pequena escala as ferramentas e o conhecimento para enfrentar o surgimento de vírus que atacam as plantas, segundo o director-geral do Instituto Internacional de Agricultura Tropical, Nteranya Sanginga.

Texto: Wambi Michael/ Envolverde-IPS

Os agricultores de pequenas áreas constituem a maioria dos que cultivam alimentos neste continente.

“Os vírus das plantas propagam-se rapidamente para novos lugares, frustrando os esforços a favor da segurança alimentar e dos meios de vida de milhões de pessoas. Os agricultores pobres, que são a maioria da população, carregam a parte mais pesada dessas enfermidades virais, com os seus limitados recursos”, destacou Sanginga à IPS.

A doença do mosaico e a do estriado marrom da mandioca, a do vírus da batata-doce e a do raído do milho são apenas algumas das que prevaleceram em África num passado recente. Uma planta infectada pela doença do mosaico da mandioca apresentará folhas disformes esbranquiçadas ou amarelas, e terá o seu crescimento atrofiado.

Já os sintomas de uma planta infectada com o estriado marrom da mandioca são menos óbvios, pois apenas pequenos sectores amarelos nas folhas indicam a presença da enfermidade. A maioria dos agricultores só pode identificar esse mal uma vez colhida a planta, já que distorce a raiz e faz com que apodreça.

Identificado pela primeira vez em 2004 no distrito ugandense de Mukono, o estriado marrom da mandioca propagou-se desde então pela região dos Grandes Lagos, na África oriental, causando entre 30% e 70% de perdas nas colheitas desse cultivo. A mandioca é um dos principais alimentos em Uganda, onde a produção anual é estimada em 5,5 milhões de toneladas.

Segundo o Instituto Internacional de Agricultura Tropical, a doença do estriado marrom da mandioca ameaça a segurança alimentar e o sustento de aproximadamente 200 milhões de pessoas na África oriental e central. Combinados, esse mal e o do mosaico, deixam prejuízos superiores a um bilião de dólares na produção de mandioca, afectando particularmente os pequenos produtores.

Chris Omongo, produtor de mandioca integrante do Instituto Nacional de Pesquisa sobre Recursos Agrícolas em Uganda, disse à IPS que algumas práticas ajudam a propagar o vírus. “Quando se leva material infectado de um lugar para outro automaticamente se ajuda a propagar o vírus”, advertiu Omongo, lembrando que a maioria dos agricultores compartilha sementes e mudas infectadas sem ter consciência disso.

Um deles é Bulasio Luyiga, pequeno produtor de mandioca do distrito ugandense de Mukono. “Via-se um cultivo muito são, mas ao colher, cada tubérculo estava podre”, contou à IPS. Em geral, a doença do estriado marrom da mandioca ataca a raiz, embora as folhas da planta também possam ser afectadas.

Luyiga disse que perdeu mais de 70% do cultivo devido ao vírus. “Foi uma perda total, porque comprei material que considerava limpo e pronto para plantar, e depois descobri que era vulnerável a esta enfermidade. Se soubesse antes, não teria plantado”, afirmou.

Segundo Omongo, se receberem o ensinamento necessário, os pequenos agricultores poderão impedir que os vírus que afectam as plantas se propaguem. “Uma vez que os produtores saibam como identificar as enfermidades, passarão

a evitá-las. Também são muito pobres para pagar as variedades melhoradas de plantas resistentes às doenças. O ponto central é conscientizar para impedir a propagação”, ressaltou.

Outro factor que deve ser abordado no combate ao avanço das doenças vegetais é o dos recursos. Luyiga e outros produtores raramente têm acesso a serviços de assessoria e extensão que possam proporcionar o conhecimento necessário para identificar e tratar os vírus. Esses serviços são limitados na maioria dos países da África oriental, e quando existem são de má qualidade.

William Otim-Nape, patologista de plantas ugandense que integra o Instituto de Inovação de África, disse à IPS que as enfermidades virais continuam a causar grandes perdas económicas na região. “Essas perdas são amplamente subestimadas e frequentemente ignoradas, ou se passa por alto em relação a elas”, afirmou. O economista Victor Manyong, do Instituto Internacional de Agricultura Tropical, estima que anualmente o estriado marrom da mandioca é responsável por perdas equivalentes a 175 milhões de dólares na África oriental.

Otim-Nape acrescentou que a quantidade de especialistas em vírus vegetais capacitados em África é muito pequena para dar uma resposta adequada aos muitos vírus das plantas. Sanginga concorda: “Há uma necessidade urgente de enfrentar as enfermidades virais que afectam os cultivos básicos como mandioca, banana e milho, utilizando os avanços científicos. É necessário que a ciência solucione estes problemas”.

“Temos que fazer mais pelos agricultores que conheci em Mukono, que perderam toda a plantação de mandioca devido ao estriado marrom

e ao mosaico”, enfatizou Sanginga. “Quênia, Tanzânia e Uganda também precisam de ajuda para enfrentar a ameaça da necrose letal do milho”, acrescentou.

A África oriental experimentou um foco da doença do mosaico nos anos 1990 e os pequenos agricultores viram como a doença devastava as suas plantações de mandioca, o que obrigou milhares a abandonarem o cultivo. A doença espalhou-se por vários países africanos, como Ruanda, República Democrática do Congo, Burundi e Gabão, até que pesquisadores encontraram uma variedade de mandioca resistente à enfermidade. A divulgação da nova variedade restabeleceu o cultivo.

Entretanto, o orçamento, actualmente baixo, para a pesquisa agrícola na maioria dos países deste continente limita os investimentos no estudo das doenças virais que afectam as plantas, segundo Mercy Karanja, assessora regional da Fundação Bill e Melinda Gates para a África oriental. “Temos grandes problemas na agricultura. Por isso precisamos de investir dinheiro para pesquisar. E mesmo quando os resultados das pesquisas ficam prontos, é necessário dinheiro para garantir que cheguem aos agricultores”, ressaltou Karanja à IPS.

Meteoro de milhares de toneladas fez 1200 feridos na Rússia

Pelo menos 1200 pessoas ficaram feridas depois de um meteoro se ter desintegrado na atmosfera, sobre a Rússia, despejando meteoritos na região de Cheliabinsk, a leste dos montes Urais na passada Sexta-feira (15).

Texto: Redacção/Agências

Os habitantes de Cheliabinsk foram surpreendidos, cerca das 9h30 (5h30 em Maputo), por um rasto incandescente a cruzar o céu, seguido de um intenso clarão. Uma grande explosão ouviu-se depois, partindo vidros, danificando coberturas e fazendo disparar os alarmes dos automóveis. Muitos dos feridos foram atingidos por estilhaços dos vidros.

A zona mais afectada fica perto da cidade de Cheliabinsk, a cerca de 1500 km de Moscovo. O estado de emergência foi declarado em três distritos da região – Krasnoarmeisky, Korkinsky e Uvelsky. Entre os feridos contavam-se, segundo a agência Itar-Tass, mais de 200 crianças.

Num balanço apresentado ao princípio da noite, hora local, contavam-se 170 mil metros quadrados de vidros partidos, 2962 edifícios de apartamentos e 361 escolas danificadas. A principal

prioridade do Governo era acalmar a população e reinstalar os vidros no menor espaço de tempo possível, dada as temperaturas polares que se sentem naquela região nesta altura.

Uma fonte do Ministério do Interior russo citada pela AFP refere estragos materiais em seis cidades. A agência RIA Novosti diz que foram atingidas três regiões da Rússia e do vizinho Cazaquistão.

“Informações verificadas indicam que foi um meteoro que se incendiou quando se aproximou da Terra



Publicidade



Curso Prático de Melhoria de Processos de Negócio

Com vista a dotar os profissionais do mercado nacional de conhecimentos para a implementação, numa organização, de um projecto de melhoria de processos de negócio, numa perspectiva de melhoria contínua e em consonância com os princípios orientadores de gestão da qualidade, a **KPMG** vai realizar, nas suas instalações, durante 4 dias, das 8h-16h, de **12 a 15 de Março de 2013**, um **Curso Prático de Melhoria de Processos de Negócio** baseado em metodologias testadas e reconhecidas internacionalmente.

Esta formação é destinada aos gestores da qualidade, gestores de sistemas integrados (qualidade, ambiente e segurança), analistas de sistema e gestores das áreas funcionais e técnicos do sector público e privado, alocados em projectos de melhoria tais como: (i) Implantação de sistema de gestão da qualidade, para fins ou não de certificação ISO 9001:2008; (ii) Melhoria de sistema de gestão da qualidade existente; (iii) Redução desperdícios, burocracia, custos e ineficiências nos processos internos; (iv) Identificação de riscos inerentes aos processos e estabelecimento de sistema de controlo; e (v) Implementação de sistemas e tecnologias de informação. O curso será administrado por profissionais da KPMG com vasta experiência em Reengenharia de Processos de Negócio, Sistemas de Gestão da Qualidade e em Desenvolvimento Organizacional no Geral.

O custo por participante é de **38.000,00MT incluindo o IVA**, valor que inclui os 4 dias de formação, todo o material de apoio ao curso, certificado e os serviços logísticos a serem disponibilizados aos participantes pela KPMG.

As inscrições devem ser efectuadas, **até o dia 07 de Março de 2013**, no endereço abaixo:

KPMG Auditores e Consultores
Rua 1.233, n.º 72C, Edifício Hollard, Maputo
Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snhachale@kpmg.com ou António Madureira pelo e-mail: amadureira@kpmg.com.

AUDIT • TAX • ADVISORY

© 2012 KPMG Auditores e Consultores, SA é uma empresa moçambicana e firma-membro da rede KPMG de firmas independentes afiliadas à KPMG Internacional, uma cooperativa suíça.

e se desintegrou em pequenas partes”, disse Elena Smirnykh, do Ministério das Situações de Emergência, citada pela RIA Novosti. Segundo a agência espacial russa, Roscomos, deslocava-se à velocidade de 30 quilómetros por segundo.

Vários meteoritos terão atingido o solo. “Houve dezenas de fragmentos consideravelmente grandes, alguns dos quais chegaram ao chão”, disse o ministro russo das Situações de Emergência, Vladimir Puchkov, citado pela agência. “Equipas especiais de cientistas estão no local a estudar estes fragmentos.”

Imagens mostram um círculo geometricamente talhado por um destes fragmentos que caiu sobre um lago congelado próximo da cidade de Chebaku.

A Roscomos informou que é difícil prever este tipo de ocorrência. “Segundo a informação disponível, o objecto não foi registado pelos sistemas de observação espacial russo ou estrangeiros devido às características especiais da sua movimentação. A entrada destes objectos na atmosfera é acidental e difícil de prever.”

O Governo diz que não há danos nas unidades militares existentes na região. Os prejuízos materiais terão sido provocados sobretudo pelas ondas de choque de uma explosão, audível em vários vídeos que captaram a ocorrência.

Testemunhas na cidade de Cheliabinsk ouvidas pela Reuters dizem ter visto, às primeiras horas da manhã, objectos brilhantes a cair do céu. Ouviram estrondos, sentiram edifícios a abanar e os alarmes de carros dispararam na mesma altura. “Definitivamente não foi um avião (em queda)”, disse um responsável da protecção civil, ouvido pela agência Reuters, pouco depois da ocorrência.

No Youtube há diversos vídeos filmados a partir de carros em movimento que mostram claramente a passagem do meteoro, como um objecto muito luminoso, a grande velocidade, e que provoca um grande clarão, deixando um rasto de fumo à passagem. Num dos vídeos vê-se ainda o que parece ser a desintegração do meteoro em partículas mais pequenas.

Asteróide passou a quase 28 mil quilómetros da superfície terrestre

Entretanto, ainda na passada Sexta-feira (15) um asteróide, denominado 2012 DA 14, passou, como previsto, a quase 28 mil quilómetros da superfície terrestre.

O asteróide só foi avistado em alguns pontos da Austrália através de binóculos e telescópios muito potentes.

Passou mais perto da Terra do que se encontram alguns satélites, a uma velocidade de oito quilómetros por segundo.

A rocha tem cerca de 45 metros e 130 mil toneladas e é o maior objecto espacial que passou tão perto da superfície terrestre desde que a NASA segue o rasto dos asteróides.

Mundo

Quioto... e depois?

A 1 de Janeiro expirou o Protocolo de Quioto. Assinado em 1997, obriga a reduzir as emissões de gases com efeito de estufa. Pode haver novo acordo em 2015.

Texto & Ilustração: Revista Nature, de Londres



Em 1997, ao fim de oito dias de duras negociações, os delegados à conferência de Quioto sobre o clima não dispunham de muito mais tempo para chegarem a um tratado em matéria de aquecimento global.

O presidente do grupo de trabalho especial do Protocolo de Quioto, Michael Zammit Cutajar, de Malta, tomara a insólita iniciativa de invocar o budismo zen, pedindo aos presentes que vencessem barreiras mentais para alcançarem a luz. Dois dias mais tarde, depois de uma maratona que durou toda a noite, os negociadores chegaram a um acordo sobre o clima.

Foi a primeira vez – e, até agora, a única – que os países ricos se comprometeram por escrito a reduzir as emissões de dióxido de carbono e outros gases com efeito de estufa.

Mas, antes mesmo de a tinta do acordo ter secado, já era claro que o protocolo ia ter vida difícil. Apesar de os EUA terem assinado o documento, o Presidente Bill Clinton advertira para o facto de que a maior economia mundial não ratificaria o acordo se a China e outros países em desenvolvimento não aceitassem limitar as suas emissões, algo que estes últimos recusavam fazer enquanto o mundo desenvolvido não agisse.

Quando o Protocolo de Quioto entrou em vigor, em Fevereiro de 2005, os Estados Unidos já se tinham retirado. Os restantes signatários – 37 países desenvolvidos e economias em transição – comprometeram-se a reduzir as emissões de gases com efeito de estufa numa média de 4,2% em relação aos níveis de 1990, ao longo do período 2008-2012.

Emissões crescem 50% a nível mundial

Agora que este período chega ao fim, os países que respeitaram o tratado podem reivindicar algum sucesso. Globalmente, cumpriram as metas e chegaram mesmo a ultrapassá-las, reduzindo as emissões colectivas em 16%. No entanto, tais cortes em pouco ou nada contribuíram para combater o problema à escala do planeta.

A nível mundial, as emissões aumentaram 50% desde 1990, devido ao crescimento económico da China e outros países da Ásia, América do Sul e África. Em 1990, os países desenvolvidos eram responsáveis por dois terços das emissões mundiais. Hoje, a sua quota é inferior a 50%. Mas o tratado trouxe lições valiosas aos decisores políticos e terá lançado as bases para iniciativas mais ambiciosas. “Quioto foi uma espantosa experiência política, da qual deveremos tirar ensinamentos importantes”, sublinha Roger Pielke

Jr., que estuda políticas de energia e inovação na Universidade do Colorado, em Boulder.

Os países signatários poderiam cumprir os seus compromissos, reduzindo as suas próprias emissões ou comprando direitos de emissão a países que tivessem excedido as reduções requeridas. Os países ricos também poderiam obter créditos, investindo em tecnologias com baixo teor de carbono nos países em desenvolvimento.

Para a maior parte dos países do Leste da Europa, a tarefa era fácil: as emissões eram elevadas no ano base, mas já tinham caído no momento da assinatura do tratado, devido ao declínio do seu sector industrial. Mais recentemente, a recessão da economia mundial contribuiu para reduzir as emissões.

China triplica emissões

No entanto, as reduções realizadas no âmbito do tratado foram ultrapassadas pelo aumento das emissões não cobertas pelo acordo, em especial na Ásia. Desde 2000, as emissões de CO₂ da China quase triplicaram, chegando a quase dez mil milhões de toneladas, e as da Índia duplicaram, atingindo perto de dois mil milhões de toneladas.

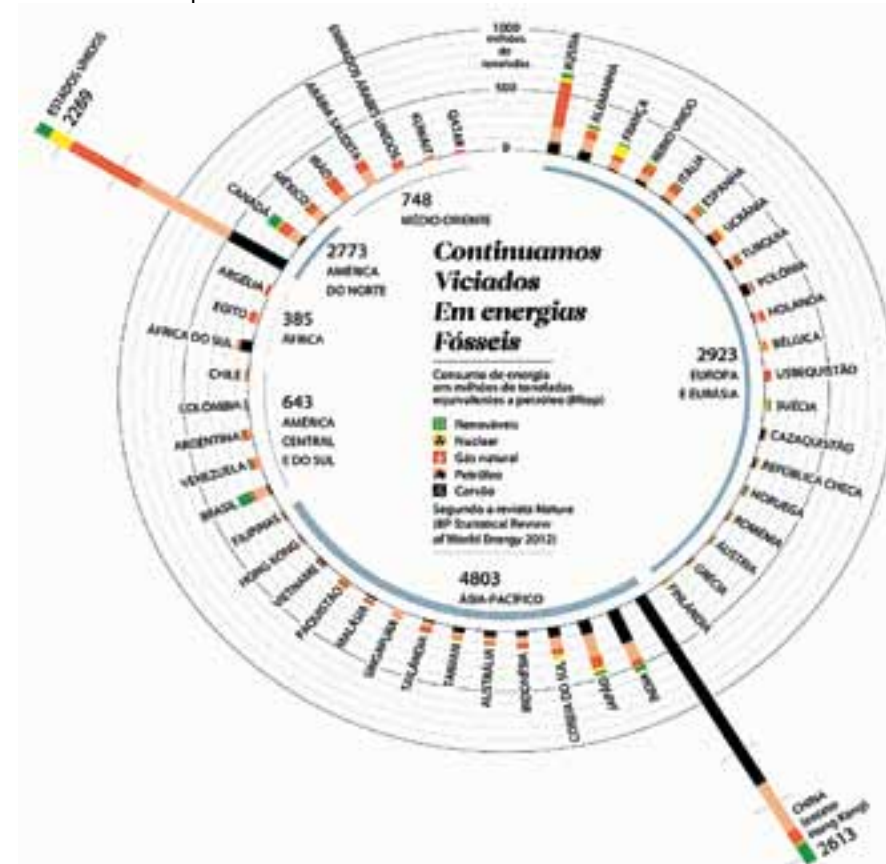
O aumento das emissões asiáticas resulta em parte da migração da indústria pesada dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento.

Entre 1990 e 2010, as emissões geradas por este sector aumentaram a uma média de 10% ao ano – atingindo um total anual de 1,4 mil milhões de toneladas –, o que ultrapassa as reduções de emissões alcançadas no âmbito do Protocolo de Quioto, garante Glen Peters, investigador de política climática do Centro Internacional de Investigação sobre o Clima e o Ambiente, de Oslo.

Portanto, as melhorias conseguidas através do tratado são ilusórias, afirma David Victor, investigador de política energética da Universidade da Califórnia, em San Diego. O tratado baseia-se em “hipóteses económicas discutíveis e em sistemas de contabilização deficientes”.

Uma dessas hipóteses discutíveis é que os combustíveis fósseis iriam escassear dentro de pouco tempo e que os preços subiriam em flecha, o que levaria os países a optar por fontes de energia alternativas. Contudo, na última década, está a verificar-se um ressurgimento generalizado em grande escala do carvão, agora muito mais barato do que outras fontes de energia, em grande parte do mundo, graças às enormes reservas existentes.

Esta tendência torna quase impossível limitar o aquecimento global a menos de 2°C acima dos níveis pré-industriais, o valor fixado pela União Europeia como limiar para impedir alterações climáticas perigosas. Algumas estimativas indicam que as emissões de CO₂ tenham que ser inferiores a um bilião de toneladas, entre 2000 e 2050, para a Humanidade conseguir manter o aumento da temperatura nos 2°C.



Acontece que, desde 2000, o uso de combustíveis fósseis e a desflorestação lançaram já na atmosfera 450 mil milhões de toneladas de CO₂. Se esta tendência se mantiver, o patamar de um bilião de toneladas será ultrapassado em pouco menos de uma década.

Ainda assim, no entender de Yvo de Boer, antigo secretário executivo da Convenção Quadro da ONU sobre as Alterações Climáticas (CQNUAC), Quioto deixará uma herança preciosa. Segundo ele, as metodologias desenvolvidas para detectar e verificar as emissões nacionais de gases com efeito de estufa e as alterações do ordenamento do território serão elementos importantes de qualquer futuro tratado sobre o clima. O protocolo também deu origem ao método de comércio de emissões de dióxido de carbono entre países.

Precedido, em 2005, pelo regime de comércio de quotas de emissões da UE, pioneiro nesta matéria, esse mercado de CO₂ poderá um dia vir a ser, segundo de Boer, um sistema de limitações e comércio interligado a nível mundial.

Aferir custos políticos e económicos

Muitos outros especialistas estão de acordo em que o próximo tratado sobre o clima deverá adoptar uma abordagem mais pragmática do que a CQNUAC e o Protocolo de Quioto, que não

conseguiram convencer os maiores poluidores. “Em todos os países, tornar a energia mais cara é um risco político”, afirma Roger Pielke.

“Quando as reduções de emissões são vistas como entraves ao crescimento económico, é inevitável que este leve a melhor. Não há solução mágica, sendo melhor fixar objectivos concretos, que não vão contra a ‘lei de bronze’ da política.”

Os limites às emissões para todos os países deveriam ser fixados tendo em conta os custos políticos e económicos, defendem, num documento de reflexão, Valentina Bosetti, especialista em modelos de impacto sobre o clima da Fundação Eni Enrico Mattei, em Milão, e Jeffrey Frankel, economista em Harvard.

À China, por exemplo, só deveria ser pedido que aceitasse metas que o país pudesse cumprir, sem sacrificar as suas aspirações em matéria de desenvolvimento. Com o tempo, os objectivos de emissões de todos os países seriam ajustados progressivamente, segundo uma fórmula económica comum. Atribuir um preço ao dióxido de carbono, através de mecanismos de limitação e comércio ou de um imposto directo, ajudaria a estimular progressos tecnológicos susceptíveis de reduzir as emissões. Um imposto moderado sobre o carbono – aplicado quando os combustíveis fósseis são extraídos do solo – poderia dar melhores resultados para incentivar a inovação em tecnologias que acabarão por tornar as fontes de energia alternativas mais baratas que os combustíveis fósseis, acrescenta Pielke. Mas esta abordagem tem de ser adoptada a nível mundial.

Num documento de orientação publicado em 2010, Pielke, Prins e 12 outros autores apelam a uma estratégia mais pragmática, mais diversificada e menos burocrática que a de Quioto, que liberte a economia mundial do carbono, como subproduto da redução da pobreza. Os autores optaram por não se centrar no CO₂, que tem uma longa duração de vida na atmosfera, e destacaram a redução das emissões de carbono negro e de metano, menos duradouras.

Isso teria por efeito reduzir mais rapidamente o aquecimento global e permitira garantir uma transição suave para uma economia com baixos níveis de emissões de carbono. Os autores consideram ainda que as negociações do próximo tratado sobre emissões deveriam evitar temas como a desflorestação, o ordenamento do território e a qualidade do ar, que complicariam significativamente a sua arquitectura.

Em 2011, em Durban (África do Sul), 194 países, entre os quais a China e os Estados Unidos, aceitaram negociar um novo tratado sobre o clima até 2015. A julgar pelo que aconteceu no passado, os pormenores finais do pacto só serão conhecidos quando os delegados, privados de sono, tiverem chegado ao tempo limite da última sessão de negociação. Irá o mundo encontrar então uma solução para este problema, até agora insolúvel? “Estou convencido de que sim”, diz Boer. “Só não sei se virá a tempo.”

Felizarda Lemos: A mulher que treina uma equipa masculina

Numa dessas andanças pelos campos de futebol da cidade de Maputo, a nossa equipa de reportagem deparou com uma situação que gera(va) espanto na multidão: uma mulher a comandar uma equipa de futebol masculino. Era um jogo amigável mas a sua atitude, sempre com a mão direita a dar instruções para dentro das quatro linhas, encontrando uma resposta afirmativa dos seus jogadores, revelava que não se estava perante uma treinadora amadora, mas sim profissional, tanto que saiu vencedora depois dos noventa minutos. O adversário era, nada mais, nada menos, que o Desportivo de Maputo, um colosso que com a sua grandeza caiu para o futebol dos bairros da capital do país. A curiosidade que, a olhos vistos, levou muitos a aceder ao campo naquela manhã de sábado, fez com que o @Verdade trouxesse esta entrevista para descortinar o que há por detrás desta jovem mulher, que vai além de uma simples treinadora. Quisemos perceber a motivação que a levou a enveredar por este caminho, num cenário praticamente raro, talvez o único em Moçambique. Ela chama-se Felizarda Lemos e é a treinadora principal da equipa do Zixaxa, da capital do país.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

@Verdade - Quando é que começou a ser treinadora de futebol?

Felizarda Lemos – Comecei em 2007 como treinadora da equipa feminina da Escola Primária do Segundo Grau de Moamba, durante os Jogos Escolares daquele distrito. No mesmo ano fui convidada a treinar a equipa do distrito nos jogos provinciais, nos quais fomos campeões.

Mais tarde, ainda em 2007, fui seleccionadora da equipa feminina da província de Maputo para os Jogos Desportivos Escolares nacionais, que tiveram como palco a cidade de Quelimane. Naquela altura trabalhava também com os rapazes na escola, ainda que oficialmente treinasse equipas femininas.

Descobri muitos talentos e porque tudo estava concentrado na cidade de Maputo, até porque em Moamba não existiam clubes, em 2008 tentei encaminhá-los para a cidade de Maputo através do Desportivo de Maputo.

@V – E qual foi a resposta que teve do Desportivo de Maputo?

FL – Quando cheguei ao Desportivo de Maputo fui recebida pelo senhor Calton Banze. Através dele, ainda em 2008, fundámos o núcleo de formação do Desportivo de Maputo em Moamba, onde fui a treinadora principal dos rapazes.

@V – E como é que funciona(va) o núcleo?

FL – Os miúdos aprendiam comigo a jogar futebol durante a semana e ao fim-de-semana vinham a Maputo para competir com os outros núcleos do Desportivo espalhados pela província, para efeitos de observação e testes antes de integrarem as equipas principais dos iniciados



e dos juvenis daquele clube. Em 2009 fiz com que dois rapazes estivessem na equipa principal de juvenis do Desportivo de Maputo.

Cheguei a ter oito, mas, porque tinha de ser eu a hospedá-los em Maputo, o número reduziu para quatro, que são os que vivem comigo hoje. Importa referir que dois fazem parte da selecção nacional sub-17.

@V – O Desportivo não oferece condições para a hospedagem dos atletas?

FL – É preciso entender que eles surgem no Desportivo de Maputo como simples atletas. Ademais, eles ascenderam a juvenis e o núcleo de formação de Moamba não tem esse escalão, daí a necessidade de estarem a viver na cidade de Maputo.

@V – E o que aconteceu nos anos subsequentes?

FL – Em 2010 continuei o trabalho que vinha desenvolvendo. Já em 2011 fui convidada a treinar uma equipa sénior masculina que militava no Campeonato Provincial de Futebol, o Tumbuluko FC, contudo, só trabalhei por duas semanas.

@V – Porquê só duas semanas?

FL – Estava a dar o meu apoio em matéria de treinamento, uma vez que aquela equipa ia ao campeonato provincial pela primeira vez e precisava de aprender algumas técnicas.

@V – Para onde seguiu depois das duas semanas no Tumbuluko?

FL – Recebi um convite da Federação Moçambicana de Futebol (FMF) para integrar o Gabinete Técnico do Futebol Feminino (GTFF), cargo que me permitiu tornar-me, por quase dois anos, seleccionadora nacional adjunta, das selecções A, sub-20 e sub-17.

Quando terminou o meu contrato em Dezembro de 2012, contactei a direcção do Clube de Zixaxa e mostrei-me disponível para treinar a equipa juvenil. A direcção aceitou prontamente a minha proposta e cá estou hoje a trabalhar, com vista a trazer a equipa sénior ao clube, visto que trabalho com rapazes dos seus 16 e 17 anos.

@V – Como é que a direcção reagiu ao pedido, tratando-se de uma mulher?

FL – Ficaram espantados, como era de esperar. Mas como eles conhecem as minhas capacidades não houve receio e a minha contratação foi rápida. Pesou também o facto de eu ter passado por aquele clube como jogadora, quando saí do Ferroviário de Maputo.

@V – Pagam-lhe por isso?

FL – Não. Trabalho por amor à camisola.

@V – Mas essa iniciativa de trabalhar a custo zero partiu de si ou da direcção do clube?

FL – Conheço o clube e sei das suas limitações financeiras. Para mim foi um desafio enveredar por este caminho. Até porque não podia ficar sem fazer nada, quando posso fazer o que mais me agrada.

É muito difícil trabalhar nestes moldes, mas o amor pelo futebol faz-me estar aqui, a trabalhar gratuitamente. Isso é o que mais importa.

@V – Não passa por necessidades na vida?

FL – Como qualquer um passo. Mas sou funcionária do Estado. Se não o fosse, creio que não estaria aqui.

@V – Mas é capaz de abandonar o cargo?

FL – Sim.

@V – Em que circunstâncias?

FL – Quando surgirem melhores propostas ou a direcção “cansar-se” de mim.

@V – O que é, para Felizarda Lemos, ser treinadora de futebol?

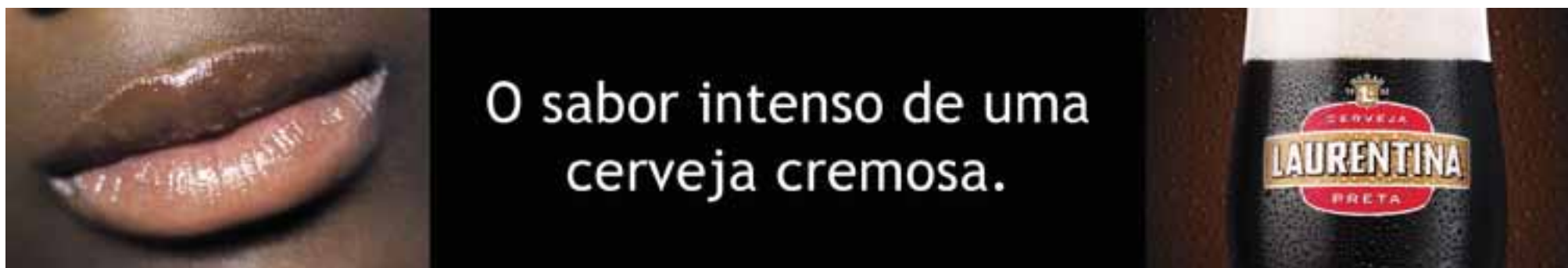
FL – Para mim o conceito de treinadora de futebol vai muito para além de orientar uma equipa para vencer um jogo. Ser treinadora é, antes de tudo, ser instrutora, ser mestre, ser amiga e companheira dos atletas. Longe do que muitos possam pensar, a profissão de treinadora pode ser exercida por qualquer um, desde que haja amor pelo trabalho e competência para tal.

@V – Felizarda Lemos passou por uma formação de treinadores?

FL – Neste momento tenho o nível C da Confederação Africana de Futebol (CAF), aptidão que adquiri em 2009. Mas venho frequentando cursos desde 2006, com formações de nível básico, de nível um, de treinadora de guarda-redes, de arbitragem, entre outras.

continua Pag. 24 →

Publicidade



Desporto

Voleibol: Caiu o império que durou mais de 30 anos

Camilo Antão perdeu a corrida eleitoral para a sua própria sucessão na presidência da Federação Moçambicana de Voleibol (FMV). Foi esta a grande decisão tomada na assembleia-geral ordinária daquela agremiação, que no último sábado (16) reuniu as oito associações provinciais que compõem a instituição e convidados.

Texto: David Nhassengo • Foto: Cedida

Trinta e três anos depois, o voleibol do país pode abrir uma nova página nos seus destinos com a eleição, no passado sábado, de Khalid Cassam para presidente daquela agremiação desportiva. Cassam, antigo atleta e dirigente desta modalidade na cidade de Maputo, derrotou Camilo Antão que concorria para a sua própria sucessão, naquilo que seriam mais quatro anos de direcção desportiva.

No escrutínio, que contou com a participação das oito associações, nomeadamente da cidade de Maputo, da província de Gaza, de Inhambane, de Manica, de Sofala, da Zambézia, de Nampula e de Cabo Delgado, os dois concorrentes saíram empatados na primeira volta, tendo-se, a seguir, recorrido ao voto de qualidade do presidente da mesa da assembleia-geral, como manda o artigo 23, no seu número seis do Regulamento Eleitoral daquela federação.

Abílio António Pica, que não pretendia votar por pertencer ao elenco directivo ora apresentado por Camilo Antão, tentou esquivar-se exigindo uma segunda volta, vontade rejeitada pelos participantes por constituir uma grave violação ao Regulamento Eleitoral. Esta ocorrência levantou um debate aceso e intenso dentro da sala, com alguns ânimos exaltados.

Aliás, diga-se em abono da verdade, foi graças à intervenção de Domingos Langa, representante do Conselho Nacional dos Desportos que o regulamento foi cumprido. O presidente da mesa nada mais fez senão “apunhalar” pelas costas Camilo Antão, ao entregar os destinos do voleibol do país a Khalid.

Momentos estranhos

Durante a assembleia-geral, que durou três horas acima do previsto, o @Verdade registou algumas situações esquisitas relativamente ao objectivo que reuniu oito associações provinciais



numa das estâncias turísticas da capital do país.

A primeira foi quando o presidente da Associação de Voleibol da Zambézia, Romão César, alegou problemas familiares para pedir a todos os presentes que lhe cedessem um telefone para efectuar uma ligação para a sua esposa que se encontrava doente. Camilo Antão cedeu o seu próprio telemóvel e o dirigente saiu para o exterior da sala para proceder à tal chamada telefónica, acompanhado pelo então presidente da FMV.

Questionado sobre o assunto, Romão disse à nossa equipa de reportagem que não aconteceu nada de mais entre ele e o ex-presidente da federação, que só precisava mesmo de efectuar uma chamada telefónica urgente. Contudo, deixou-nos com uma frase inacabada, ao não responder à nossa pergunta de insistência: “eu podia sair daqui rico...!”

Outro acontecimento curioso deu-se na casa de banho, à hora do intervalo que antecedeu o pleito eleitoral, envolvendo o presidente da Associação Provincial de Manica, Lucas Chiguma, o da Zambézia, Romão César, e, uma vez mais, Camilo Antão. Coincidência ou não, o certo é que os dois primeiros acederam ao local, seguidos por Antão.

Apercebendo-se da presença de um dos repórteres do @Verdade, o representante de Manica saiu às pressas como se estivesse atrasado para o pleito e os outros dois continuaram como se não se conhecessem, com Camilo a perguntar a Romão: “como vai o voleibol de praia na Zambézia?”

Já na hora da apresentação dos manifestos eleitorais, Khalid solicitou o seu envelope à mesa e mostrou aos presentes que o mesmo tinha sido violado, numa abusiva violação do Regulamento Eleitoral, que determina que as listas e os manifestos eleitorais devem ser depositados no Comité Olímpico Nacional, e que somente devem ser abertos durante o acto eleitoral. Mesmo assim, Khalid aceitou apresentar o seu manifesto, ciente do que teria acontecido com o seu envelope.

Irregularidades detectadas no relatório

Apesar da aprovação do relatório de actividades, que continha alguns vícios contestados pelos convidados que não se calaram perante tamanha falsidade descrita naquele papel, o secretário-geral da FMV, Pelágio Pascoal, não teve tarefa fácil no que diz respeito ao relatório de contas.

Não obstante ter apresentado o mesmo de uma forma resumida, em apenas cinco linhas, Pelágio não reuniu consenso e deixou Camilo Antão desorientado ao ser chumbado por unanimidade. É que no relatório descritivo, distribuído entre os participantes, as irregularidades eram bastantes, a começar pelos cheques inexistentes que dão conta de pagamento de actividades da federação que nunca chegaram a existir.

O mesmo não mencionou o valor que a federação recebeu do Governo e nem dos patrocinadores e, dado curioso, é que em 2010 aquela agremiação funcionou com um orçamento de 944 262 meticais, cujos valores foram consumidos na totalidade, deixando os cofres da federação vazios para o ano seguinte. O mesmo, estranhamente, sucedeu em 2011 e 2012, cujos orçamentos foram de 4 438 236 meticais e 1 426 318. 62 meticais, respectivamente.

Com a reprovação, a Camilo Antão foi dado um prazo de duas semanas para apresentar um relatório de contas com probidade, sob pena de ser solicitada uma auditoria independente, segundo vincaram alguns dirigentes provinciais.

Afrotaças: Maxaquene perde em casa e Liga empata

O Maxaquene perdeu no último domingo, dia 17, diante do Mochudi Center Chiefs, em jogo da primeira “mão” da pré-eliminatória de acesso à fase de grupos da Liga dos Campeões Africanos. Já a Liga Muçulmana, que no sábado viajou para Gaberone a fim de defrontar o Gaberone United, arrancou um empate a dois golos estando mais próxima da fase seguinte nesta corrida de acesso à Taça CAF.

Texto: David Nhassengo

Foi no último minuto dos cinco de compensação que surgiu o único golo da partida, favorável aos campeões nacionais do Botswana e injusto para aquilo que foi o desenrolar dos acontecimentos. Isto porque o Maxaquene foi, sem dúvidas, a melhor equipa em campo, e a que soube impor o seu futebol dominando praticamente os noventa minutos.

A equipa tricolor, ainda que com uma postura mais defensiva, factor que pesou sobremaneira na falta de qualidade do seu jogo ofensivo, apresentou-se com um nível superior no que à posse de bola e oportunidades de golo diz respeito; foi a que soube defender-

-se aplicando um sistema de quatro centrais no início da partida para três já na segunda parte, com Macamito a servir de trinco à frente dos três centrais; e teve um meio campo operante liderado no centro por Kito, que encurralou por completo o adversário no seu próprio reduto. Pecou, porém, no capítulo da finalização.

A jogar diante de uma equipa fechada, sem iniciativas nem para o contra-ataque, mas inteligente no jogo defensivo através de apoios dos médios aos centrais, faltou ao Maxaquene técnica suficiente na componente da desmarcação dentro da grande área, recorrendo, por diversas vezes, aos remates à meia distância visto que a marcação homem a homem foi muito bem esboçada pelo técnico zimbabweano Madinda Ndlovu. Uma das impressões com que se ficou foi a de que o Maxaquene não se tinha preparado o suficiente para carregar sobre o adversário, no desejo de defender e sair somente ao contra-ataque.

Porém, deu-se muito mal ao encontrar um adversário sem nenhuma iniciativa de jogo. Foi assim do primeiro ao terceiro minuto de compensação para além dos 90, minuto antes de Ramatlhakwans violar as redes tricolo-

res, naquilo que constituiu a última jogada da partida.

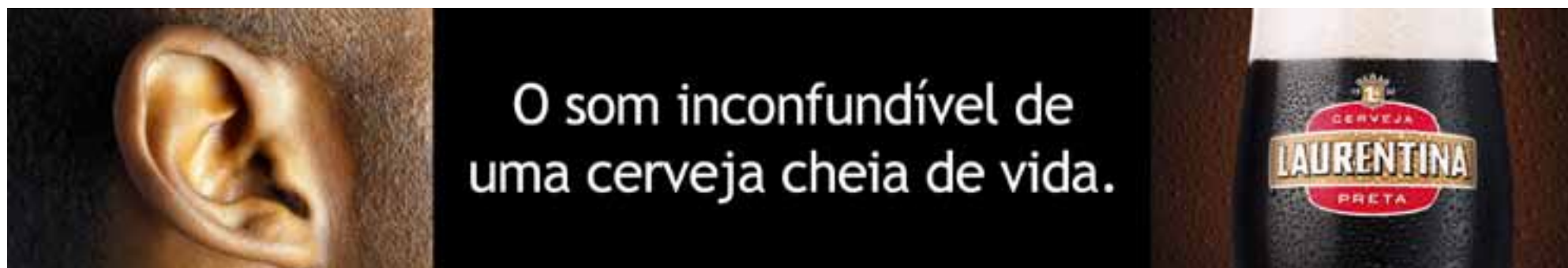
Com este resultado, o Maxaquene parte em desvantagem para o jogo da segunda “mão”, agendado para dentro de 15 dias em Gaberone, onde, para seguir em frente, precisa de vencer com um mínimo de dois golos marcados.

Liga empata e dá um passo em frente

No sábado (16), a Liga Muçulmana, que se deslocou à capital do Botswana, empatou a dois golos diante do Gaberone United em jogo da primeira “mão” da pré-eliminatória de acesso à Taça CAF. Os muçulmanos foram os primeiros a abrir o marcador por intermédio de Zico, decorridos apenas dois minutos do jogo. O empate dos caseiros surgiu ao minuto 57 por Moe-med para, dois minutos mais tarde, Josimar colocar novamente a Liga em vantagem.

O golo de empate, marcado por Stephen, surgiu no primeiro minuto do tempo de compensação, carimbando o resultado que favorece a equipa vencedora da Taça de Moçambique, que na segunda “mão” precisará de, no mínimo, empatar a tentos inferiores a estes para seguir em frente.

Publicidade



Desporto



@V – Felizarda Lemos treina o Zixaxa desde Janeiro. Até ao momento quantos jogos já realizou e quais foram os resultados?

FL – Realizámos apenas dois jogos de observação. Estamos nas vésperas do torneio de abertura do campeonato da cidade de juniores. Defrontámos uma equipa de bairro e marcámos inúmeros golos a zero. Não me recordo do nome da equipa. Jogámos também com Desportivo de Maputo e vencemos por 2 a 1.

@V – Em poucos momentos da nossa história encontrámos treinadoras de futebol masculino. Como se sente por quebrar esta barreira?

FL – Só pelo facto de a direcção do Zixaxa ter aceiteado a minha proposta, já me sinto uma vencedora, uma heroína. O resto vai-se ver durante o campeonato da cidade, até porque o meu maior objectivo é quebrar esse tabu de que a profissão de treinador de equipas masculinas é somente para os homens. Nós quando vamos aos cursos de treinadores de futebol, ninguém diz que isto é para homens e aquilo é para mulheres. Vamos todos

para ser treinadores de futebol.

@V – Sente essa discriminação no seu dia-a-dia como treinadora de uma equipa masculina?

FL – Infelizmente o “machismo” é um comportamento que reside nas nossas sociedades a vários níveis. Para muitos o futebol é uma actividade somente para homens.

@V – E como tem reagido?

FL – Naturalmente. O bom é que sempre no final seja dos treinos, seja dos jogos, as pessoas que me assistem mudam de opinião e, por vezes, aproximam-se para me pedir desculpas pelos seus pensamentos errados. Um erro que as pessoas cometem é pensar que uma treinadora de futebol feminiza o futebol e isso, apesar da minha pouca experiência, não existe. O futebol é igual em todo o mundo.

@V – De que lado sofre discriminação: do público ou dos seus colegas?

FL – Desde sempre fui desconfiada. As pessoas com quem sempre trabalhei du-

vidaram do meu trabalho, isto a vários níveis, a começar pela época em que trabalhava com o núcleo do Desportivo de Maputo. Lembro-me de que até quadros daquele clube, naquela altura, se deslocaram, de surpresa, à Moamba para se certificarem de que de facto era uma mulher que estava por detrás dos processos de trabalho. Mas há também colegas que infelizmente são fomentadores dessa discriminação contra a mulher no futebol.

@V – Na sua óptica, porque é que ainda existe este tipo de discriminação?

FL – Tudo parte da nossa cultura, das nossas crenças e dos nossos valores. Nós não assimilamos algumas actividades para as mulheres, como, por exemplo, a prática do futebol. Quando, por exemplo, uma mulher joga futebol, ela fica sujeita a ouvir muitos palavrões. Outros, mais ousados, chegam a questionar: porque é que não fica em casa a cuidar do lar? “Aquele” não devia estar a cuidar do marido, dos filhos ou a cozinhar?

Em Moçambique, sobretudo, o futebol feminino não tem nenhum valor e isso acaba por desincentivar muitas mulheres que querem enveredar por esta modalidade desportiva, seja como jogadora, seja como treinadora.

@V – E acha que é possível acabar com este tipo de pensamento?

FL – Claramente, senão nem estaria aqui. Temos de ter a coragem de tapar os ouvidos e seguir em frente. Estou aqui na linha da frente para quebrar essa barreira e pretendo continuar enquanto tiver forças.

@V – Concretamente, o que deve ser feito para se acabar com a discriminação da mulher no futebol moçambicano?

FL – É preciso confiar mais na mulher. Nós, mulheres, também devemos mostrar trabalho, não basta ter vontade ou ser treinadora por formação como muitas que têm a formação e esperam pelo trabalho. Não que seja exemplo para ninguém, mas se não fosse o trabalho que desenvolvi na Moamba se calhar não estaria onde estou hoje.

@V – Disse que o futebol feminino não

é valorizado no país. Porquê?

FL – Em Moçambique não há investimento virado para o futebol feminino. Falta quase tudo, a partir do próprio material de trabalho, de treinadoras altamente formados, até à remuneração. Temos muito talento no país mas não existem estratégias para o seu aproveitamento. Pessoalmente, não consigo encontrar diferenças entre o futebol masculino e o feminino. Mas, tudo isto parte do topo, dos gestores do futebol que temos no país, que não olham para este aspecto.

É aqui onde reside o “machismo” a que me refiro, quando digo que o futebol é pensado numa perspectiva masculina. A Imprensa também não fica atrás. Os jornalistas não vão atrás do futebol feminino e esperam que tudo lhes apareça nas redacções.

@V – Qual foi o seu momento mais feliz enquanto treinadora?

FL – Ganhar ao Desportivo de Maputo. Mas devo dizer que fico bastante feliz com as enchentes que se verificam durante os treinos da minha equipa. Subentende-se que é por ser uma mulher a treinar, mas isto deixa-me muito orgulhosa do trabalho que faço.

@V – Qual foi o segredo para vencer o Desportivo de Maputo?

FL – Chegámos cientes de que o Desportivo é uma grande equipa e tem um treinador extraordinário, o Artur Semedo. Entrámos defensivos na esperança de jogar somente ao contra-ataque. Mas à medida que o tempo ia passando, o Desportivo de Maputo abrandava o seu jogo ofensivo e isso permitiu-nos subir as linhas. Só para ter uma noção, nós entrámos com um sistema 4 – 5 – 1 e intercalamos para o 4 – 4 – 2 que resultou em dois golos.

@V – E como tem sido a relação com os jogadores?

FL – A relação com os jogadores é muito boa. Sinto alegria neles e eles transmitem-me o mesmo sentimento. Há muita confiança entre nós. Sinto isto a cada dia de treino e a cumplicidade entre nós, a vontade de ganhar e de um dia sermos todos reconhecidos é absoluta.

Felizarda Lemos, uma mulher apaixonada pelo futebol

@V – Quem é Felizarda Lemos?

FL – Sou uma mulher casada, de 33 anos, nascida em Maputo a 12 de Dezembro. Sou mãe biológica de uma menina de três anos e adoptiva de quatro rapazes, todos jogadores de futebol. Mudei-me em 1995 para a cidade da Beira para viver com o meu padrasto. Foi nessa mesma altura que entrei para o mundo do futebol através de uma equipa local, denominada Femasu da Beira.

Em 1997 fui convidada para envergar a camisola do Ferroviário da Beira no atletismo. Mas a minha insatisfação por praticar esta modalidade fez com que praticasse em simultâneo o futebol no Femasu.

Fui transferida para o Ferroviário de Maputo em

2001 para dar continuidade ao atletismo, tendo, no mesmo ano, abandonado definitivamente aquela modalidade para abraçar o futebol no mesmo clube. Contudo, a direcção locomotiva decidiu acabar com o futebol feminino em 2005 e, dois anos mais tarde, tornei-me treinadora.

@V – O que o seu marido pensa da sua profissão?

FL – Tal como o meu próprio nome diz, eu sou uma felizarda dentro de casa. Tenho um marido que me apoia em tudo e dá-me forças para continuar a trilhar por este caminho de treinadora. Ele é o meu suporte. Já pensei em desistir de ser treinadora, mas ele sempre incentivou-me a continuar, apoiando-me em tudo o que precisiei.

@V – Em que momento pensou em desistir?

FL – Quando não me senti estimulada. Por incrível que pareça, é duro estar numa batalha sozinha e sem alguém para ajudar.

Mas, graças ao meu marido, estou aqui e pretendo fazer história.



O aroma envolvente
a malte torrado.



Artistas do mundo em Trânsito no Modaskavalu!



Na estreia do Projecto Trânsito, protagonizado por Chico António, Edmundo Matsielane e Chude Mondlane, no último domingo, 17 de Fevereiro, o público foi diminuto. No entanto, as pessoas que estiveram no local viveram uma experiência única: a produção e o consumo de música, em tempo real...

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Ouri Pota

Há um grande orgulho em ser o primeiro e, por via disso, também ser o privilegiado. Quem, muito recentemente, pela primeira vez, teve a oportunidade de assistir ao ritual do nascimento da arte musical foram alguns cidadãos que, no domingo, testemunharam o primeiro show do Projecto Trânsito.

A iniciativa artístico-musical – em que cantores com vivências internacionais na música se mesclam a fim de gerar um resultado aurífero – é dinamizada pelos conceituados Chico António, Chude Mondlane e Edmundo Matsielane.

Entre as poucas pessoas presentes no espaço Modaskavalu – anexo ao Teatro Avenida – encontravam-se cidadãos de várias nacionalidades cuja reacção, em termos de sincronismo, às sonoridades que se lhes chegavam ao ouvido apagou a sua heterogeneidade. A música, apesar de nunca ter reivindicado esse estatuto, ali, provou-nos que é uma linguagem universal.

Percepções criam-se e consolidam-se sobre a música. Nós, também, como quaisquer outros cidadãos, tínhamos as nossas. A verdade é que aquele trio de artistas moçambicanos, ao qual se associou o percussionista francês, M'Sagarra Nicolas, formando um quarteto inspirado e inspirador, conseguiu desconstruir a nossa noção de música, ao mesmo tempo que propôs outra que apesar de ser de difícil percepção – por ser nova – nos agradou. Essa música invade as entranhas.

É provável que não existam palavras para adjectivar a relação que estes músicos – com destaque para Chico António – travam com a música: uma conexão em que todos os instrumentos de percussão, a bateria, o xigovia, a mbira e a flauta, se deixam auxiliar por uma gargalhada, um berro masculino e, porque não, um grito inocente de uma criança. No Projecto Trânsito, uma experiência de colaboração artística oportuna, a música e a musicalidade tornam-se conceitos ténues.

Neles, as imagens de música, as sonoridades, por vezes, as mensagens são emitidas de forma bruta – empregando-se palavras objectivas –, enquanto noutras, talvez por se estar diante de sons abstractos, mesmo os produzidos pelas vozes, o ouvinte é que tem de reconstruir a informação em função da sua percepção, incluindo as idiosincrasias habituais.

**“Vamos amadurecer continuamente”,
Edmundo Matsielane**

Como é que foi o processo dos ensaios até que se colocasse o produto final diante do público?

É interessante porque desde o princípio, o nosso ensaio consiste em fazer uma parte do trabalho e deixar uns 30 por cento para ser completada pelo público que partilha experiências connosco. Essa é a ideia do projecto. Diríamos que é como se os nossos concertos fossem um caso organizado.

Acho que em resultado das experiências que faremos aqui, quando chegar a vez de actuarmos no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Março, o projecto terá um grande amadurecimento. Haverá muito mais complementos – a luz, mais público, mais espaço – que irão enriquecer o concerto.

**Como está a ser a experiência do primeiro
concerto do Projecto Trânsito?**

Temos a fé de que o intercâmbio artístico entre mim, Edmundo Matsielane, a Chude, o Chico António e o M'Sagarra Nicolas – incluindo a possibilidade de estar em contacto directo com o público – será algo muito mais interessante ainda. O projecto está aberto a receber outros artistas que, no futuro, irão querer compartilhar as suas experiências no âmbito da iniciativa.

Para que a iniciativa não sofra um interregno – como impacto da minha saída e da Chude – pensamos em criar uma alavanca que consiste na integração de outros artistas. O Chico irá ficar com o Nico, mas quando eu regressar o projecto irá continuar.

Para que não se pare é necessário que alguns músicos – ou cidadãos que apreciam a música – se associem a nós para tornar o projecto robusto. Precisamos do público para que juntos possamos fazer o Trânsito que é uma matiné em que as pessoas têm a possibilidade de passar as tardes de domingo a escutar (boa) música ao vivo, reforçando a visibilidade da nossa cultura.

“Encontrámos um espaço de união”, Chude Mondlane

“O projecto chama-se Trânsito porque os artistas que o constituem são amigos que pretendem transmitir as suas experiências como pessoas e como músicos. Juntamo-nos num espaço de trânsito, onde nos iremos encontrar por algum tempo de modo que, mais adiante, possamos continuar os nossos trajectos pessoais”.

“Somos artistas do mundo porque temos inspirações musicais de diferentes partes da terra. Consumimos diversos estilos de canto e dança – como, por exemplo, makwaela, xingonama, de música russa e clássica – que enriquecem as nossas experiências. O mais im-

portante é que, ainda que tenhamos personalidades muito diferentes, encontramos um espaço comum de união. Um espaço em que podemos confiar um no outro e criar uma base de música”.

“É como se estivéssemos a construir um barco que nos possibilitará viajar para qualquer lugar na música. Por isso temos a certeza de que cada um de nós irá aportar num sítio interessante. E, dessa maneira, a música irá desenvolver. Todos os domingos, vamos realizar estes concertos, até acumularmos todos os trabalhos de modo que os resultados sejam apresentados num show a ser realizado no “Franco-Moçambicano”, num dia ainda a anunciar”.

“As coisas que, na música através da minha voz, pretendo partilhar com o público são as minhas ideias que às vezes saem em forma de melodia, memórias de interacção como, por exemplo, uma criança a chorar, uma mãe a cuidar dela, incluindo as palavras meigas e outras grossas, marcantes e cheias de força para mudar e transformar a realidade. Então, trata-se de uma mistura de experiências”.

“Neste processo de actuações, aqui, no Modaskavalu, queremos explorar novas experiências com o público presente. Penso que improvisar e criar a música na ausência do público é muito diferente de quando o mesmo pode participar. Ou seja, o público dá-nos algo que nos inspira a trilhar por um caminho em que descobrimos novas maneiras de interpretar a música”.

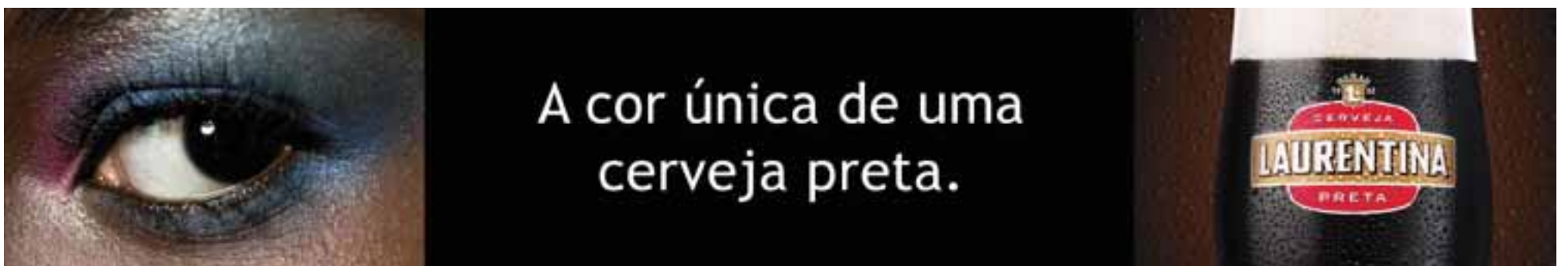
“No Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, estaremos um pouco mais distante do público, o que não acontece no Modaskavalu, onde os concertos são intimistas. Outra diferença é que, o último show será o resumo do nosso quotidiano aqui, em Maputo, como cidadãos moçambicanos e/ou pessoas do mundo”.

“As pessoas devem explorar outras propostas de música”, Chico António

“Como se viu, o público que assistiu ao concerto é homogéneo. Não é diversificado. Eu gostaria que os moçambicanos não tivessem medo de investir algum tempo do domingo para assistirem aos espectáculos do projecto Trânsito, a fim de escutarem outro tipo de música”.

“Eu sei que as pessoas estão acostumadas a ouvir música com muito barulho, mas existem outras propostas que devem ser exploradas, a fim de que se percebam as sonoridades de outro tipo de instrumentos musicais. O Projecto Trânsito confere essa possibilidade aos cidadãos”.

Publicidade



A cor única de uma
cerveja preta.

Crónicas de Maputo interpretadas por uma cidadã sérvia

Nas suas “Crónicas de Maputo” – uma mostra de arte recentemente encerrada na Mediateca do BCI-Fomento, Espaço Joaquim Chissano, em Maputo – a artista plástica sérvia Branislava Stojanovic (Brana) retratou os aspectos nobres da capital moçambicana. No entanto, a intenção de desenvolver uma crítica construtiva, em relação aos aspectos negativos, não chega a suavizar a corrupção. Na sua pintura, os agentes da Lei e Ordem são apenas um exemplo dos actores desse mal...



Texto: Inocêncio Albino • Foto: Miguel Manguze

@Verdade: Desta vez, Brana decidiu retratar a cidade de Maputo. Qual é a motivação?

Branislava Stojanovic (BS): Essa exposição chama-se “Crónicas de Maputo”. Como eu vivo aqui há quatro anos, decidi expor na tela o meu ponto de vista sobre a urbe. Por exemplo, nas minhas mostras precedentes falei muito acerca dos aspectos bonitos de Maputo que é uma cidade que aprecio. Sinto-me praticamente em casa. Por essa razão senti que devia dar o meu ponto de vista em relação ao espaço em que me encontro. De forma irónica, retrato os problemas que constituem o quotidiano dos maputenses na urbe.

Os moçambicanos são um povo muito alegre, animado, que ainda que não sejam ricos – sob o ponto de vista material – sabem enfrentar as dificuldades com alegria. Então, de certa forma, eu tentei falar sobre as problemáticas com que a sociedade moçambicana, como um todo, se debate, mas de uma maneira alegre como os moçambicanos são. É esta a ironia que eu desenvolvo nas minhas peças.

@Verdade: A obra que resume a sua mostra tem como título “Esconde-esconde”. O que é que está escondido em Maputo?

BS: Na produção das minhas telas, sempre tenho usado o mesmo material, a capulana, que é um símbolo muito forte em Moçambique. É verdade que ela não é daqui, mas ela ganhou um significado peculiar na vivência do povo. Tanto é que assim que eu cheguei aqui, descobri-a e encantei-me com a forma como a capulana faz parte do quotidiano da mulher moçambicana.

Então, penso que por aqui tudo está escondido, a capulana, a vida, a moçambicanidade, a beleza da mulher, as coisas que não são lindas mas que constituem o quotidiano da população local.

@Verdade: Num determinado quadro, inverteu a umbrela para propor Uma Nova Lógica. Como a traduzi na vida prática?

BS: Muitas vezes eu sinto que os moçambicanos não conhecem muitas coisas que constituem a vida dos europeus. Por isso percebo que eles – e, em certo grau os africanos – vêem a realidade de uma outra maneira, com base numa outra lógica. O que eu não quis dizer é se esta lógica é certa ou errada, se é justa ou injusta, mas sublinhei a sua diferença. Daí que o guarda-chuva aparece ao avesso, não para abrigar-nos da chuva mas, antes, para acolhê-la.

@Verdade: Na obra Fui Admitido, desenvolve uma questão que tem a ver com a vida pessoal ou é mesmo fruto da sua imaginação criativa?

BS: Muitas vezes, nós, as pessoas, trabalhamos em sectores em que não nos sentimos felizes, mas, devido às complicações sociais de diversa natureza, somos impelidos a trabalhar. Noutras situações, por causa do referido contexto, as pessoas são tratadas como objectos e não como seres humanos. Ou seja, há vezes que nós não tratamos bem os nossos chefes, havendo,



inclusive, momentos em que somos maltratados por eles. Então, esse é um problema adjacente à questão da admissão ao trabalho.

Em relação ao tópico retratado, utilizei cores coloridas porque não pretendo fazer uma crítica destrutiva, mas emitir uma mensagem que seja edificante. É certo que, em determinados trabalhos, desenvolvo assuntos que tenham um pouco a ver com a minha vida pessoal porque não é sempre possível transmitir uma experiência que não vivi.

@Verdade: Criou uma obra em que aparece um polícia que usa um colecte costurado com base em material metálico das latas de refresco. Ele pos-

sui uma arma – o que nos dá a ideia de que é o garante da segurança, mas também podia ser uma pessoa que está (bem) preparada para a guerra. Qual é o sentido que pretende emitir?

BS: Pode ser que o quadro represente uma acusação contra os polícias que, ainda que estejam na rua (por diversos motivos), não inspiram segurança ao cidadão. Os polícias passam a vida a pedir esmola, ao cidadão, para comprar refresco. Isto, para eles, pode parecer normal mas não está correcto.

Então, está-se perante uma brincadeira em que eu mostro um polícia que veste um protector costurado com base nas latas de refrescos que ele pede aos cidadãos.

@Verdade: Estará, no mesmo quadro, a falar da questão da corrupção?

BS: Talvez! Acho que é um ponto de vista válido.

@Verdade: Concebe o guarda-chuva como um instrumento de protecção, para noutra ocasião invertê-lo criando Uma Outra Lógica. Que relação existe entre ambas as obras?

BS: Penso que se trata de um caso em que temos uma coligação que não foi pensada, premeditada, mas é intuitiva. São temas diferentes porque Uma Outra Lógica mostra-nos como usar o material de forma diferente, enquanto A Protecção revela-nos a possibilidade da união para desenvolver um trabalho colaborativo de forma conjunta.

@Verdade: Como analisa a questão da moda nessas “Crónicas de Maputo?”

BS: Como se pode perceber, eu uso muito a capulana, o que significa que aprecio muito a moda da cidade de Maputo. As mulheres moçambicanas têm uma criatividade espontânea. Vestem-se todos os dias, sem pensar muito nisso mas ficam muito bonitas. A capulana, em si, é uma peça linda e rica.

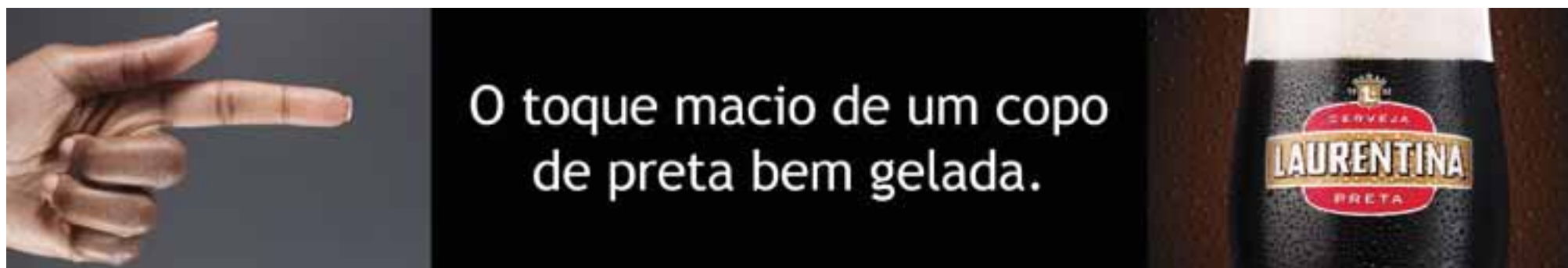
@Verdade: Há aspectos lunáticos – ou até filosóficos – por aqui, como por exemplo, Um Abraço Espacial...

BS: É apenas um pouco da expressão de um desejo de voar. A vontade de fazer as coisas surreais ou sobrenaturais.

@Verdade: Tem enfrentado algumas limitações nesse campo?

BS: Agora não me ocorre nenhuma. Penso que na pintura tenho mais liberdade do que se trabalhasse com outros materiais. A pintura dá-me a possibilidade de desenvolver acções que, talvez, na vida real não seriam possíveis.

Publicidade



Nomo: Um exemplo de persistência!

O sonho é uma perspectiva que nos move para a concretização de um desiderato, no percurso do qual há obstáculos. A coragem, a determinação e o amor – em relação ao desejado – são as principais ferramentas a aplicar. O multifacetado músico moçambicano, Vicente Ernesto Mondlane (Nomo), é um exemplo disso e de persistência.

Prefere que lhe chamem Nomo. Mas, no assento de nascimento, é Vicente Ernesto Mondlane. O artista possui uma história curiosa. Diz que nasceu a saber cantar, o que – na sua percepção – se comprova pelo facto de que “na minha infância, sempre que entoasse uma canção as pessoas ficavam maravilhadas”.

Desengane-se, então, quem pense que o aspecto peculiar da sua história seja esse. É que Nomo esmerou-se no canto no “laboratório” do curandeirismo do seu pai. E explica: “Como o meu pai era curandeiro, vezes havia em que ele me convidava para cantar enquanto fazia os rituais. Naquele momento eu observava como se tocava o batuque porque, em inúmeras ocasiões, se realizavam festas em casa relacionadas com o trabalho do meu pai. Eu aproveitava para aprender”.

Aos 12 anos de idade, além de admirar o seu ídolo Alberto Machavele, Nomo cantava e tocava batuque com alguma mestria. Desde então, em quase todas as actividades em que se envolvia, passou a ser bem-sucedido, o que, em parte, se deve ao talento invulgar que possui. A sua admiração pela pessoa de Machavele é outra força motriz que o conduz ao êxito.

A experiência que teve durante a proclamação da independência nacional, em 1975, é um dos episódios mais marcantes na sua vida artística. Sobre o assunto, Nomo recorda-se de que, na altura, era aluno da Escola de Matutuine onde – a par dos seus colegas – recebeu a informação sobre o feito e a missão de preparar, para apresentar em público, algumas performances artístico-culturais. Recriou uma canção sobre a prisão do imperador de Gaza, Ngun-gunhana – da autoria de Alberto Machavele –, incluindo algumas danças tradicionais que constituíram a ementa da sua actuação.

A carreira

Dois anos depois da proclamação da independência nacional, Nomo emigra para a província de Inhambane – a terra natal do seu ídolo – onde, para além de se associar a uma colectividade artística local, permaneceu quatro anos.

A sua partida para a República da África do Sul, em 1983 – onde ia procurar melhores condições de vida – foi, para si, uma grande mágoa uma vez que foi no mesmo ano que conheceu Pascoal Gumbane, outro artista, que explorava o mesmo estilo musical de Machavele. “Senti-me triste com a situação, mas o facto de conhecer artistas como Black Mambazu – que exploravam o mesmo género musical na África do Sul – serviu-me de consolo”, comenta.

Ainda na África do Sul, em 1985, Nomo formou um grupo de canto no local do trabalho. Diz-se que o patronato apreciava o movimento que instalara pois ele dinamizava a massa laboral. Aliás, dessa experiência, bons resultados não faltaram: o artista foi promovido, as condições de trabalho melhoraram e ainda lhe restava um tempo suficiente para se dedicar à música. É como ele narra: “eu via a alegria nos meus colegas e o entusiasmo no trabalho”.

O meu pai tinha 42 filhos

De regresso a Maputo, no ano seguinte, juntou-se a alguns dos



Texto: Redacção/Delfina Cupensar • Foto: Miguel Manguze

seus irmãos – como os quais cantava as suas composições e de Machavele. Sobre o processo da selecção dos artistas para a sua colectividade, Nomo revela que “foi fácil encontrar as pessoas para cantar comigo, porque o meu pai tinha 42 filhos e sete mulheres. Não precisei de solicitar o apoio de pessoas de fora da família. A banda – inspirada nas canções de Machavele – chamava-se A Mandla Mondlane. Muitas vezes cantávamos em cerimónias familiares como, por exemplo, casamentos, nas quais mesmo as minhas mães actuavam embora o grupo fosse, essencialmente, constituído por oito pessoas”.

De uma ou de outra forma, se Nomo se assume como uma pessoa polivalente, tal atributo não é expresso nas artes, mas nas actividades laborais. Nessa vida, Ernesto Mondlane já se dedicou a actividades comerciais, dentro e fora do país – foi canalizador, pintor, pedreiro, cozinheiro, etc. É como o cantor afirma: “desde sempre fui polivalente. Deus deu-me este dom”. No seu percurso, houve épocas em que – na sua actividade comercial – Nomo trabalhava com 14 pessoas na condição de empregados.

A partir de 1990, altura em que Nomo foi convidado a trabalhar numa padaria, o seu grupo de música desapareceu. É que o cantor se desligou definitivamente da arte.

Sonhar com o ídolo

Com a morte de Alberto Machavele, em 1992, Vicente Mondlane ficou muito abalado. É sobre isso que narra que, uma vez, enquanto dormia sonhou com o seu ídolo a dizer-lhe: “acorda e procura a minha casa”. Na manhã do dia seguinte prontificou-se a cumprir a missão dada.

A sua sorte é que o corpo do seu ídolo devia ser trasladado para Inhambane – a sua terra natal –, onde foi realizado o funeral. Durante quatro dias consolou a família do malogrado. A concorrência da parte do sobrinho do falecido na interpretação das suas músicas foi o motivo da não ida de Nomo a Inhambane. “Ele queria ser o único a cantar as músicas de Machavele”, revela.

Instala-se um novo problema

Algum tempo depois, a banda musical de Machavele, Nkava Vanga Yete, procurou-o a fim de que ele se juntasse à colectividade. A situação indignou a esposa do perecido – não, necessariamente, por estar contra mas – por não se conformar com o facto de que Nomo fosse abandonar a sua actividade comercial, que lhe rendia elevadas somas, para se dedicar à música e ganhar 300 meticais diários por actuação. Por outro lado, segundo Nomo, o sobrinho de Machavele não simpatizava com a ideia de que ele cantasse as músicas do seu tio. É que o seu sucesso nisso lhe abespinhava. Acusado de explorar as composições do finado, Ernesto Vicente foi multado e condenado pelo tribunal a não cantar mais as ditas composições.

A partir daí começou a compor as suas canções, preservando o estilo do mestre. Tornou-se famoso, contudo, o sobrinho de Machavele não lhe deixava em paz. “Um dia, depois de um espectáculo, ele ameaçou-me, obrigando-me a parar de cantar. No dia seguinte acordei com a boca virada. Passei um mês sem conseguir falar. Melhorei gradualmente. Fiquei com problemas na boca durante três meses. Esses problemas vinham acompanhados de outras dores que não conseguia entender. Sofri muito. Foi aí que decidi parar de cantar”, relewa.

Personalidades moçambicanas como, por exemplo, Marcelino dos Santos, Graça Machel, e Fátima Gulamo – que reconheciam o seu talento –, apoiaram-no no processo da recuperação. No entanto, refira-se, nem os pesares pelos quais passou Nomo se dá por vencido. Actualmente, possui um grupo cultural, com o mesmo nome (Nomo), e luta para se tornar um dos mais célebres artistas que Moçambique possui.

Actores de teatro solidarizam-se com as vítimas das cheias

Os Grupos de Teatro Makwero e Amizade realizaram no Sábado passado, 16 de Fevereiro, a apresentação das peças teatrais “Kuphanda” e “Romeu & Julieta”. A iniciativa decorreu na Casa da Cultura do Alto Maé e tinha como objectivo angariar bens para apoiar as vítimas das cheias no país.

Ao que tudo indica, se os responsáveis da Casa da Cultura, na cidade de Maputo, não tivessem colocado o teatro naquele recinto, muito tarde, a campanha dos Grupos de Teatro Makwero e Amizade – para a angariação de bens materiais a fim de beneficiar as vítimas das cheias no país – teria sido muito mais produtiva.

É que, de acordo com a informação veiculada ao público, no Teatro Mapiko da Casa Velha, a actuação do Grupo de Teatro Makwero devia ter iniciado às 14 horas, o que moveu os actores daquele conjunto a deslocarem-se para a Casa da Cultura às 12 horas. O objectivo era organizar a sala e adequar o cenário ao conceito da peça.

Sucedeu, porém, que – de uma actividade cujo início havia sido marcado para arrancar às 14 horas – os actores só tiveram acesso à sala às 15 horas. O impacto da situação originou que parte significativa do público que se havia programado, em função do horário inicial, abandonou as instalações.

Já sem um grande público, a peça “Kuphanda” – o mesmo que desenrascar a vida – foi apresentada alguns minutos depois das 16 horas, ao passo que os protagonistas da obra “Romeu & Julieta”, na versão moçambicana, do Teatro Amizade entraram em cena às 17 horas e 30 minutos.

De uma ou de outra forma, perto de 50 pessoas, na sua maioria jovens de ambos os sexos, assistiram ao “Kuphanda”.

O que se sabe sobre “Kuphanda”? Em cena, encontram-se três crianças (Danito, Tomás e Crescência) todas de 15 anos de idade, alunas da 9ª classe, com um domínio de representação cénica e de imaginação invulgar. Os actores, que falam sobre todos os problemas que apoquentam aquela camada social, – decorrentes da instabilidade no seio da família que se alastra por todo um espaço social – é como se quisessem rebelar-se com o facto de, teimosamente, serem considerados “flores que nunca murcham”.

Os petizes, cada um com a sua história peculiar, experimentam uma situação deplorável, similar àquela que se passa quando alguém é abandonado (à sua sorte) pelos pais na rua.

Como se viu, se o público esteve do princípio até ao fim do espectáculo em sincronia com os actores, ovacionando-os, há um grande impacto na vida dos apreciadores de teatro. Um resultado que não somente se limitou no objectivo específico daquela actuação – a angariação de recursos para a satisfação de causas filantrópicas – mas, também, a criação de um espaço público em que pessoas de todas as idades discutem os problemas sociais com que se debatem. / **Texto : Inocência Albino**

Publicidade



A CERVEJA QUE DESPERTA OS TEUS SENTIDOS

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.

Tornar-se produtor de música para alimentar a família



Desde criança, Arsénio Marques (Achien) – um artista nativo da província de Nampula – é dependente de música. No entanto, se nos dias que correm se dedica àquele ramo, fá-lo para sobreviver. Durante muitos anos, cantar e dançar em público era par si um mistério...

Texto & Foto: Redacção/Sebastião Paulino

Tudo começou nas brincadeiras com os seus amigos. Quando Achien voltava da escola cantava nas ruas e alguns locais de maior concentração de pessoas como, por exemplo, nos mercados e nas paragens, imitando músicas de outros artistas como forma de mostrar o talento que possuía.

Com os seus companheiros mais chegados, em 1999, foi à Casa de Cultura onde começou a aprender a tocar alguns instrumentos musicais como piano, guitarra e, igualmente, passou a cantar, com o objectivo de concretizar o sonho de se tornar um grande artista.

Em 2002, Achien integra a Banda Mitodjetcho a fim de ganhar espaço na praça e mais habilidade vocal e aprimorar a sua “relação” com os instrumentos musicais.

De 26 anos de idade, o músico diz que passou a pertencer à Banda Mitodjetcho através de um elemento do grupo que o convidou em reconhecimento do seu talento, expresso nas actuações da Casa da Cultura. Para ele, integrar aquele conjunto foi o realizar de um sonho.

Com aquela Banda Achien diz que visitou alguns países da Europa, em 2005, como, por exemplo, Holanda e Itália, onde foram actuar ao vivo e gravar o primeiro trabalho discográfico. Quando regressou, em 2005, o grupo pensou em gravar mais temas que poderiam compor o segundo álbum. Foi nos estúdios da GM-Produções, onde o artista se apaixonou pelo trabalho de produção musical.

Em cada composição que a colectividade gravava, Achien dava o seu apoio com base no conhecimento informático adquirido na Casa da Cultura, ao mesmo tempo que aprendia as técnicas da produção musical, o que levou a GM-Produções a convidá-lo a fazer parte da sua equipa.

De acordo com as suas palavras, quando lhe fizeram a proposta, ficou feliz mas, dias depois, enfrentou algumas dificuldades na conciliação das várias actividades que tinha. “Quando passei a fazer parte da GM – Produções em 2007 tudo me parecia difícil, mas com o tempo comecei a dominar o trabalho e a ter as minhas próprias formas de produzir uma música em menos tempo”, refere.

Achien afirmou ainda que com a ajuda dos colegas do trabalho, no dia-a-dia melhorava a sua actuação, ganhando novas expe-

riências e conhecimentos. Passou a ter mais confiança do proprietário da produtora, incluindo alguns músicos.

Alguns trabalhos discográficos de certos artistas conceituados de Nampula como, por exemplo, Janeiro, Amadinho e Geny contaram com a sua colaboração.

Com os conhecimentos, passou a ser concorrido pelas produtoras musicais locais em Nampula. O seu desejo é permanecer na organização onde diz ter “nascido”. Entretanto, com o passar do tempo – rendendo-se à onda crescente de convites –, em 2009, o músico acabou por passar a trabalhar para a DO-Studio.

Naquele estúdio, em resultado do seu trabalho, as condições sociais de Achien melhoraram. Afinal, além de produzir música, passou a dar alunas de produção musical na Casa da Cultura. “Não quero dizer que vivo da música, mas sim do trabalho que faço na produção e na Casa da Cultura consigo sustentar o meu agregado familiar”, considera.

“Passei por muitos estúdios desta cidade, mas ainda não concretizei o meu sonho – tornar-me um empresário do sector. A insuficiência de meios financeiros é o principal entrave. Tenho que comprar os equipamentos necessários para tal. Até 2015 quero ter o meu estúdio de gravação”, afirma, e acrescenta: “Digo até 2015 porque mantive alguns contactos com alguns produtores nacionais e estrangeiros que me prometeram apoio em termos de equipamentos, sobretudo na aquisição da mesa de som”.

Aquele produtor lamentou o facto de nos últimos tempos se assistir, em todo o país, à prática da contrafacção de produtos artístico-culturais. Achien diz que existem instituições do Governo que deviam defender os direitos dos artistas, mas estas não fazem nada. “Por exemplo, em Nampula, conheço casas e estabelecimentos comerciais onde se gravam discos, e as autoridades municipais desta cidade nada fazem para pôr cobro a isso”, afirma.

Por outro lado Achien culpa os próprios cantores que logo que acabam de gravar as suas músicas lançam-nas imediatamente nas rádios comunitárias existentes na praça. É que alguns locutores de mã-fê distribuem e expandem a música antes do próprio artista.

Para si, o combate à pirataria passa pela punição exemplar dos seus autores, afinal, “o que se verifica na actualidade é que temos muitos agentes que sobrevivem através da gravação de discos piratas. O Governo não toma medidas contra os infractores, que são os que matam a nossa cultura”.

Isis Mbaga evolui com “Chamada Étnica”

A conceituada estilista moçambicana, Isis Mbaga, procedeu na noite de ontem, 21 de Fevereiro, ao lançamento da sua nova colecção designada “Chamada Étnica da Estilista Isis Mbaga”. O evento contou com a presença de especialistas do sector, amantes da moda e do público.

A par do News Café, o desfile foi produzido pela Nhelete Models – uma agência de modelos recentemente lançada, que pretende trabalhar rumo ao desenvolvimento da moda – e contou com a parceria do Ginásio ProGym

& Lovoka.

Sabe-se que a “Chamada Étnica” é uma colecção produzida com base na capulana de Nampula. Foi criada especialmente para o público feminino, com o objectivo de “despertar o interesse pelo referido tecido rico e sofisticado, empregando-se cortes modernos e ousados”.

A colecção é composta por vestidos, longos e curtos, corpetes, calças e macacões, blazers e minissaias. As peças traduzem uma chamada de atenção para a valorização da produção nacio-

nal, materializado através do traço já conhecido da estilista que cria vestes ricas em termos de conforto, como forma de demonstrar que é possível vestir-se de forma moderna e sofisticada explorando roupas costuradas a partir de material local.

Isis Mbaga é uma jovem estilista moçambicana estabelecida. É formada em estilismo e modelismo pela Academia Internacional de Coupe de Paris, tendo escrito o primeiro livro sobre moda no país intitulado “Retalhos de Tecido e Arte”. /Redacção

Mozambical

Niosta Cossa
www.verdade.co.mz

Estado de Arte

Se nós quisermos chegar a algum lado como povo, teremos de começar a parar de brincar. Principalmente com coisas sérias. Teremos de parar de brincar com coisas sérias. Aliás, teremos de começar a levar a sério as coisas sérias.

A arte, a música, são matérias sérias. Assim sendo, têm de ser levadas a sério. E o primeiro passo para se começar a levar a sério a arte e/ou a música é começar a deixar que os entendedores comentem sobre as mesmas. Pois, estes, os entendedores, vão, por exemplo, comentar sobre música dentro dos parâmetros musicais, usando linguagem musical. Tecerão comentários credíveis, que se cingirão ao universo musical. E também terão a coragem suficiente para escrever exactamente aquilo que vão captar da matéria que estará diante deles. Afinal, ser crítico de música é, acima de tudo, ser um indivíduo corajoso e descomprometido e profundo conhecedor da matéria – a música.

Portanto, já é tempo de os sociólogos e antropólogos pararem de fazer crítica de música: os sociólogos e antropólogos que tratem da sociologia e da antropologia. Já é tempo de locutores pararem de se fazer de críticos de música: os locutores que se ocupem da locução radiofónica. Do mesmo modo que os jornalistas-escritas têm de parar de escrever críticas de música e ocuparem-se das suas verdadeiras funções.

A crítica de música deve ser deixada para os críticos de música.

1. Neste país, quando se fala/escreve sobre um álbum de música, no lugar de se dizer se o álbum é bom ou mau, fala-se/escreve-se que este é *uma viagem ao âmago da cultura Ronga* como se quem quer ler sobre o álbum estivesse interessado em saber se o mesmo era uma viagem ao âmago ou ao rabo da cultura Ronga. Os amantes de música querem saber se o álbum é bom ou não. E mais nada. Se o álbum é um contributo para a cultura universal dos homens, isso não é matéria para os críticos de música nem para os amantes/ouvintes de música: é assunto para sociólogos, antropólogos, historiadores, etc. O crítico tem de dizer ao leitor se o álbum é bom ou mau. Como é bom ou porque é mau. E somente isso.

Os que têm escrito sobre música em Moçambique têm tido o irritante vício de ignorar a arte e focar as origens ou pureza dos ritmos da música, para além de enaltecer os significados das letras. Têm ignorado o essencial (a arte) e se agarrado ao superficial (*nacionalidade dos ritmos e significado das letras*). É por isso que vão escrevendo artigos vazios, longos e maçadores sobre o conteúdo quando se deveriam preocupar com a *forma*.

Ora, a música lida essencialmente com a *forma*, com os caminhos por que trilha a música, não com o seu conteúdo. Se a música lidasse com o conteúdo, por exemplo, com o que dizem as letras, então, a música instrumental não teria valor algum. Se a pureza dos ritmos nacionais tivesse algum valor na execução artística, por conseguinte, todos aqueles artistas e álbuns que optaram ou que fizeram uma fusão de ritmos e culturas distantes não teriam valor. E, em última instância, a música seria estática e morta.

2. Em Moçambique, abusivamente e ignorantemente, querem ou esperam que o artista seja educador da sociedade. Por exemplo, para que se consiga um patrocínio, muitas vezes, é exigido aos artistas que as suas obras ou espectáculos sejam *uma reflexão sobre o HIV/SIDA ou um ponto de encontro entre culturas ou por uma valorização da juventude*, etc. Nunca se deixa que seja puramente uma manifestação artística. É por isso que grande parte dos artistas moçambicanos é medíocre e as suas obras são insonsas e descartáveis. Pois os desgraçados dos artistas deixam de fazer arte e ficam a recriar expressões culturais e a escrever letras que sejam possivelmente educativas.

O mesmo mal afecta os críticos, os que escrevem sobre a arte em Moçambique. Entre estes permanece o erro de confundir a *História* com a *Arte*. Ora, que uma obra descreva a trajectória ou a história de um dado povo não é suficiente para que seja uma obra de arte. Uma obra, para que seja considerada “de arte”, precisa de muito mais do que descrever a história ou trajectória de um povo. *Precisa de ter arte na composição e engenho na execução*.

Do mesmo modo, há o vício desconcertante de se confundir o *Belo* com a *Arte*. Enfim, o facto de uma obra ser bela não significa que seja uma obra de arte. Uma obra bela é uma obra bela e uma grande obra é uma grande obra. Tal e qual uma mulher bela é uma mulher bela e uma grande mulher é uma grande mulher, contudo, em alguns momentos, podendo ser a mesma pessoa/coisa. Uma obra não precisa de ser bela ou agradável para que seja grande: precisa apenas de ser reveladora, profunda, inovadora e poderosa; uma nova possibilidade artística: um fluxo artístico que seja continuamente surpreendente, vivo, audacioso e superior.



SEMANA DStv



J. EDGAR

J. Edgar Hoover foi chefe do FBI durante quase 50 anos e faria tudo para proteger o seu país. Temido por uns, admirado por outros, guardava segredos que poderiam ter destruído toda a sua vida.

DIA 01 DE MARÇO, 23:30, TVC1

A PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:25 Fantástico DISCOVERY 19:25 Top Gear 21:10 O Segredo das Coisas: Episódio 7 21:35 O Segredo das Coisas: Episódio 8 TV RECORD 20:30 Prova de Amor 21:30 Fala Portugal 22:00 Alta Estação	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:25 Big Brother Brasil TV RECORD 20:30 Prova de Amor 21:30 Fala Portugal 22:00 Alta Estação 23:00 Balacobaco TVC4 19:45 Beijos que Matam 21:40 Caçadores de Bruxas 23:10 Super 8	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:25 Big Brother Brasil MTV 19:50 Plain Jane 20:35 16 And Pregnant: Life After Labour 21:45 Hollywood Heights 22:30 Awkward FOX 21:06 Lei & Ordem: Unidade Especial 22:19 Family Guy 22:44 American Dad	GLOBO 19:55 Malhação 20:25 Lado a Lado 21:15 Guerra dos Sexos 22:15 Salve Jorge 23:10 Big Brother: Brasil AXN 20:56 Mentos Criminosas 21:46 C.S.I. Miami 22:36 Investigação Criminal 23:30 O Mentalista 00:26 Jogo de Audazes PANDA BIGGS 18:45 Tudo É Rosie 19:00 Mini Justiceiros	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Salve Jorge 23:25 Big Brother Brasil FOX CRIME 20:32 Lie to Me 21:16 Os Reis da Fuga 22:00 Lei e Ordem Los Angeles 22:45 Lie to Me 23:30 C.S.I. NY TVC1 16:45 Capuchinho Vermelho: A Nova Aventura (V.P.) 18:10 Guia do Amor	TVC2 20:10 Revolta no Pacífico 22:20 A Condessa 00:00 The Lady: Um Coração Dividido SS1 MÁXIMO 16:55 Real Madrid x Barcelona 19:00 Wigan Athletic x Liverpool 22:55 Valência x Levante SS2 MÁXIMO 16:45 Man Utd x Norwich City 19:25 Bayer Leverkusen x Estugarda	SS1 MÁXIMO 13:25 Torino x Palermo 17:30 Tottenham Hotspur x Arsenal 20:55 Málaga x Atlético Madrid 21:55 Real Sociedad x Real Betis TV RECORD 15:45 Receita Pra Dois 16:30 Programa da Tarde Especial 19:00 Programa do Gugu 00:00 Domingo Espectacular AXN 20:06 XIII

OS DESTAQUES



SELVA SOBRE RODAS

Um pequeno grupo de divertidos e adoráveis animais com rodas que exploram uma selva bem diferente preenchida com uma rede de estradas flutuantes. Os habitantes da selva são metade animal e metade viaturas e têm a missão de animar os mais novos diariamente. As mensagens transmitidas pretendem ser positivas e as personagens têm consciência da fragilidade da natureza e da importância de respeitá-la. Noções de prevenção rodoviária estão também presentes através da utilização de sinais de trânsito, semáforos e mapas colocados em todo o cenário.

TODOS OS DIAS, 13:20, DISNEY JUNIOR



GUERRA DOS SEXOS CHARLÔ DEDUZ QUE VERUSKA É A ESPIÃ DE OTÁVIO NA POSITANO

Vânia exige falar com Veruska e Nando fica desesperado. Kiko sobe a sacada de um prédio e Roberta fica apavorada. Charlô e Nenê iniciam uma conversa entrosada. Lucilene percebe que a pasta de Felipe desapareceu. Vânia desconfia de Veruska. Kiko fica em perigo e implora que Nieta chame os bombeiros. Felipe sai com Carolina para comemorar a aquisição dos recibos. Vânia encontra o bilhete aéreo que Veruska usou na viagem para o Rio de Janeiro. Roberta repreende Kiko. Charlô e Nenê saem juntos. Vânia descobre que Veruska retirou o conteúdo do bagageiro de Vitória e conta a Dino. Lucilene chega a casa com a pasta. Nieta fica com ciúmes de Vânia com Dino. Frô pega na pasta com os recibos.

TODOS OS DIAS, 22:15, TV GLOBO



PROGRAMA DA TARDE

Bastidores das novelas, entrevistas com atores, festas badaladas, novidades do mundo dos famosos, moda, sexualidade e muito mais para alegrar as suas tardes.

DE SEGUNDA A SEXTA, 17:00, TV RECORD



REAL MADRID X BARCELONA

O Barcelona, líder destacado e isolado da liga espanhola, desloca-se neste fim-de-semana a Madrid para defrontar os rivais do Real. Embora a luta pelo título esteja praticamente extinta, esta é sem dúvida uma grande partida de futebol onde a rivalidade entre as equipas é garantia de um grande espectáculo.

DIA 2 DE MARÇO, 16:55, SS1 MÁXIMO



Pode efectuar o pagamento da sua DStv sem ter de se deslocar a uma loja da MultiChoice?

- Pagamento por ATM da Rede Ponto24 com cartões de débito nacionais de todos os bancos do país
- Pagamento por telemóvel — apenas aplicável para detentores de cartões de débito da rede Ponto24 através do *124#
- Transferência, por internet banking ou depósito directo nas nossas contas do FNB, BCI, Bim, e Standard Bank*

*Guarde o recibo como prova de pagamento

DStv

Ligue para (linha fixa) 21 220 217/18 ou 82 3788 para Mcel, 84 3788 para Vodacom ou envie e-mail para moz@dstv.com ou visite www.dstv.com

Nota: Informação correcta à data de impressão; para obter grelhas actualizadas diariamente visite www.dstv.com





Publicidade

CARNAVAL MATOLENCE
Txiling Club Matola
Ex. d'udas bar

Sab | 23 Fev. | 16h

DJ MANDITO DJ DAMOST
DJ TONNY C. DJ EDSON C. DJ EDSON J.
DJ DILSON DJ MISSY DJ JORGE

o casal c/ melhor fantasia ganha



Segunda a Sábado às 20h35 - **LADO A LADO**

Fátima sobe o morro com Zé Maria para assistir a uma roda de capoeira. Isabel conta a Afonso que vai ao cartório registrar Elias com Albertinho. Celinha e Guerra se casam. Alzira reúne os funcionários do teatro e revela a todos que Luciano não é filho de Manoel Loureiro. Laura, Edgar e Isabel promovem uma festa surpresa para comemorar o casamento de Celinha e Guerra. Laura pede Edgar em casamento. Fernando entrega o documento que passa as ações para o nome de Margarida. Isabel suplica a Albertinho que desista de registrar Elias para se aproximar dela. Albertinho lembra a Isabel que

tem direitos sobre Elias. Umberto comunica a Constância que Albertinho registrou Elias. Zé Maria beija Fátima. Diva comunica a Frederico e Mário que nenhum deles é pai de Luciano. Bonifácio dá uma joia para Berenice. Laura revela a Guerra que é Paulo Lima e diz que só autoriza a publicação de suas matérias no jornal se puder assiná-las com seu nome. Guerra não aceita a proposta de Laura. Jurema e Túlio se beijam. Sandra não aceita a proposta de Teodoro de morar em um apartamento longe de Ângelo. Edgar indica Zé Maria como administrador da fábrica e pressiona Bonifácio para aceitar sua decisão.

Segunda a Sábado às 21h35 - **GUERRA DOS SEXOS**

Manoela é carinhosa com Ciça, e Fábio a observa. Nando fala para Juliana que não quer magoar Roberta. Felipe é acusado de assediar Carolina. Isadora dispensa Ronaldo e beija Kiko, para provocar ciúmes no rapaz. Felipe foge da discussão entre Charlô, Roberta e Juliana. Veruska e Nenê pegam a chave do bagageiro. Carolina não gosta de viajar sem Felipe. Frô fala para Daleta que Kiko a beijou. Ulisses afirma a Lucilene que não a está enganando. Vânia não consegue se concentrar no trabalho e procura Ulisses. Carolina se faz de vítima para Nieta. Nando flagra Vânia e Ulisses juntos. Ronaldo encontra Isadora em uma festa. Manoela fala com Fábio com tranquilidade. Isadora não deixa Ronaldo brigar por causa dela. Carolina ouve uma conversa entre Charlô, Roberta e Juliana. Nenê e Veruska conseguem abrir o bagageiro no aeroporto. Carolina revela a Felipe que sabe como ele pode vencer a aposta contra Charlô.

Carolina sugere que ela e Felipe sabotem o desfile da Positano. Charlô convoca uma professora para ensinar Nando a desfilar. Veruska e Nenê descobrem que Vitório comprou ouro com o dinheiro que ganhou de Otávio. Felipe fica irritado com a liquidação na loja. Charlô, Isadora, Juliana e Lucilene trabalham agitadas. Nenê combina com Veruska de negociar com Felipe os recibos que acharam. Kiko se surpreende ao ver que Roberta não se deixa chantagear. Felipe expulsa Carolina de sua casa. Lucilene vê Isadora agredir Ronaldo. Juliana garante para Vânia que esquecerá Nando. Manoela incentiva Ciça a aceitar que Fábio tenha outro relacionamento. Nenê mostra os recibos para Carolina e ela os leva para Felipe. Kiko fica furioso ao ver Roberta e Nando juntos. Zenon rouba uma moto para ajudar Analú. Manoela procura Juliana.

Segunda a Sábado às 22h15 - **SALVE JORGE**

Waleska se revolta com Rosângela por causa de Morena. Berna cobra explicações de Mustafa. Zyah deixa Morena em sua caverna. Lena conta para Stenio que Lucimar tentará processar Livia. Drika discute com Helô. Morena vê as notícias sobre Theo e fica emocionada. Ayla acredita que Bianca voltou para a Turquia e está na caverna de Zyah. Morena conta a Mustafa que está grávida. Livia fala para Wanda que Helô está trabalhando com Ricardo. Áurea critica Theo por culpar Livia pelo desaparecimento de Morena. Raissa apressa Antonia para se encontrar com Celso. Arturo se sente mal. Demir descobre que Zyah e Mustafa estão ajudando Morena. Clóvis não acredita que Lurdinha encontrará sua irmã por meio da foto de sua pulseirinha. Aisha fica decepcionada com o resultado do exame de DNA. Ayla e Tamar vão à caverna de Zyah. Demir tenta conseguir um emprego para Morena. Celso vai com Érica pegar Raissa na casa de Antonia. Rachel reconhece Wanda e se surpreende ao vê-la falando com Nunes.

Wanda finge não conhecer Rachel. Érica deixa Celso sozinho. Demir leva Morena ao Grand Bazar. Irina afirma a Russo que Rosângela trairá a organização. Garcez encontra Rosângela no aeroporto. Áurea procura Livia. Morena e Demir criam um perfil falso na internet. Rachel e Amanda contam para Aída que Nunes estava com uma mulher no restaurante. Salette acredita que Thompson esteja interessado em Lucimar. Mustafa e Zyah concordam que não precisam saber muito sobre a vida de Morena. Helô vê a foto que Demir colocou no perfil falso de Morena e fica intrigada. Lucimar dá um fora em Diva por causa de Russo. Vanúbia provoca Delzuite. Livia sugere que Wanda coloque Antonia em contato com Lucimar. Ricardo descobre que o perfil falso foi criado na Turquia. Helô não consegue fazer Stenio dar o endereço de Wanda. Theo descobre que Áurea foi falar com Livia e decide procurá-la.

Divulgue de **Verdade** o seu evento cultural, envie-nos a informação em texto para o **SMS 82 1115** ou para o **BBM 28B9A117**.
Se tiver um poster ou folheto envie-nos em formato **PDF** ou **JPEG** para o email **averdademz@gmail.com**.

Publicidade

MATOLA SHINING NIGHT LOUNGE
APRESENTA
FESTIVAL DE CARNAVAL 2013

10 MASCARAS GRATUITAS PARA TODOS OS PARTICIPANTES

DJ NUNO BARBOZA
DJ TONY / DJ HARD

SAB: 23.02.2013
AS 22:00

Publicidade

CASTING UMOJA

CASTING UMOJA - CFC 2013

Escolha com idade entre 16 e 25 anos. Querres fazer parte do UMOJA-CFC 2013? Sabes dançar, cantar, de tocar alguns instrumentos? Então participa do CASTING a ser realizado nos dias 09 e 10 de Março de 2013. Das 09 às 16 horas, no PÓDARTE e Centro Juvenil de Pórtimano de Matola, Av. Filipe Samuel Matola, Nº 552.

Umoja Cultural Pórtimano é uma iniciativa cultural de âmbito internacional com objectivos de promover a troca de experiências em artes e cultura entre os jovens participantes, estimular a criatividade, promover o contacto e o desenvolvimento institucional.

Para mais informações contactar:
Adriana Estrela - 92 520 71 36
Nuno Gomes - 91 98 99 52 69
Marta Pereira - 93 288 14 75

WWW.UMOJA-CFC.COM
WWW.BARCEREA.MZ

ISARC

Cidadão informado vale por dois tenha sempre **@Verdade** perto de si
www.facebook.com/JornalVerdade

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Até perto de 1930, a Nova Guiné era ainda pouco conhecida. Explorações feitas por funcionários governamentais e por prospectores ocasionaram a descoberta duma tribo extremamente curiosa: os Chimbus. Eram em número que não atingia os 300.000 indivíduos.

Vivem de maneira muito primitiva, habitando cabanas isoladas, tão baixas que não se pode lá entrar senão rastejando. Servem elas quase exclusivamente de abrigo para a noite. No território dos Chimbus não há, por assim dizer, estações: os dias são duma duração igual e a temperatura é quase sempre a mesma. As batatas-doces, que constituem o seu principal alimento, são plantadas em qualquer mês do ano. Vivendo ainda como na idade da pedra, os Chimbus não têm para cultivar senão utensílios muito primitivos: machados de pedra e varas pontiagudas. Os alimentos são cozidos quase sempre numa espécie de estufa, sendo colocados no meio de pedras aquecidas ao ponto de ficarem brancas, quer seja numa cavidade feita na terra, ou num cilindro de madeira côncava.

Pormenores interessantes: os Chimbus, na sua alimentação, tanto apreciam os porcos como os cães, gatos, cangurus e ratos.

SAIBA QUE...

“Se queres beber impunemente um ou dois litros de vinho – dizia Catão, o Antigo (ilustre estadista romano do século III a. C.), come, antes, cinco folhas de couve bem temperadas com vinagre”. Este conselho, que sempre pareceu estranho aos grandes bebedores, pelo menos ao reduzido número daqueles que leram o mestre, nunca foi seguido. Mas, apesar disso, Catão sabia muito bem o que dizia. Os médicos acabariam por descobrir que a folha de couve tem virtudes extraordinárias. Dando a um cirroso 400 gramas de couves por dia, 200 gramas cozidas e as outras 200 cruas, o doente melhora e muitas vezes chega a curar-se. Para a nefrite (inflamação nos rins), as couves são igualmente um remédio muito eficaz.

As experiências feitas em coelhos têm dado resultados surpreendentes.

O único instrumento musical que até hoje mereceu a honra de figurar no emblema duma nação é a harpa que aparece na bandeira irlandesa.

O mel, ao contrário do que se supõe comumente, não é a substância mais doce que se conhece. A sacarina é “apenas” 550 vezes mais doce.

O hino nacional holandês tem a sua letra em forma de acróstico (texto poético em que a primeira letra de cada frase ou verso forma uma palavra ou frase) do nome de Wilhelmus van Nassouwen, o Príncipe de Orange, herói máximo da nacionalidade. Só se cantam, no entanto, dois dos 21 versos: os que principiam pelas letras W e M do nome de Wilhelmus, que quer dizer Guilherme.

RIR É SAÚDE

À entrada para um comboio, um senhor simpático vê-se empurrado, socado, calçado, etc., por umas senhoras “mukheristas” que pretendiam entrar a todo o custo. Mais por instinto de defesa do que por maldade, o senhor não teve outro remédio senão defender a sua integridade. Para isso, não pôde deixar de dar o seu empurrãozinho. Qual não foi o seu espanto quando uma das damas vociferou alto e bom som:

- O senhor em vez de estar aqui a empurrar toda a gente devia portar-se como um cavalheiro!
- Era isso mesmo que eu desejava – contestou o sujeito – mas ante a inutilidade do meu esforço, trato de comportar-me como uma senhora.

Certo cavalheiro, que estava casado com uma senhora deveras amarga, farto da situação que já estava a começar a dar sinais de lhe causar uma subida da sua tensão arterial, num belo dia, resolve sair de casa a pretexto de ir comprar o jornal, mas nunca mais lhe foi vista a sombra.

Eis que, passados dez anos, regressa ao “lar doce lar” e, como não podia deixar de ser, é recebido com insultos, empurrões e agressões verbais:

- Então, seu patife, cara sem vergonha, filho do diabo, estive este tempo todo a cuidar da casa e da prole e o senhor no bem-bom! Pode explicar-nos, a título de curiosidade, por onde andou este tempo todo?

Responde o infortunado recém-regressado:

- Já me esquecia que hoje é sexta-feira. Vou buscar o jornal @Verdade e já volto para me retractar.

Decorrido um ano, ainda hoje aguardam pelo dito cujo...

HORÓSCOPO - Previsão de 22.02 a 28.02



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Este aspeto poderá ser o espelho das suas indecisões. Trata-se de um período que requer uma atenção muito especial, pois envolve questões económicas que, não são, de momento, marcadas por aspetos positivos.

Sentimental: No caso de ter uma relação sentimental, viva o seu amor de uma forma romântica e sincera em que a entrega seja total. Irá fazer-lhe bem e encontrará forças para outras tarefas que o perturbam.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: Poderá ser confrontado com algumas dificuldades, que, encaradas com determinação, poderão transformar-se em resultados positivos. Assim, graças à forma como administra as suas economias, a semana passará e terminará com resultados surpreendentes.

Sentimental: Semana muito favorecida para todas as relações de ordem sentimental. Caso tenha par e, saiba agir com inteligência, poderá ser um período muito agradável.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Algumas dificuldades poderão ser a característica desta semana. Não se deixe arrastar pelo desespero; melhores dias virão mas, até lá, seja prudente e cauteloso.

Sentimental: O essencial será compreender o seu par. Não se perca em análises pessoais que o poderão induzir em erro. Será um bom período para se iniciarem novas relações, de ordem sentimental.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: A sua especial apetência para gastos desnecessários poderá criar-lhe algumas dificuldades. Para o seu próprio sossego, não entre em despesas não calculadas.

Sentimental: Será um período de grande equilíbrio. Poderá, durante esta semana, viver momentos agradáveis desde que, conceda ao seu par a oportunidade de se manifestar.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Embora a semana apresente características de normalidade, algumas despesas (que já eram esperadas) poderão causar-lhe certas dificuldades, momentâneas.

Sentimental: O seu par, em termos sentimentais, é o mais importante; assim, tente aproximar-se mais dele e não se esqueça que saber ouvir será uma grande qualidade. Quem não tem par poderá encontrar alguém, muito especial.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: As perspectivas financeiras encontram-se favorecidas. Aproveite este período, use a sua inteligência e os resultados poderão ser, muito, positivos.

Sentimental: Semana em que deverá agir com alguma cautela. O bom e o mau poderão confundir-se. Fique alerta e este período passará, sem grandes problemas. É na tolerância e no diálogo que o amor se consolida.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Este aspeto constitui a sua maior preocupação. Tente aceitar, com calma, as dificuldades que lhe poderão surgir e não se esqueça que as tempestades também acabam e, depois, normalmente, virá a bonança.

Sentimental: Trata-se de um bom período para manifestar toda a sua capacidade de amar; no entanto, não deixe de ter em conta a personalidade da pessoa eleita pelo seu coração.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: O excesso nas despesas deverá ser mais controlado; caso contrário, poderá vir a sentir falta do que gastar hoje, de uma forma, perfeitamente, desnecessária.

Sentimental: O amor é um acontecimento maravilhoso; mas, se der ouvidos a pessoas mal-intencionadas, poderá vir a ter problemas com o seu par. Seja coerente consigo, com os seus sentimentos e nada acontecerá no plano negativo.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: Os aspetos financeiros atravessam uma boa fase. Os investimentos, quando bem analisados, poderão encontrar, neste período, resultados muito favoráveis.

Sentimental: O aspeto sentimental encontra, nesta semana, umas condições muito favorecidas para que tire deste aspeto o melhor partido. O seu par é muito importante para si e não se deve esquecer dele, em circunstância alguma.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Semana sem grandes alterações mas, poderá ser marcada por algumas despesas que, poderão desequilibrar, temporariamente, o seu orçamento pessoal. Seja persistente e acredite que se mantiver o seu “astral” em alta, ultrapassará todos os obstáculos.

Sentimental: Este será um período no qual, todas as precauções que tomar, serão poucas. Não procure a discussão e evite confrontos com o seu par.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Não se deverão verificar grandes alterações. Algumas despesas, durante esta semana, já estavam previstas. Para o fim deste período, a tendência será para que, tudo comece a melhorar.

Sentimental: Este aspeto exigirá, da sua parte, alguma atenção. Não se exceda com o seu par e tente uma aproximação que poderá tornar o ambiente mais leve. Um diálogo aberto e franco poderá ajudar a ultrapassar muitas questões e dúvidas.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Algumas despesas, inesperadas, poderão alterar, um pouco, o seu orçamento; não será nada que, não estivesse à espera. Seja prudente e deixe que a semana passe sem tomar medidas precipitadas.

Sentimental: Este período aconselha a que não deixe de dar toda a atenção à pessoa que ama. Aproveite, bem, a companhia do seu par.

PENSAMENTOS...

- Nunca digas desta água não beberei.
- Nem sempre o bom ambiente muda o carácter.
- Quem se não deixa guiar cai no abismo.
- Nem sempre a morte iguala o mérito.
- O orvalho não enche o poço.
- A felicidade dilata o coração.
- Do indigente ninguém é parente.
- Beleza sem virtude é rosa sem cheiro.
- Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração.
- Tantas vezes vai o cântaro à fonte que um dia lá deixa a asa.

Cartoon





todos os dias

www.verdade.co.mz

twitter.com/verdademz
facebook.com/JornalVerdade



Seja o primeiro a saber. Receba as notícias **d'Verdade** no telemóvel.
Envie um **SMS** para o número **8440404** com o texto
Siga verdademz

(Para deixar de receber envie **PARAR verdademz** para o mesmo número)

